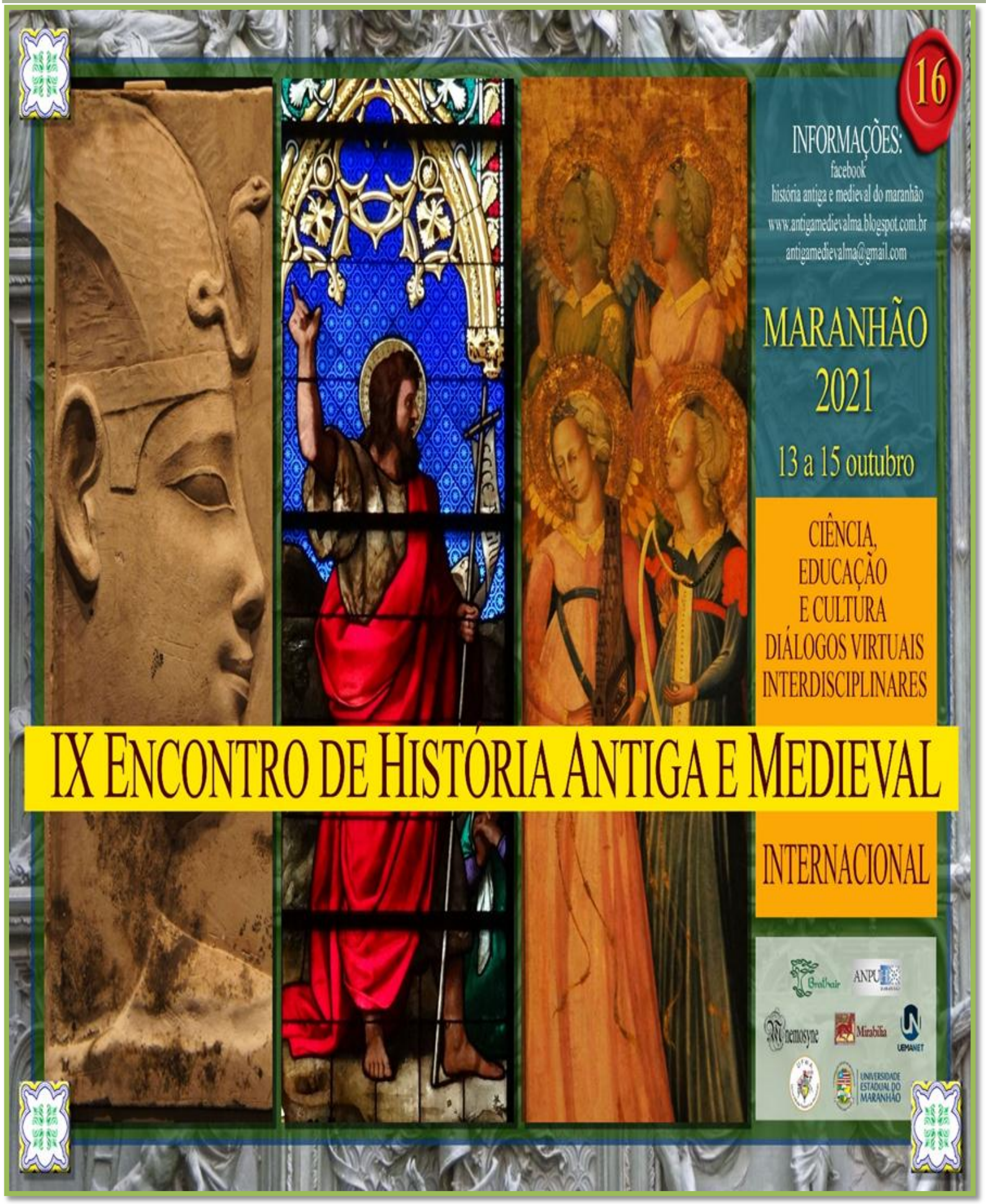
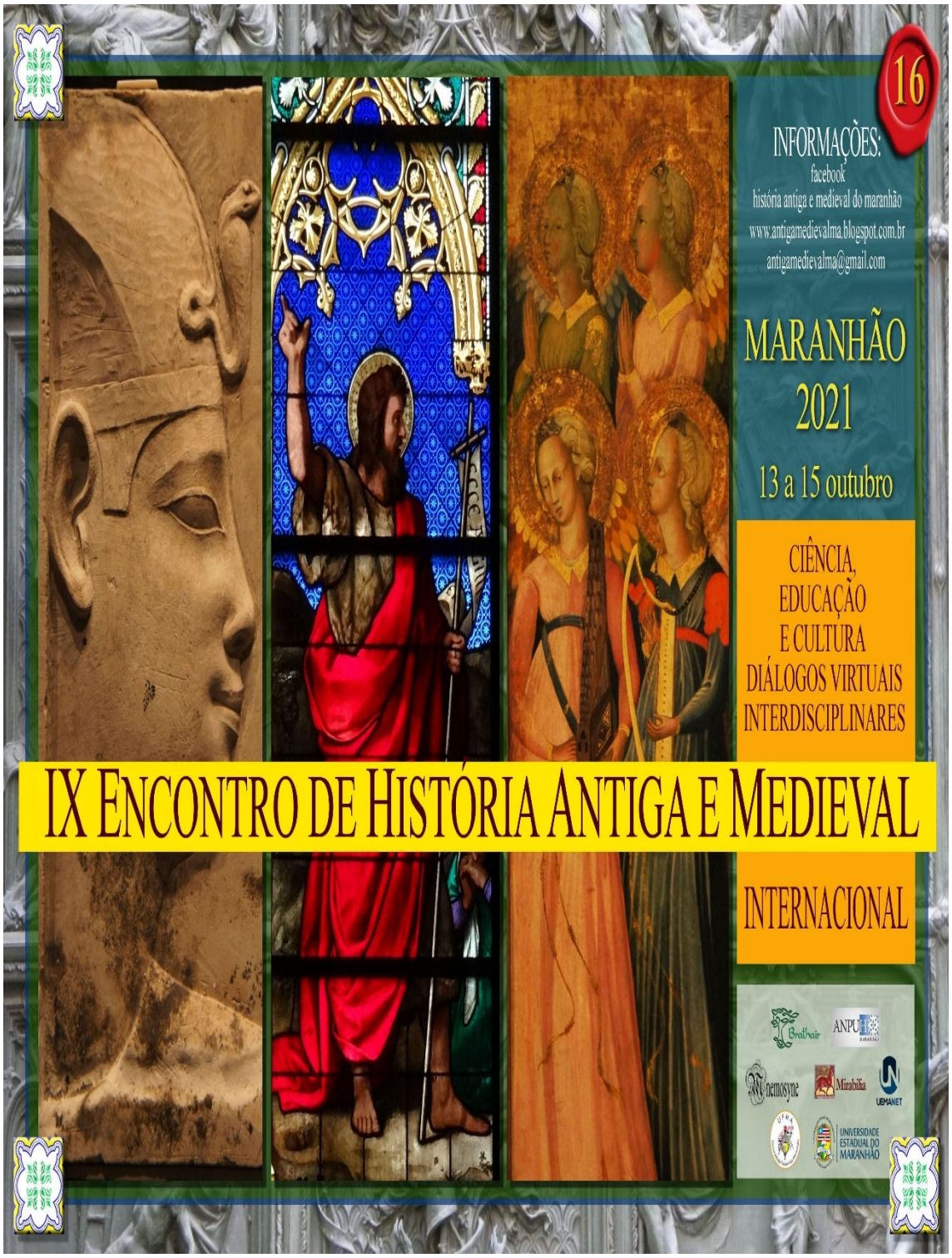
CADERNO DE RESUMOS



IX ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL
CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E CULTURA:
DIÁLOGOS VIRTUAIS INTERDISCIPLINARES



CADERNO DE RESUMOS

IX ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL DO MARANHÃO. CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E CULTURA: DIÁLOGOS VIRTUAIS INTERDISCIPLINARES

13 a 15 de outubro de 2021

São Luís
2021

IX ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL DO MARANHÃO. CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E CULTURA: DIÁLOGOS VIRTUAIS INTERDISCIPLINARES

Organização do Volume
Adriana Zierer
Solange Pereira Oliveira

Capa
Henry J.G. Lisbôa

Diagramação
Solange Pereira Oliveira

Revisão
Alex Silva Costa

COORDENAÇÃO
Profa. Dra. Adriana Zierer (UEMA/ Brathair/ Mnemosyne/REHCULT/HILL)
Profa. Dra. Ana Lívia Bomfim Vieira (UEMA/ Mnemosyne)
Prof. Dr. Marcus Baccega (BRATHAIR/ REHCULT/HILL)

COMISSÃO ORGANIZADORA
Prof. Doutorando Alex Silva Costa (PPGHIS-UFMA- Brathair)
Prof. Doutoranda Bianca Trindade Messias (PPGHIST-UEMA-Brathair)
Prof. Doutoranda Elisângela Morais (PPGHIS-UFMA-Brathair)
Prof. Doutorando Mário Bezerra (PPGHIS-UFMA)
Prof. Doutoranda Natasha Mateus Alhadef (PPGHIS-UFMA-Brathair)
Prof. Dra. Solange Pereira Oliveira (IFMA/CAMPUS BARREIRINHAS - Brathair)

COMISSÃO CIENTÍFICA
Profa. Dra. Adriene Baron Tacla (UFF)
Profa. Dra. Elisabeth Sousa Abrantes (UEMA)
Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Jr. (UFRJ)
Profa. Dra. Dulce O. Amarante dos Santos (UFG)
Prof. Dr. Edmar Checon de Freitas (UFF)
Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos (UFF)
Profa. Dra. Terezinha Oliveira (UEM)
Profa. Dra. Vânia Leite Fróes (UFF)

REALIZAÇÃO
Brathair – Grupo de estudos Celtas e Germânico
Mnemosyne – Laboratório de História Antiga e Medieval
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

APOIO
Departamento de História/Curso de História – UEMA
Programa de Pós-Graduação em História – UEMA (PPGHIST-UEMA)
Programa de Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas – UFMA (PPGHIST-UFMA)
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PPG-UEMA
Pró-Reitoria de Extensão – PROEXAE-UEMA
Grupo de Pesquisa História Religião e Cultura Material (REHCULT- UFMA)
História, Cultura Letrada e Outras Linguagens (HILL)
UEMANET

O IX ENCONTRO INTENACIONAL DE HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL HOMENAGEIA AS SEGUINTES MEDIEVALISTAS

Maria do Amparo Tavares Maleval

Professora de Literatura Portuguesa (UERJ)

Foi Presidente da Associação Brasileira de Estudos Medievais e Diretora do Núcleo de Estudos Galegos (UFF)

07-01-2021 ✝

Gabriele Dias Damasceno

Acadêmica do Curso de História

Premiada como Melhor Bolsista de Iniciação Científica (CNPq-PIBIC-UEMA) (2019)

21-07-2021 ✝

APRESENTAÇÃO

O objetivo do **IX Encontro Internacional de História Antiga e Medieval do Maranhão** é valorizar a História enquanto Ciência e o seu papel para explicar a realidade, tecendo relações entre a Educação e a Cultura. A Educação, a Ciência e Cultura são fundamentais para o desenvolvimento do nosso país. Salientamos a importância da História Antiga e Medieval para (re) pensar a nossa sociedade no momento atual, e de um ponto de vista questionador, buscamos analisar o passado para compreender o presente. Este Encontro, em sua nona edição está consolidado, possui reconhecimento nacional e internacional e valoriza a UEMA e instituições parceiras, como a UFMA. Para esta edição virtual conta com o valioso apoio da UEMANET.

O **Encontro Internacional de História Antiga e Medieval** cumpre o papel de continuar difundindo o conhecimento e nos auxiliando a olhar o passado para compreender o presente. Já estamos na nona edição e percorremos um belo caminho até aqui, buscando fortalecer os estudos antigos e medievais, com o auxílio dos docentes que sempre participam das atividades do evento, dos discentes que participam como ouvintes e dos monitores.

Esta edição do **IX Encontro** homenageia duas medievalistas, a ***Professora Doutora Maria do Amparo Tavares Maleval*** e a acadêmica da UEMA ***Gabriele Dias Damasceno***, que partiram deste mundo, abruptamente, no ano de 2021. A professora Amparo foi incansável no fortalecimento dos estudos medievais, sendo uma das fundadoras da *Associação Brasileira de Estudos Medievais* (ABREM) e sua presidente entre 2005 e 2009. Também foi fundadora do *Núcleo de Estudos Galegos* (UFF), fundadora e coordenadora do *GT de Estudos Medievais da ANPOLL* (2005-2008), entre muitas outras atividades. Já Gabriele Dias Damasceno iniciava com sucesso a sua trajetória acadêmica nos estudos medievais e recebeu o prêmio de Bolsista Destaque (1º lugar) no *XXXI Seminário de Iniciação Científica da UEMA*, ocorrido em 2019. Ambas eram pessoas doces, meigas e muito determinadas. Com certeza, elas continuam conosco nos nossos corações e ficariam felizes com a realização do *IX Encontro*.

O momento da pandemia nos coloca muitos desafios. Estudar e ensinar ficou mais individualizado, dependendo mais do esforço de cada um. Marca um momento de distância entre estudantes e professores, entre as pessoas de forma geral, mas também, inversamente de proximidade em alguns aspectos. Distância porque estamos longe uns

dos outros com os nossos celulares, computadores ou *tablets*, mas ao mesmo tempo próximos porque temos a chance de nos "conectar" com pessoas que estão em outras cidades e países, o que não seria possível na forma presencial. A *Internet* nos possibilita esse contato mais amplo. Então uma possibilidade para nós é adquirir conhecimento nos empenhando em participar das atividades à distância, através de cursos de atualização, eventos acadêmicos e as aulas na universidade e nas escolas em novo formato devido a este contexto histórico específico. Ficou mais fácil adquirir conhecimento qualificado *on line* e podemos aproveitar isso para dinamizar a nossa formação e nos mantermos atualizados.

Para esta edição do evento temos duas conferências internacionais, com o *Prof. Dr. John Greenfield* (Universidade do Porto) e a *Prof. Maria de Lurdes Rosa* (Universidade Nova de Lisboa-IEM), nove mesas redondas, duas atividades culturais e 115 trabalhos apresentados em sessões de comunicação.

Agradecemos a todos que nos auxiliaram a realizar este evento, como a Universidade Estadual do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão, a UEMANET, docentes convidados, monitores e discentes. Ainda, o agradecimento à Comissão Organizadora por todo o carinho, empenho e motivação.

Que todos aproveitem as atividades, nesse encontro que visa difundir a alegria e a troca de conhecimentos e até a próxima edição!

Prof. Dra. Adriana Zierer

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO GERAL.....11
RESUMOS CONFERÊNCIAS.....13
RESUMOS MESAS REDONDAS 16
RESUMO OFICINA 36
RESUMOS COMUNICAÇÕES 37
MONITORES.....114

PROGRAMAÇÃO GERAL

PROGRAMAÇÃO GERAL

Dia 13/10 - QUARTA	
10:00-10:30	Abertura
10:30-12:30	Conferência de Abertura: **Prof. Dr. John Greenfield** (Universidade do Porto) e **Prof.ª Dra. Maria de Lurdes Rosa (**Universidade Nova de Lisboa - UNL)
08:00-10:00	Sessões de Comunicações
14:00 –16:00	Mesa Redondas 1
16:00 – 18:00	Mesa Redondas 2
18:00 –19:30	Atividade Cultural: com Membros do Música Antiga da UFF
14/10 - QUINTA	
08:00 – 10:00	Sessões de Comunicações
10:00 – 12:00	Mesa Redondas 3
14:00 – 16:00	Mesa Redondas 4
16:00 – 18:00	Mesa Redondas 5
18:00 – 19:30	oficina de Arco e Flecha
15/10 - SEXTA	
08:00 – 10:00	Sessões de Comunicações
10:00 – 12:00	Mesa Redonda 6
14:00 – 16:00	Mesa Redondas 7
16:00 – 18:00	Mesa Redonda 8
18:00 - 19:30	Encerramento: Mesa 9

OBS: As atividades de conferências, mesas redondas e atividades culturais estão diponíveis para os inscritos no evento em: https://eventos.uemanet.net/ . As atividades de comunicações orais estão disponíveis no google meet. Para ver a sala, pesquise a comunicação do seu interesse neste Caderno.

Todos os horários seguem o horário do Brasil e mais especificamente, o horário de Brasília.

RESUMOS CONFERÊNCIAS

CONFERÊNCIA 1
Data: 13/10/2021
Horário das Conferências de Abertura: 10:30-12:30 h
Coordenação: Prof. Dra. Adriana Zierer (UEMA/BRATHAIR/*Mnemosyne*)

O SOM DO TEXTO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PERCEÇÃO*[1] AUDITIVA NA LITERATURA MEDIEVAL

Prof. Dr. John Greenfield (Universidade do Porto)

Tendo em conta a importância que a categoria da *perceção* tem desempenhado na recente investigação dos estudos literários e a forma como a validade dos conceitos nesta área está a ser questionada, a conferência pretende debruçar-se sobre um aspeto central (mas relativamente pouco estudado) da *perceção*, o da *perceção* acústica. Tentarei analisar a ligação existente entre o som e género literário na literatura medieval, verificando até que ponto se pode distinguir entre os dois géneros narrativos mais significativos do período cortês pela forma em que a *perceção* acústica é neles apresentada, ou seja, em que medida o som tem um significado diferente nos géneros do romance e da epopeia. A análise será concentrada sobretudo em duas obras canônicas e paradigmáticas da Idade Média alemã: a epopeia Das Nibelungenlied e o romance arturiano e graaliano Parzival do poeta Wolfram von Eschenbach. As duas obras, ambas produzidas por volta do ano 1200, estão entre os textos literários de maior circulação do período e descrevem mundos fictícios muito distintos. Mostrarei como os dois géneros aparentam modelos acústicos diferentes em que os mesmos sinais sonoros fazem parte de isotopias diferenciados: na epopeia e no romance determinados sons são semioticamente reclassificados e recodificados no âmbito do registo literário cortês e, desta forma, uma análise do papel estruturante que o som desempenha em textos medievais pode ajudar a nossa compreensão do longínquo mundo acústico da Idade Média europeia.

[1] *perceção* (em português de Portugal). No Brasil se usa uma grafia diferente: “percepção”.

CONFERÊNCIA 2
Data: 13/10/2021
Horário das Conferências de Abertura: 10:30-12:30 h
Local:
Coordenação: Adriana Zierer (UEMA/BRATHAIR/*Mnemosyne*)

CUIDADOS COM A ALMA NO PORTUGAL MEDIEVAL: A FUNDAÇÃO DE CAPELAS FÚNEBRES NOS SÉCS. XIV E XV

Prof. Dra. Maria de Lurdes Rosa (Universidade Nova de Lisboa - UNL)

A apresentação irá explicar como e porquê os "cuidados com alma", no que toca aos sufrágios fúnebres, se tornaram centrais no Portugal medieval, bem como descrever o funcionamento do que veio a ser um verdadeiro sistema tanto de intercessão oracional como de gestão de bens e direitos. Insere-se nas atividades de investigação e de divulgação de ciência do projeto VINCULUM, financiado pelo European Research Council, entre 2019 e 2025, tendo o Instituto de Estudos Medievais (IEM-NOVA.FCSH) como instituição de acolhimento (https://www.vinculum.fcsh.unl.pt/).

RESUMOS MESAS REDONDAS

MESA REDONDA 1: HISTÓRIA ANTIGA GLOBAL E ENSINO DE HISTÓRIA: NOVAS PERSPECTIVAS

Coordenadora: Prof. Dra. Ana Livia Bomfim Vieira
Data: 13/10/2021
Horário: 14:00h – 16:00h

ORDEM SOCIAL E FRONTEIRA NOS ANOS FINAIS DO IMPÉRIO ROMANO: INTERAÇÕES, CONFLITOS E REDES DE SOCIABILIDADE NA BRITÂNIA DA ANTIGUIDADE TARDIA

Prof. Dr. Dominique Santos (FURB - LABEAM/MITHRA)

A Britânia era um local diverso étnico-culturalmente muito antes da invasão romana perturbar a ordem social e as fronteiras na Ilha. Depois desse processo, a pluralidade aumentou, já que os novos grupos que chegaram passaram a conviver e disputar o espaço com os que lá estavam. A compreensão sobre essa diversidade, no entanto, é um tema em disputa, pois o imperialismo romano auxiliou a definir a própria identidade inglesa contemporânea contraposta a uma imagem de alteridade construída a partir da celticidade. Assim, se a forma “Britânia Romana” é problemática e precisa ser repensada, "Britânia Céltica" também é, necessitando ser historicizada e debatida. Considerando tais tensionamentos, problematizamos as idéias de ordem social e fronteira nos anos finais do Império Romano observando as interações, os conflitos e as redes de sociabilidade estabelecidas na Britânia da Antiguidade Tardia.

ANTIGUIDADE, EUROCENTRISMOS E ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

Prof Dr. Uiran Gebara (UFRPE - MITHRA)

O propósito desta apresentação é lidar diretamente com uma acusação: a de que o campo da História Antiga é eurocêntrico. O ensino de História Antiga no Brasil tem sido encarado com naturalidade desde os inícios do ensino da disciplina de História no país. Tanto no contexto da Educação Básica, quanto no contexto do Ensino Superior, para nós brasileiros, a Antiguidade e, em particular, a Antiguidade Clássica foram durante muito tempo geralmente consideradas como recortes de tempo obrigatórios para uma compreensão adequada do passado da Humanidade. Começo com uma reflexão sobre as definições do Eurocentrismo, o problema da História ser uma disciplina eurocêntrica e as dificuldades com a primeira BNCC. Em seguida problematizo o campo do Ensino de História. Na terceira parte, a partir dos apontamentos sobre Ensino,

problematizo o Ensino de História Antiga e suas contribuições para um Ensino de História não-eurocêntrico. Concluo com uma reflexão sobre a dialética entre o local e o global no Ensino de História.

O PERÍODO HELENÍSTICO DIANTE DA HISTÓRIA GLOBAL: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE E EXPERIÊNCIAS NARRATIVAS

Prof. Dr. Fábio Morales (UFSC - MITHRA)

A historiografia do período helenístico ao longo dos séculos XIX e XX foi marcada por uma dualidade fundamental: o lamento diante da "decadência" das cidades andava ao lado do elogio da expansão civilizatória da cultura grega em territórios bárbaros. A crítica pós-colonial, em função das profundas transformações geopolíticas e sociais da segunda metade do século XX, colocaram em questão os pressupostos eurocêntricos que orientaram a pesquisa; nesse contexto, perspectivas influenciadas tanto pelos Estudos Culturais e quanto pelos Estudos Globais promoveram uma profunda revisão de objetos e narrativas consolidas. A presente comunicação discute algumas das linhas de força desta revisão, explorando, por meio de exemplos particulares, as possibilidades abertas pelo diálogo com a História Global recente.

MESA REDONDA 2: A HISTÓRIA MEDIEVAL NO BRASIL - PERSPECTIVAS CRÍTICAS SOBRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Coordenador: Prof. Dr. Bruno Uchôa Borgongino (UFPE/LEOM)
Data: 13/10/2021
Horário: 16:00h – 18:00h

TORNANDO O MEDIEVAL RELEVANTE: ENTRE EXPERIÊNCIAS DE VIDA, ENSINO E PESQUISA

Prof. Dr. Carlile Lanzieri Júnior (UFMT – *Vivarium*)

Making the medieval relevant: how medieval studies contribute to improving our understanding of the presente (Tornando o medieval relevante: como os estudos medievais contribuem para melhorar nosso entendimento do presente) é o título do livro que traz os resultados dos trabalhos e reflexões conjuntas feitas por Chris Jones, Conor Kostick e Klaus Oschema e outros pesquisadores. Apresentado em um dos congressos internacionais de História Medieval organizados ano a ano pela Universidade de Leeds,

na Inglaterra, o livro tem como objetivo mostrar justamente o que o título sugere: o que o medievo tem a nos ensinar? Os autores construíram suas argumentações a partir do estudo de experiências políticas, científicas, educacionais, sociais e econômicas. E eles foram categóricos ao afirmar não se tratar de uma atualização do medievo com objetivos meramente didáticos ou uma comparação entre realidades opostas para explicitar diferenças, mas uma tentativa de se compreender como uma outra época lidou com questões que ainda hoje se fazem presentes em nosso dia a dia. A partir da leitura de Making the medieval relevant, trago para esta apresentação algumas reflexões que desenvolvi no decorrer dos últimos anos no meu trabalho de docente e pesquisador, mas que também dizem muito acerca do quanto o estudo da Idade Média contribuiu com minha formação pessoal. Dividida em três partes que se complementam, "a docência", "a pesquisa" e "a vida", esta apresentação não será mais uma exposição dos resultados de mais um trabalho ou uma nova defesa da área, mas um convite para pensar o quanto os estudos sobre o medievo podem contribuir para a formação de um conhecimento histórico escolar que verdadeiramente contribua com a cidadania.

AJUSTANDO O FOCO PARA AMPLIAR HORIZONTES: PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA MEDIEVAL NO BRASIL

Mário Jorge da Motta Bastos (UFF – CNPq – Translatio Studii – CCCP-Prék)

Creio que os profissionais que lecionam História, em qualquer nível em que seu magistério se exerça, estão cada vez mais ameaçados em sua atividade e desafiados numa sua condição de exercício essencial – a mobilização do público – por um crescente sentimento de desprezo pelo passado, em especial os mais remotos, no quadro de sociedades capitalistas que, cada vez com maior intensidade, só se reconhecem em projeções para o futuro. Ao futuro dedicamos, cada vez mais, o nosso maior sentimento de empatia! O "desmanche cotidiano no ar de toda e qualquer expressão de solidez histórica" parece nos livrar da sensação do peso do tempo sobre nossas costas, acelerando a história num presente que é vivido como mudança constante que só nos vincula ao futuro, só nos projeta à frente, ao vir a ser. A historicidade parece cada vez mais residir na ficção científica, e o tempo pretérito nos romances que celebram um mundo perdido ou que talvez nem tenha existido! Tendo em vista este cenário, impõe-se aos historiadores em geral, e aos medievalistas (e antiquistas!) em particular, refletir sobre as condições, perspectivas, práticas e sentidos do estudo, da docência e da

extensão de nossas “fatias de duração do tempo” em todos os níveis do ensino no Brasil. Como é o presente e qual será o futuro deste passado na formação intelectual dos brasileiros?

ONDE ESTÁ A IDADE MÉDIA NA ATUALIDADE OU SAINDO DA ZONA DE CONFORTO PARA SOBREVIVER: EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO NO SPATIO SERTI – Grupo de Estudos e Pesquisa em Medievalística

Luciano José Vianna (*Spatio Serti*/UPE-campus Petrolina)

É um fato notável que, atualmente, ao dialogarem, professores e alunos podem falar sobre o mesmo assunto a partir de caminhos diferentes, daí a importância em considerar as experiências do alunado em termos de conhecimentos prévios sobre o tema a ser trabalhado em sala. Isso também acontece com o estudo e conhecimento do período medieval na atualidade, sendo um período extremamente abordado em diversos caminhos culturais atuais, tais como a indústria cinematográfica, o contexto literário novelístico, os jogos eletrônicos e os memes na cultura digital. Estas foram algumas das experiências que tivemos no âmbito do Spatio Serti no curso de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina com orientações de final de curso na formação de professores. Partindo destas experiências, as quais foram motivadas pelos interesses dos alunos, problematizaremos algumas questões relacionadas a nossa práxis docente em sala de aula na formação docente, com base nas seguintes questões: 1) onde a Idade Média se manifesta nos dias atuais e como ela chega até os nossos alunos?; 2) o que os professores formadores precisam realizar em suas práxis cotidianas?; 3) quais são as distâncias entre as abordagens tradicionais em relação ao Medievo e as propostas recentes? e, por fim, 4) como diminuir a distância entre o contexto universitário de formação de professores e o âmbito escolar? Com base em tais questões, tentaremos apresentar nossa experiência em orientações de trabalhos finais de curso no *Spatio Serti* no curso de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina e os desdobramentos e reflexões que tivemos até o presente momento com a mesma.

HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL NA AMAZÔNIA: UM PANORAMA

Douglas Mota Xavier de Lima (Universidade Federal do Oeste do Pará- UFOPA)

A inegável pujança da área de História Antiga e Medieval no Brasil, evidenciada atualmente no volume de publicações, de profissionais formados em programas de pós-graduação, de grupos de pesquisa, de congressos acadêmicos etc., demonstra o

fortalecimento institucional da área alcançado nas últimas décadas mesmo enfrentando constantes iniciativas que tentam desqualificar as pesquisas não centradas na história nacional. Todavia, esse cenário de afirmação institucional não pode ser generalizado para todo o país, sendo marcantes os contrastes existentes entre o Centro-Sul e a região Norte brasileira. Deste modo, por meio de uma abordagem panorâmica acerca da inserção da área de História Antiga e Medieval nas universidades públicas da região amazônica, a comunicação discutirá os desafios enfrentados pela área, assim como esboçará algumas perspectivas para o fortalecimento do campo.

MESAS REDONDA 3: DISCURSOS E PERCURSOS DO MUNDO GERMÂNICO – TEMPOS E ESPAÇOS

Coordenadora: Prof. Dra. Isabela Albuquerque (UPE/Garanhuns**)**
Data: 14/10/2021
Horário: 10:00h – 12:00h

O SENHOR DOS NOVE RAMOS: EVIDÊNCIAS EM INGLÊS ANTIGO DE UMA DIVINDADE PAGÃ EM MANUSCRITOS CRISTÃOS?

Elton Oliveira Souza de Medeiros (Pós-doc/USP/BRATHAIR)

No campo acadêmico, especialmente a partir do século XIX, nunca faltaram trabalhos voltados à temática histórico-literária na qual Odin é representado. Dentre uma gama vasta de livros e artigos, podemos citar aqui obras como a de D. E. Martin Clarke, The Hávamál (1923); de Hjalmar Falk, Odensheite (1924); as consagradas obras de Hilda R. Ellis Davidson, The Road to Hel (1943) e Gods and Myths of the Northern Europe (1964); de E. O. G. Turville-Petre, Myth and Religion of the North (1964); de Georges Dumézil, Du Mythe au Roman (1970); isso sem mencionar muitos outros, inclusive traduções das Eddas e sagas onde o deus se faz presente. Saindo do universo literário escandinavo, a presença da divindade, ou seu equivalente, também surge em textos da Inglaterra do século IX – XI, manifesto como o antigo deus Woden. O objetivo desta apresentação é problematizar a presença do que aparentemente seria uma divindade pagã em textos ingleses, claramente, cristãos e a importância de compreender esse fenômeno para a pesquisa historiográfica a respeito do período.

A LÍNGUA DO LIMITE – POR UM PASSEIO PELA ONOMÁSTICA DO LIMES GERMANICUS

Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ/PPGLC/BRATHAIR)

Entre 83 e 260 d.C estabeleceu-se desde a foz do rio Reno no Mar do Norte até o Danúbio um sistema defensivo romano conhecido pelo nome de Limes Germanicus. Tal fronteira, que perfazia um comprimento total de 568 km, constituía-se em uma tentativa do Imperium de antecipar quaisquer tentativas de invasão oriundas das tribos germânicas estabelecidas a partir da margem leste do Reno. Ao longo do Limes e bem próximo a ele foram acantonadas pequenas guarnições militares, cujos nomes geralmente estão associados a personagens importantes da época de sua fundação. Neste pequeno trabalho tencionamos a partir de estudos toponímicos elencar algumas das mais importantes e atuais cidades da Alemanha e da Áustria, cuja história se prende a esse passado germano-romano entre os séculos I e III.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERÍODO DA FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Clara Barros (Universidade do Porto /Centro de Linguística da Universidade do Porto)

Convém recordar a origem dos idiomas românicos da península ibérica na região norte e a sua evolução e diversificação que conduz a diferentes variedades linguísticas, das quais três (castelhano, catalão e galego-português) conhecem uma amplificação horizontal e vertical, enquanto outras, como o asturiano, leonês e o aragonês tendem a perder importância quer a nível administrativo quer cultural e literário. A variedade mais ocidental é o galego-português. O seu período de formação remonta ao período em que o latim vulgar entra em contacto com o superestrato germânico. Entre os séculos VI e X sensivelmente surgem determinadas tendências evolutivas que individualizam a língua do Noroeste peninsular no conjunto dos romances peninsulares. A área em que surge esta língua é a Galécia Magna, um espaço que correspondia à região a norte do rio Douro e constituía uma província romana. A sua conquista no período germânico correspondeu a uma ocupação predominante de Suevos (a partir de início do século V) e só bastante mais tarde de Visigodos (finais do século VI). A separação desta área em relação às restantes regiões, durante um período de tempo relativamente longo, poderá ajudar a esclarecer a especificidade linguística que observamos desde o período de formação da língua portuguesa.

A VISÃO DA IDADE MÉDIA NAS ÓPERAS DE WAGNER

João Lupi (UFSC/BRATHAIR)

Richard Wagner (1813-1883) compôs catorze óperas, e redigiu ele mesmo os respectivos libretos; nesses escritos, e em alguns ensaios e estudos que publicou, Wagner exprimiu suas ideias sobre política, religião, arte e história, onde se destaca uma visão ou leitura da sociedade alemã medieval. Ele estudou os eruditos alemães da época, e por isso não se pode dizer que suas ideias fossem distorcidas, apenas adaptadas ao estilo romântico. A influência das suas obras repercutiu muito nos intelectuais coetâneos e posteriores, moldando imagens e construindo opiniões. Mas ele estabeleceu alguns padrões significativos de compreensão, sobretudo a respeito do amor e da mulher, e do seu papel religioso, tanto para a salvação do pecador, como para a corrupção do justo. Essas são ideias que vamos analisar e comentar no Tanhäuser, comparando-as depois com as de outras óperas de temática medieval: Mestres Cantores, Pasifal, Lohengrin.

MESAS REDONDA 4: LER E ESCREVER NA IDADE MÉDIA

Coordenadora: Prof. Dra. Vânia Leite Fróes (UFF/*Scriptorium*)
Data: 14/10/2021
Horário: 14:00h – 16:00h

Ementa: Ler e escrever na Idade Média

O principal objetivo desta mesa é analisar as relações entre oralidade, produção de textos e leitura , assim como as diversas estruturas narrativas nas formações históricas do medievo latino.Interroga-se como os que escrevem e os que leem se organizam. Para quem escrevem e quem é o seu leitor-ouvinte? Como constroem suas narrativas e textos e quais são as suas relações com a memória e o poder?

A ESCRITA, A VOZ E A IMAGEM NA IDADE MÉDIA SÉCULOS XIII-XV)

Vânia Leite Fróes (UFF/*Scriptorium*)

Escrita e leitura são duas faces de um mesmo processo histórico e partilham de um fundo de cultura comum. Possibilitam o entendimento dos fenômenos de codificação e de decodificação do que se registra e do que se lê. A voz insere-se neste movimento como mediadora necessária. É ela que enuncia, vocaliza (Zumthor) e faz o leitor-

ouvinte entender o que está escrito através de performance e dramatização.O leitor é assim uma espécie de ator neste jogo sociocultural que inclui aprendizagem e memória. As dificuldades no ensino da escrita e da leitura são assinaladas em muitas fontes monacais e profanas. Neste quadro estão as considerações de Hugo de Saint-Vitor no seu Didascalion. Uma grande dificuldade apontada por ele e outros mestres é a retenção dos dados ensinados. Neste caso o uso da imagem é um forte aliado da memória. Esquemas, diagramas, figuras diversas, enumerações e gráficos possibilitam o entendimento e a abstração que os textos clássicos dos antigos e dos teólogos requeriam dos alunos. Analisa-se no âmbito desta exposição, duas imagens que servem para assimilar os elementos do Setenário e as categorias dos vícios e virtudes com seus desdobramentos diversos.

O PRÓLOGO NA ESCRITA ESCOLÁSTICA (SÉCULO XIII)

Dulce Amarante Oliveira (UFG)

Este texto busca analisar os prólogos na escrita escolástica de caráter científico. Escolhemos os proêmios de Regimentos de saúde atribuídos a Pedro Hispano e os prólogos de o Lapidário, produzido no scriptorium afonsino. Procura verificar o papel da retórica latina e medieval na composição desses escritos científicos.

FERNÃO LOPES E A ESCRITA DA VEDADE (PORTUGAL, SÉCULO XV)

Miriam Coser (UNIRIO- NERO/*Scriptorium*)

Fernão Lopes (c.1380-1460) foi o primeiro cronista oficial do reino português e acumulou funções de guarda-mor da Torre do Tombo, escrivão dos livros de D. Duarte e do rei D. João I, escrivão da puridade do infante D. Fernando e notário geral. Tais atividades davam acesso a uma série de documentos – chancelarias, cartas, diplomas oficiais, tratados, capítulos de cortes, testamentos, bulas, etc. – que deram subsídios para uma nova maneira de redigir as crônicas reais. Além disso, também recolheu sermões, observou representações em túmulos, anotou epitáfios e viajou pelo reino procurando os lugares em que ocorreram os acontecimentos que deveria relatar, anotando depoimentos orais, elementos lendários e tradicionais, ditos populares e músicas. A ideia de que nem tudo que está escrito é a revelação da verdade norteia o texto de Fernão Lopes e daí seu posicionamento explícito de busca da verdade,

refutando outros autores que teriam faltado com esta. São diversos os mecanismos que o cronista utiliza para estabelecer a "verdade", de forma a direcionar o seu leitor/ouvinte para a aceitação desta.

O BISPO E A BESTA FALANTE: REFLEXÕES SOBRE O SERMO RUSTICUS NA OBRA DE GREGÓRIO DE TOURS

Edmar Checon de Freitas (UFF-*Scriptorium*)

As relações entre escrita e oralidade são fundamentais para a compreensão do universo cultural e intelectual da Idade Média. Como já destacava Paul Zumthor, a voz desempenhava papel central no processo de comunicação literária medieval. Leitura e audição consumavam o ato da produção textual iniciado na escrita de cada texto. Cabe indagar qual o peso dessa vocalidade, como prefere chamá-la Zumthor, na produção mesma do texto escrito. Apresenta-se aqui uma possibilidade de análise, tomando-se como objeto de observação a reivindicação por autores cristãos da Alta Idade Media de um estilo desprovido de adornos retóricos, o sermo rusticus. De modo especial serão analisados algumas passagens da produção cronística e hagiográfica de Gregório de Tours (c.538-594).

MESAS REDONDA 5: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DO MUNDO ANTIGO

Coordenador: Prof. Dr. Alexandre C. Cerqueira Lima (UFF - NEREIDA)
Data: 14/10/2021
Horário: 16:00h – 18:00h

IMAGENS DA INFÂNCIA: AS CRIANÇAS DE ATENAS

Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (UFRJ – LHIA)

Este texto propõe estudar as relações de afeto familiar entre mães e filhos na Atenas do período clássico (sec. V e IV a.C.) através da interpretação das imagens áticas pintadas em suporte cerâmico. Propomos, para além da visão social negativa que a infância ocupava entre os helenos, entender a importância das crianças em Atenas, extrapolando a visão comum de que constituem a perpetuação do grupo doméstico e da pólis, pensando nas suas relações de afeto e na sua socialização, através dos jogos e das brincadeiras infantis.

CORPOS, ESTÁTUAS E "IMAGENS": ÁRTEMIS EM CORINTO ANTIGA

Prof. Dr. Alexandre C. Cerqueira Lima (UFF - NEREIDA)

O trabalho tem como objetivo identificar, na documentação, signos relacionados ao culto de Ártemis em Corinto Antiga. Para tal, buscou-se comparar a representação em três artefatos – três alabastros e uma placa policromática votiva –, além das descrições (ekphrasis) de Pausânias a respeito das xoanas de Ártemis e de Dioniso na região do Istmo de Corinto.

A MORTE DE HIPÁTIA DE ALEXANDRIA SOB A ÓTICA DA HISTÓRIA, DA LITERATURA E DO CINEMA

Prof. Dr. José Petrúcio de Farias Junior (UFPI)

O sucesso do filme Ágora (2009), de Alejandro Amenábar, fomentou, nos últimos anos, os estudos sobre a filósofa alexandrina, Hipátia, bem como evidenciou aspectos político-culturais da Alexandria tardo-antiga, os quais, guardadas as devidas proporções, podem dialogar com nosso campo de experiência. Motivado por indagações e inquietações de nosso tempo, Amenábar nos oferece uma versão sobre o passado que dialoga não só com as fontes históricas tardo-antigas, mas também com a literatura e com vertentes historiográficas já questionadas no campo da História. Nesse sentido, a partir das versões de Sócrates Escolástico (séc. IV), Filostórgio (séc. IV), João Malalas (séc. V) e Damáscio (séc. VI) sobre o assassinato de Hipátia, indagaremos sua recepção pelo literato Charles Kingsley (1853), pelo físico Carl Sagan (1980) e pelo cineasta Alejandro Amenábar (2009) com a finalidade de compreender a construção e a atribuição de sentidos ao passado acerca de uma personagem revisitada constantemente por diferentes áreas.

ENTRE AS BELAS PALAVRAS E OS PERIGOS DO MAR: A PRESENÇA DE ULISSES NOS ESCRITOS DE LUCIANO DE SAMÓSATA

Prof. Dr. Edson Arantes (UEG)

Ulisses é o paradigma do viajante e do bom orador nas narrativas mitológicas mediterrânicas. Seu destino está traçado seja, pela astúcia, inclusive para se esquivar de ir para a Guerra de Troia, seu longo retorno imortalizado pela Odisseia de Homero, bem como sua chegada. Nessa apresentação, analisaremos as interfaces da expressão das

narrativas mitológicas dos personagens que cercam esse mito nos textos luciâncos. Partimos do pressuposto que Luciano de Samósata compôs seus textos em uma época em que as havia uma cultura de viagem, os sofistas eram homens que viviam de cidade em cidade exercendo sua atividade. Em alguma, medida o regime de memória greco romano mobiliza esse mito especialmente quando se vincula artes da retórica e as viagens, tenuemente podemos observar o próprio sírio nesses textos. Tanto como eloquente viajante, quanto destemido aventureiro que enfrenta os perigos presentes nas viagens. Luciano reafirma a identidade helênica, a partir de um personagem fronteira, que luta contra o esquecimento para chegar a Ítaca.

MESAS REDONDA 6: MITO, RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES NAS SOCIEDADES DA ANTIGUIDADE

Coordenador: Prof. Doutorando Fabrício Nascimento de Moura (UEMASUL - NEHAM)
Data: 15/10/2021
Horário: 10:00h – 12:00h

OS SIGNOS DA DEUSA TANIT: ANÁLISES E PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS ACERCA DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS CARTAGINESAS - SÉC. VI - III A. C.

Prof. Doutorando Fabrício Nascimento de Moura (UEMASUL - NEHAM)

Tanit era uma deusa cartaginesa associada a outras divindades de origem oriental como Innana entre os Sumérios, Ishtar entre os Acádios, Assírios e Babilónios, Anath em Ugarit, Balaat Gubal em Biblos e Astarté entre os Fenícios. Tanit era a divindade da fertilidade e a representação da Grande Deusa da Vida. Contudo, ao mesmo tempo, Tanit era considerada a “Senhora dos Mortos”, a divindade dos ritos funerários, presente nas cerimônias sacrificiais de crianças realizadas em Cartago. Nesta comunicação apresentaremos algumas perspectivas historiográficas acerca da interpretação dos signos desta divindade.

UM ÚNICO DEUS? UMA ABORDAGEM DA DIVERSIDADE RELIGIOSA NOS ANTIGOS ISRAEL E JUDÁ

Prof. Dr. Josué Berlesi (UFPA)

É comum a percepção de que os antigos israelitas devotavam adoração exclusiva ao seu deus particular, Javé. Contudo, tanto a evidência textual da Bíblia hebraica quanto às evidências arqueológicas e epigráficas apontam para uma pluralidade de divindades que eram cultuadas pelos antigos habitantes de Israel e Judá. A presente análise se ocupará

em demonstrar, com o auxílio da exegese e da arqueologia, como a construção de um ideário monoteísta só se consolidou entre os antigos israelitas por conta de uma imposição da violência estatal.

OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS: IMAGENS DE UM SAGRADO FLUIDO E INTEGRALIZADOR

Profa, Dra. Ana Livia B. Vieira (UEMA - Mnemosyne/NEREIDA/ MITRHA)

A coleção denominada de Papiros Mágicos Gregos, séculos II a.C. a V d.C., pode ser definida como um “conjunto" documental do Egito greco-romano composto, em sua maioria, por textos denominados como mágicos. Uma espécie de manual de magia, com ingredientes e passo a passo. Neste trabalho, gostaríamos de refletir sobre esse conjunto documental para além das práticas propostas nele. Acreditamos que os PMG são a representação do que chamamos de uma "mística antiga”, uma espécie de sistema de pensamento e relacionamento com o sagrado que envolvia intimidade, fluidez, troca, integração e conectividade associando religiosidade, magia e mito. E esse sagrado, como compreendemos, integrava tudo. Divindades, Physis, Seres Humanos e cidades.

DIDASKŌ (UERJ) – UM GRUPO DE ESTUDOS EM REDE DEDICADO AO ENSINO DA HISTÓRIA ANTIGA

Prof. Dr. Guilherme Moerbeck (UERJ)

Esta comunicação apresentará, em linhas gerais, o projeto de pesquisa: “O ensino de uma História Antiga inclusiva nas escolas: direitos humanos, pedagogia decolonial e o desenvolvimento do pensamento histórico na formação de docentes para o ensino fundamental”. Tal projeto é fruto do Didaskō – Grupo de Estudos em Ensino da História Antiga da UERJ, que pretende articular não apenas seus professores e alunos, mas ser uma ponte perene de diálogos com escolas, docentes e discentes do Ensino Fundamental. O princípio norteador dos trabalhos é: a História Antiga será tão mais importante à escola e à sociedade como um todo, quanto mais dialogar com as questões latentes e sensíveis ao mundo contemporâneo. Essas questões, ora ditas sensíveis, ora, controversas (AUDIGIER, 2016; FALAIZE, 2014; PEREIRA; SEFFNER, 2018), são mobilizadoras dos discursos e das ações políticas no Brasil e alhures. O ensino da História, seja como meio à formação da cidadania, seja como um campo de disputas e guerras narrativas, é um palco aberto, mas atravessado por tensões e disputas que também dizem respeito, inevitavelmente, ao ensino da História Antiga (LAVILLE, 1999).

MESAS REDONDA 7: LEITURAS E DIVULGAÇÃO DE TEXTOS MEDIEVAIS NO PASSADO E HOJE

Coordenadora: Prof. Dra. Rita de Cássia Mendes Pereira (UESB)
Data: 15/10/2021
Horário: 14:00h – 16:00h

BELAS SEM RECATO: APROPRIAÇÕES DO LIVRO DE LINHAGENS HOJE

Ana Marcia Siqueira (UFC)

O Livro de Linhagens do Conde D. Pedro (1340/1344) constitui obra de grande interesse literário devido ao hibridismo característico dos nobiliários medievais portugueses, nos quais alguns relatos apresentam expressividade narrativa de maior extensão, riqueza de detalhes e mistura de elementos cavaleirescos. Ou seja, estes relatos genealógicos são organizados ao modo de um episódio cronístico composto por linhagem, atuação/aventura, casamento e filiação, cuja elaboração literária desvela simbolismos e significados que subjazem esses textos, possibilitando a compreensão da sociedade e do período que os produziram, como também propiciaram recriações posteriores que possibilitam refletir sobre continuidades e rupturas presentes no imaginário contemporâneo. Desta feita, esta apresentação objetiva discutir, por meio da comparação entre as histórias da Dama pé-de-cabra e da Lenda de Gaia, registradas no Livro de Linhagens no século XIII, e recriações modernas, a construção de perfis femininos negativos – belas sem recato – como mote para o enaltecimento de nobres cavaleiros, ascendentes reivindicados como origem das linhagens dos Lopes de Haro e dos Maias, respectivamente. Para além da análise da apropriação de poder e prestígio por meio destes relatos literários, buscamos refletir sobre as implicações relativas ao destino dado às mulheres destas linhagens nas diferentes épocas, colocando em pauta o peso do discurso patriarcal que rotulou os comportamentos femininos, tanto no plano social quanto no simbólico. Palavras-chave: Livro de Linhagens, Perfis femininos negativos, Beleza, Modelo de comportamento, Plano simbólico.

A FORMA E O GÊNERO NOS CANCIONEIROS MEDIEVAIS. UMA POLÊMICA LITERÁRIA

Geraldo Augusto Fernandes (UFC)

Houve sempre uma polêmica nos estudos literários quando o assunto é gênero e forma. Muitos dos estudiosos tendem a usar os termos “gênero” e “forma” como sinônimos. Os termos que se fazem confundir vão desde “estilo”, “modalidade”, “tipo”, “tipologia”, “espécie”, entre outros, sempre com complementos indicativos necessários ao estudioso

para explicar ou tentar definir a controvérsia. De maneira breve e concisa, proponho neste texto expor como o debate é instigante e interessante, mas que dificilmente se encontre uma solução, uma vez que, no campo da Literatura, os termos aqui apresentados não carecem de definição permanente e fechada. Instigante porque essa controvérsia só traz para os estudos literários riqueza e, pelos debates e opiniões, não deixa de ser uma crítica nos moldes da Literatura. Interessante porque as opiniões são plenas de estudo sério e de foco central naquilo que é imprescindível à Literatura. O estudo que apresento refere-se, apenas, à Idade Média, sem preocupações com os estudos contemporâneos. Palavras-chave: Forma, Gênero, Cancioneiros medievais

UMA LEITURA DA POÉTICA MÍSTICA DE CECÍLIA MEIRELES À LUZ DE HILDEGARDE DE BINGEN

Luciana Eleonora Calado (UFPB)

No ano em que se comemoram os 120 anos de nascimento de Cecília Meireles (1901-1964), a obra da autora vem sendo revisitada e celebrada em todo Brasil, em virtude da importância histórica dessa escritora brasileira e de suas várias facetas: jornalista, professora, poetisa, artista plástica, escritora, filósofa, cronista, dramaturga.Da grandeza de sua obra, proponho apresentar, nesta mesa, uma leitura das marcas da mística medieval presentes nos escritos cecilianos, à luz do pensamento de Hildegarde de Bingen(1098-1179). Assim como Cecília Meireles, Hildegarde de Bingen deixou um legado surpreendente em vários campos do conhecimento. A pensadora medieval era também compositora, música, pintora, poetisa, teóloga, médica, peregrina, dramaturga, poetisa e mística. Seu trabalho teve um grande alcance no século XII e até o início da "modernidade", principalmente pelas revelações místicas registradas em seus escritos. A visão holística do ser humano em sua integração com a natureza e com o divino, uma poética da musicalidade e do sensorial e a experiência mística configuram-se como os elementos centrais nas obras das duas escritoras. À vista disso, a proposta desta apresentação é experimentar o comparativismo na análise de alguns poemas de Cecília Meireles, estabelecendo diálogos com o pensamento hildegardiano, expresso nos escritos visionários, científicos, bem como nas iluminuras da autora medieval. Em um segundo momento, proponho uma breve análise comparativa dos dramas poéticos ou poemas dramáticos para partituras: Oratório de Santa Maria Egipcíaca, de Cecília Meireles e Ordo Virtutum, de Hildegarde de Bingen.

Palavras-chave: Hildegarde de Bingen, Cecília Meireles, Mística medieval

CENSURA AO TEATRO NO S. XVI EM PORTUGAL

Márcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA)

Ao leitor interessado pelas artes da dramaturgia, chama a atenção o cuidado dispensado aos textos de teatro pelos índices de "livros defesos[proibidos]de *teer e leer*" publicados pela *SanctaInquisiçam* portuguesa ao longo do s. XVI. Primeiros livros "*enligoajem*", ou seja, em português, arrolados por aqueles índices, os textos de dramaturgia manter-se-ão na mira inquisitorial, refinando-se os procedimentos censores à medida que avançavam as estratégias de impressores e autores em busca de fugir à censura. Testemunhas desses procedimentos e estratégias são as publicações, em 1562 e 1586, da *Copilaçam* de t*odalas* obras de Gil Vicente, reunião de mais de três décadas de produção teatral do dramaturgo das cortes de D. Manuel I e D. João III. Minha comunicação objetiva apresentar hipóteses e reflexões iniciais de uma pesquisa que buscará investigar os procedimentos inquisitoriais dedicados aos textos de dramaturgia e, simultaneamente, as estratégias desenvolvidas por impressores, livreiros e autores para fugir aos rigores da S*anctaInquisiçam.*

Palavras-chave: Inquisição, Dramaturgia, Gil Vicente, Imprensa.

O VILANCETE AO APÓSTOLO SANTIAGO NA CELEBRAÇÃO DA ENTRADA DO REI PEREGRINO EM LISBOA

Maria Isabel Morán Cabanas (Universidade de Santiago de Compostela)
Prof. Titular de Literatura Portuguesa

No âmbito de um projeto de investigação concedido pela *Cátedra Institucional do Camiño de Santiago e as Peregrinacións* da Universidade de Santiago de Compostela pretendemos abordar um texto do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, primeira compilação poética editada em Portugal (1516), em que se celebra a entrada do rei D. Manuel I em Lisboa após ter realizado uma viagem como peregrino a Compostela. Para além da análise dos seus versos, destinados ao canto e abertos com a invocação de *"Santiago por nós ora",* prestaremos uma particular atenção ao espaço a que se alude na rubrica com que estes são apresentados na mencionada coletânea: Santos, ao lado do rio Tejo, onde o monarca era esperado pela rainha, D. Maria, e recebido com honras e amostras de alegria. Nele convergem certas tradições com dimensões culturais, sociais, religiosas e mesmo políticas que marcaram profundamente a Lisboa medieval em tempos de Afonso Henriques e dos seus sucessores e cuja projeção pretendemos pôr de

relevo na nossa comunicação. Palavras-chave: Peregrinação a Santiago de Compostela, rei D. Manuel I, Santos-o-Velho, *Cancioneiro Geral*

MESAS REDONDA 8: CULTURA. IMAGENS E IMAGINÁRIOS DO CORPO E DA MULHER
Coordenador: Prof. Dr. Marcus Baccega (UFMA/BRATHAIR)
Data: 15/10/2021
Horário: 16:00h – 18:00h

UMA ESPOSA PARA FRANCISCO: A DAMA POBREZA NA POIESIS FRANCISCANA

Ana Paula Tavares Magalhães (USP/LABORA)

A busca cavaleiresca – amor e aventura –, centro da narrativa em torno do cavaleiro, era, por um lado, um aspecto da realidade do jovem Francisco de Assis, que empunhara suas armas na luta pela constituição da comuna de Assis e na guerra contra Perúgia. Ao mesmo tempo, quando de sua epifania, ele identificaria a dama de seus desejos na Pobreza, manifestando sua decisão de casar-se com ela. Os escritos a respeito de sua vida assumiriam, ao mesmo tempo, a tópica do desejo do cavaleiro pela dama e os contornos da mística religiosa medieval. O engajamento de Francisco no matrimônio representava a um tempo a possibilidade do encontro místico com o objeto do desejo, de forma semelhante ao postulado por São Bernardo de Claraval e pelas místicas medievais, e a concretização da ascensão social da burguesia à condição de nobreza.

EIS O JARDIM DAS DELÍCIAS: REFLEXÕES SOBRE A NUDEZ NA OBRA DE HIERONYMUS BOSCH

Angelita Marques Visalli (UEL)

O tríptico conhecido como “O Jardim das Delícias”, de Hieronymus Bosch (aprox.1450-1516), é constantemente analisado por estudiosos de várias áreas do conhecimento e, ainda assim, apresenta-se como um conjunto de imagens inquietantes diante de respostas imprecisas para sua interpretação. Na esteira das reflexões de Michel de Certeau, consideramos o caráter da imagem como junção de elementos-fragmentos, uma enorme quantidade de significantes que empurra o observador para o contraste da ausência de sentidos. Se respeitamos a impossibilidade de decodificação de imagens produzidas em tempos recuados porque não consideramos a imagem como linguagem, numa produção visual como esta d’ “O Jardim das Delícias”, isso se torna especialmente importante sob o risco de distorções e anacronismos. Nossa contribuição

vem a partir da consideração de dois aspectos destacados: o objeto retábulo e a nudez de quase todos os tantos personagens. Desconsiderando a possibilidade de decifração, buscamos, então, a ratio do fazer o retábulo e da exploração da nudez. Cremos que Bosch investe numa atualização dos usos de um suporte que, em seu tempo, já se apresentava como menos interessante. A subversão implicou em recursos de cores e formas, assim como na exploração de temas mundanos. A nudez nos três painéis internos nos aponta para um sentido menos marcado pela impudicícia ou censura pelo pecado do que pela conotação da fruição, ainda que o Inferno esteja à direita.

REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM VISÕES DE HILDEGARD DE BINGEN

Terezinha Oliveira (UEM)

O objetivo desta exposição é refletir como a monja Hildegard de Bingen (1090-1179), uma das personagens mais importantes do conhecimento ocidental cristão no século XII, apresentou as sete virtudes [humildade, caridade, fé, sabedoria, obediência, esperança e castidade] a partir de representações imaginárias de figuras femininas. A fonte principal de nossa análise é a obra Scivia. Por meio dessas descrições, podemos depreender o modo como a mulher era encarada por meio das visões da autora e, por conseguinte, como era concebida no século XII. Na escrita da monja encontramos uma riqueza de detalhes que nos possibilita refletir sobre o lugar social que as mulheres ocupavam na época. Além disso, como em cada uma das virtudes Hildegard descreve uma figura feminina é possível, valendo-se delas, levantar a hipótese de que é possível vincular a figura feminina com a forma de sistematização social apresentada pela monja beneditina.

Palavras-chave: Imagem feminina. Intelectual. Religiosidade cristã. Virtudes. História da educação medieval.

REFLEXÕES SOBRE A CRIAÇÃO DA MULHER E O PECADO ORIGINAL NO LIVRO DO GÊNESIS

Sergio Alberto Feldman (UFES)

A exegese dos textos sagrados é uma análise de fontes repleta de “licença poética”. A assim denominada revelação divina é resultado de uma espiritualidade que tem tempo e tem lugar geográfico, ou seja, de uma realidade cultural que tem contexto. O contexto é uma espécie de raiz que explica o texto. Há sentido na narrativa mítica da criação do

mundo e em específico da mulher. São duas narrativas da criação da mulher: uma hierárquica e misógina; outra que diferenciando os gêneros, os qualifica como complementares e divinamente igualados, na sua essência humana. Pretendemos desconstruir a criação da mulher e o pecado original e seus usos através dos tempos, que servem para justificar assuntos e temas que não concernem com a narrativa.

MESAS REDONDA 9: ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL
Coordenadora: Prof. Dra. Veronica Aparecida Silveira Aguiar (UNIR)
Data: 15/10/2021
Horário: 18:00h – 19:30h

LUDICIDADE E A HISTORICIDADE MEDIEVAL: MEDIAÇÕES NA APRENDIZAGEM COLABORATIVA DA GERAÇÃO SCREENAGER

Prof. Dra. Dayse Marinho Martins (UFMA)

Abordagem sobre a utilização de tecnologias no ensino de História. Com base nas contribuições da Nova História e da Psicologia Genética, os jogos eletrônicos são recursos de aprendizagem colaborativa envolvendo elementos da historicidade. A prática de ensino-aprendizagem enfoca *games* que contemplam em seu enredo a temática histórica com ênfase no medievo: *The Age of Empires, Medieval: Total War, The Sims Medieval, Zelda e Odama*. A intervenção pedagógica enfoca a ludicidade na discussão de aspectos da vida social de comunidades do passado, agregada ao tratamento da imagem. Com isso, problematiza os *games* enquanto situações-problema na compreensão dos conteúdos de forma contextualizada, mediando a relação ensino-aprendizagem numa perspectiva significativa. A discussão acerca desse tema é essencial para o processo educativo da geração *screenager* constituída pelos nascidos a partir da década de 80 do século XX que, a partir das tecnologias da informação, ampliam suas estratégias de aprendizagem.

O MEDIEVO NO ENSINO DE HISTÓRIA: DEBATES E EMBATES NAS PROPOSIÇÕES DA BNCC

Profa. Dra. Sandra Regina Rodrigues dos Santos (UEMA)

Este estudo visa apresentar as críticas e debates sobre os estudos medievais contemplados nas propostas da BNCC (2015, 2017), a fim de perceber as narrativas ali

presentes, os embates e proposições feitas por especialistas e pela equipe responsável pela redação do texto legal. Com base na BNCC, apresenta os conteúdos, as competência e habilidades para o estudo do medievo no ensino fundamental. Por fim, traz ainda reflexões sobre as diretrizes que estão contempladas nas proposições da BNCC (2018) e no Documento Curricular do Território Maranhense (DCTM/2019).

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL

Profa. Dra. Elizabeth Sousa Abrantes (UEMA)

A renovação nos estudos históricos, especialmente com as contribuições do campo da História das Mulheres e das Relações de Gênero, propiciou a incorporação das mulheres como sujeitos e como objetos de análise histórica, com novos olhares, abordagens e fontes documentais. No campo do ensino, essa renovação tem o potencial de contribuir para a desconstrução de estereótipos e para dar visibilidade à agência feminina na realidade histórica, principalmente se não tiver como objetivo o mero cumprimento das exigências legais. A presente abordagem trata das representações femininas no ensino de história medieval, tanto nas tendências das pesquisas acadêmicas como nos materiais didáticos.

ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL NAS AMAZÔNIAS: OS CURRÍCULOS, A HISTORIOGRAFIA E AS NARRATIVAS EM DISPUTAS

Profa. Dra. Veronica Aparecida Silveira Aguiar (UNIR)

Esta comunicação tem por objetivo debater as ementas dos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de Licenciatura em História nas Universidades da região Amazônica. Para isso, partiremos da disciplina “História medieval” nas grades curriculares universitárias, a discussão do eurocentrismo, as narrativas colonialistas ainda presentes nos ementários e a forma como o ensino remonta os modelos europeus, sobretudo a historiografia francesa se levarmos em conta o “modelo quadripartite”, a saber, Antigo, Medieval, Moderno e Contemporâneo. As Universidades localizadas na Amazônia possuem menos medievalistas que as demais regiões do país, isso repercute no debate curricular já que os recortes espaço-temporais são opções e devem ser relativizados. No entanto, as disputas de narrativas nos PPCs não devem demonizar a área de História medieval em prol de um saber menos eurocêntrico, porque é possível ensinar um medievo descolonizado e o que está em voga é a formação dos futuros professores de História que precisam conhecer temporalidades recuadas. Para nenhum

curso de graduação em História interessa uma história desconectada com a realidade e de pesquisa endógena. Sendo assim, há muitos problemas na formação do graduando em História em não saber nada de História Medieval, principalmente no momento político atual em que uma abordagem de recepção do período atende a um grande interesse popular nas redes sociais ou mídias seja por escolhas político-religiosas, nacionalismos, artísticas ou de projetos políticos-ideológicos o que gera demandas, porém o problema reside na falta de conhecimento básico da área. Além disso, a falta de atualização das pesquisas na área de História Medieval, em parte porque foi escrita por não especialistas no assunto nos PPCs, pode promover desconhecimento, preconceitos e distorções que prejudicam a formação dos estudantes. Enfim, como em outras áreas, a pesquisa em História não pode manter-se estagnada, desprovida de criatividade ou pouco inovadora no debate acadêmico.

Palavras-chave: Idade Média; pensamento decolonial; região Amazônica.

RESUMO ATIVIDADES CULTURAIS

DATA: 13/10/2021
HORÁRIO: 18:00h-19:30h

MÚSICA MEDIEVAL - A música no teatro de Gil Vicente
Prof. Dra. Lenora Pinto Mendes (*Scriptorium*-UFF)
Prof. Dr. Márcio Paes Selles (*Scriptorium*-UFF)

Gil Vicente, dramaturgo português que atuou nas cortes de D. Manuel e D. João III é considerado o fundador do Teatro em Portugal e apesar da pouca informação sobre sua vida podemos conhecê-lo por suas obras. O teatro vicentino era todo musicado. As músicas faziam parte do espetáculo, seja na entrada de um personagem, seja para finalizar o auto ou mesmo durante as cenas, cantadas por personagens ou tocadas como música de fundo. Gil Vicente encheu seu teatro com músicas. Foi um homem de seu tempo, um tempo em que vigorava a concepção humanística de cultura e a ideia de um *uomo universale*, oposta à tendência à especialização privilegiando a diversidade do saber. Assim, ele escreveu peças teatrais, organizou eventos, compôs músicas, atuou e escreveu poesias. Além das composições, utilizou músicas conhecidas de seu tempo, adaptando-as aos autos que produziu. No tempo em que viveu, Portugal enriqueceu com as riquezas trazidas pelos descobrimentos e comércio com o Oriente. Toda essa realidade aparece refletida em sua obra e se expressa em suas músicas.

OFICINA ARCO E FLECHA – ARQUERIA IMPERIAL
DATA: 14/10/2021
HORÁRIO: 18:00h-19:30h

Atividades práticas relacionadas a um esporte importante desde a Antiguidade e o Medievo até hoje: o Arco e Flecha, com instrutores da Arqueria Imperial (MA).

RESUMOS DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÕES

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES

SESSÃO 1 (13/10): RELAÇÕES DE GÊNERO NO PASSADO E NO PRESENTE
Coordenadora: Prof. ª Dr.ª Elizabeth Sousa Abrantes (NUPEGEM/UEMA)
Link: https://meet.google.com/xht-uzht-oox
DATA: 13/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

CIDADE E AS GENTES: AS RELAÇÕES DE GÊNERO EM LISBOA NOS SÉCULOS XIV E XV

Josena Nascimento Lima Ribeiro (Bolsista CAPES/Doutoranda-PPGH-UFF)

A questão central a ser trabalhada nesta apresentação inscreve-se numa história sociocultural, ao levar em consideração o estudo das figuras femininas e as relações de gêneros no comércio urbano, nos séculos XIV e XV. Tais mulheres que comerciavam nas ruas da cidade eram componentes de médios segmentos sociais, a maioria de baixa condição e de todos os estados civis. Tal reflexão se volta para análise das ações das mulheres do labor no espaço citadino, ao objetivar compreender o tempo e as relações entre os gêneros. A mesma será realizada a partir de documentação concelhia e régia, em versões transcritas e publicadas no fim do século XX. Compreendemos que no ambiente urbano com municipalidades em desenvolvimento, as condições desfavoráveis de renda da população mais pobre fizeram com que o trabalho já realizado pelas mulheres ganhasse fôlego nas fontes. Tal cidade medieval, em concretude e utopia, foi testemunha das ações de mulheres que exerciam funções, fiscalizadas pelos homens da municipalidade e ofício régio, para o aprovisionamento de Lisboa.

Palavras-chave: Mulheres – Mester – Trabalho – Gênero – Lisboa

O DESVELAMENTO DA MULHER À LUZ DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL

Edileide Aparecida Brito Bodenhausen (UNITOLEDO)

Procura-se elucidar o visionário da mulher medieval, pois, o pouco que sabemos sobre essas mulheres que compuseram a Idade Média, foram apenas registros escritos e compilados através de um olhar masculino. A visão da mulher medieval era muito influenciada pelo relato bíblico contido no Gênesis. Eva, a primeira pecadora e que levou toda a humanidade ao pecado era associada a todos os representantes do sexo feminino. Seu oposto e modelo ideal era Maria, mãe de Jesus, a qual engravidou virgem

e foi escolhida para ser a mãe do Salvador e redentor da humanidade. Assim, dividia-se a imagem feminina entre esses dois modelos. De modo geral, a mulher, descrita pelos clérigos como ser fraco e inferior ao homem era vista com grande suspeita, pois a ela eram atribuídos como naturais diversos vícios: a mentira, a luxúria, os feitiços. Era considerada inferior por ter sido feita através da costela do homem e por isso deveria submeter-se a ele. Aos olhos da época, todas as mulheres teoricamente guardam uma mácula, o pecado original, causado por Eva ao comer a maçã, enquanto a culpabilidade masculina é oculta e minimizada.

MASCULINIDADE E PERFORMANCE NO HINO HOMÉRICO IV: A HERMES

Mariana Figueiredo Virgolino (UFRN)

A comunicação pretende analisar a narrativa do Hino Homérico IV: a Hermes, composto durante o período arcaico (séculos VIII-VI a.C.) sob a luz da Antropologia de Victor Turner, ou seja, como drama social. Ao longo do poema, que conta a gênese do deus Hermes e o reconhecimento de sua timé (honra) por Zeus e por Apolo, somos apresentados à inserção do argifonte não apenas no mundo divino, mas também à esfera de ação masculina através de feitos de valentia e inteligência. Assim sendo, tal documentação nos permite refletir sobre os meios de integração dos homens jovens às instituições políticas -especialmente aos tribunais- nos séculos VI e V a.C., período marcado por crises sociais em diversas cidades da Grécia, crucial para o desenvolvimento do pensamento jurídico e filosófico grego, bem como da definição das áreas de atuação de homens e mulheres na vida pública das póleis.

VIRILIDADE E VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DOS CASOS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO A PARTIR DAS *CRÔNICAS* DE FERNÃO LOPES

Claudienne da Cruz Ferreira (PPGHIS-UFMA

A virilidade é uma construção social que molda identidade e o imaginário de dominação masculina. Pensar a relação entre presente-passado-presente constitui um exercício da prática da produção em história. Por isso nos propomos a pensar a violência de gênero em Portugal medieval a partir das obras cronísticas de Fernão Lopes. Mesmo a violência de gênero não sendo o objeto central das crônicas, a presença dos casos nos servem para pensarmos a relação entre os imaginários de virilidade e violência quando analisamos comparativamente os comportamentos de dois personagens viris nas

Crônicas. Para tanto, buscamos comparar os imaginários positivos e negativos em relação às práticas de violência de D. Pedro, o justiceiro e D. Leonor Teles, última rainha de Borgonha. Palavras-chave: Gênero. Violência. *Virilidade. Crônicas de Fernão Lopes*.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O "MODELO DO SEXO ÚNICO" E O CORPO FEMININO NO DISCURSO MÉDICO GRECO-ROMANO

LUISA AMADO MONTEIRO (UFRJ)

Em 1992, Thomas Laqueur publicou a obra intitulada "Making sex-body and gender from greeks to Freud". Nela, Laqueur defendeu a existência de um paradigma, o "modelo do sexo único" ou "modelo da carne única", o qual teria vigorado desde a Grécia Antiga até o século XVIII. Tal modelo explicativo preconizava a classificação de corpos a partir de seu grau de calor vital e, consequentemente, de perfeição. Nessa perspectiva, o corpo masculino seria o eixo de comparação e o fim último, enquanto o feminino deveria ser considerado como um corpo ao contrário, mutilado, imperfeito. Em vista disso, a presente comunicação tem como objetivo apresentar o debate historiográfico suscitado pelas contribuições de Thomas Laquer, de modo a evidenciar seus limites e a sua aplicabilidade para o estudo da medicina greco-romana, em específico, do saber médico produzido ao longo do século II d.C. Para tal, partiremos dos tratados Gynaikeia da autoria Sorano de Éfeso e De usu partium corporis humani de Galeno de Pérgamo.

UM ESTUDO SOBRE A MATERNIDADE A PARTIR DOS ESCRITOS DE HILDEGARD DE BINGEN

Amanda da Cruz Xavier (UERJ)

A finalidade desta comunicação é analisar alguns trechos da literatura médica medieval, em relação às questões referentes à maternidade que será fundamentada a partir dos escritos de Hildegard de Bingen. Nascida em 1098, na localidade de Bermersheim, próxima a Mainz, Hildegard foi uma monja beneditina, mística, teóloga, compositora, médica, naturalista, dentre outras coisas. Foi considerada santa e doutora pela Igreja Católica. Hildegard conduzia as suas pesquisas utilizando plantas medicinais, como também buscava a cura da alma de seus pacientes. Como fonte primária para esse trabalho utilizou-se o livro "Causae et Curae" onde foram analisadas as questões relativas ao puerpério, a fecundação e os recursos utilizados para se ter um bom parto.

Para tanto, pretende-se traçar um breve panorama sobre como os estudos médicos produzidos nos mosteiros e como influenciaram as pesquisas realizadas por Hildegard.

Palavras-Chave: História das Mulheres, Maternidade, Tratados Médicos.

GÊNERO E RELIGIÃO: O IMPACTO DO BUDISMO NA FUNÇÃO SOCIAL FEMININA NO NORTE DA CHINA DURANTE AS SEIS DINASTIAS

Samila Silva Mesquita (UEMASUL)

A disseminação do budismo por meio da rota da seda causou uma transformação na sociedade chinesa dos anos 220-589 d.e.c, especialmente na vida das mulheres, que passaram a abdicar de suas vidas limitadas ao sistema de valores predominante como o confucionismo, para dedicar-se a uma vida desprendida de apegos e prazeres sensuais. Portanto, abordaremos a história de vida de algumas mulheres chinesas e não-chinesas que viveram durante as seis dinastias na região norte da China para ilustrarmos o impacto do budismo na função social feminina.

SESSÃO 1 (14/10): RELAÇÕES DE GÊNERO NO PASSADO E NO PRESENTE
Coordenadora: Doutoranda Camila Pereira (UFMA)
Link: https://meet.google.com/xht-uzht-oox
DATA: 14/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

ENTRE ORAÇÕES, ESTUDOS, TRADUÇÕES E DISCUSSÕES - AS MULHERES CRISTÃS NO SÉCULO IV

Patrícia Cristine Alves Véras (Mestranda do PPGH-UNIRIO)

Jerônimo de Estridão foi um padre cristão que viveu entre os séculos IV e V de nossa era e ficou conhecido como um dos “Pais da Igreja”. Encontramos em seus escritos diversas cartas que foram destinadas a mulheres romanas. Após sua chegada à cidade de Roma no ano de 382, Jerônimo entra em contato com o grupo conhecido como Círculo do Aventino. Esse grupo de mulheres se reunia na casa da matrona Marcela, localizada no Aventino. Marcela era responsável pela condução de viúvas e virgens consagradas que vivam em sua casa formando uma igreja doméstica. O padre escreveu dezenas de cartas de conteúdo variado, estas, nos permitem perceber que tipo de estudo o monge recomendava a essas mulheres e também sua admiração por elas. As respostas e orientações de Jerônimo nos mostram que existia um canal de comunicação e, além disso, havia espaço para discussões sobre as escrituras cristãs. As cartas evidenciam a

erudição das destinatárias e alguns autores sugerem que elas colaboraram com as traduções realizadas por Jerônimo, incluindo a Vulgata.

A CASTIDADE NA LITERATURA HAGIOGRÁFICA HIBERNO-LATINA: UM ESTUDO PRELIMINAR DA VITA SANCTAE BRIGITAE (C. 650)

Clarissa Mattana de Oliveira (PPGHC – PEM-UFRJ)

A Vita Sanctae Brigitae é uma hagiografia que foi escrita na atual Irlanda, em meados do século VII. De autoria atribuída ao monge Cogitosus, tem como protagonista Brígida de Kildare, abadessa que teria vivido e atuado na ilha entre os séculos V e VI. Entendemos que as hagiografias eram textos que continham um modelo de conduta expresso em sua narrativa, em especial na figura do hagiografado. Essa personagem incorporava uma série de virtudes e qualidades que comunicam às audiências como seria uma vida cristã ideal. Neste trabalho, temos como objetivo analisar esse documento a partir de uma perspectiva de gênero, com enfoque na virtude da castidade, que era especialmente relevante nos textos hagiográficos sobre mulheres. No entanto, devemos considerar que a maior parte das hagiografias femininas datadas da Antiguidade Tardia e dos primeiros séculos medievais foram escritas por monges ou clérigos, de forma que traziam expectativas masculinas sobre o que deveria ser a conduta e a vida religiosa das mulheres. Partimos então do pressuposto que tais narrativas eram perpassadas pelas relações de gênero vigentes em seus tempos e locais de produção. Visto isso, buscaremos discutir como a castidade e temas relacionados à conduta sexual feminina perfiguram na Vita Sanctae Brigitae e qual o seu papel no modelo de vida religiosa propagado pela hagiografia.

UM ENSAIO COMPARATIVO SOBRE O PAPEL FEMININO NA PÉRSIA AQUEMÊNIDA ATRAVÉS DOS TEXTOS DE HERÓDOTO E CTÉSIAS

Matheus Moraes Maluf (UFF)

Segundo se observa, a partir de Heródoto e Ctésias, autores gregos dos séculos V A.E.C. pareciam perceber que as mulheres persas - com destaque para a Rainha - possuíam espaços de atuação mais dilatados do que as helênicas. Nossa comunicação buscará ensaiar comparativamente como ambos representaram a Rainha persa em suas narrativas literárias.

MORREU COMO ESCRAVO, RENASCEU COMO UM DEUS

Deborah Rodrigues Accioly Lins (UFRJ)

Poucos aspectos do reinado de Adriano atraíram tanta atenção quanto sua paixão pelo jovem Bitínio Antínoo e o misterioso afogamento deste último no rio Nilo em outubro de 130 d.C., após participarem do festival de Osíris que celebrava a morte e o renascimento do deus. A dor do imperador Adriano e seus esforços para estabelecer um culto de adoração a seu companheiro impressionam. Adriano, versado nos mistérios de Elêusis, adepto às adivinhações e encantamentos, afirmou que o jovem havia se tornado uma divindade, pois recebera post-mortem revelações através de oráculos. Aspectos da religião grega, romana e egípcia que, juntas, fornecem um contexto possível para os eventos de deificação que ocorreram no Egito à época da morte do menino. A morte de Antínoo é descrita em três fontes históricas: Díon Cássio, Aurélio Victor e a Vita Hadriani, apresentada na História Augusta. Essa, no entanto, é a única que se refere aos oráculos transmitidos pelo Bitínio. Coloca-se a hipótese da morte de Antínoo não ter sido um acidente, e sim, um ato de magia, um sacrifício, no qual Antínoo teria entregue seu espírito para salvar seu amante. Ou ainda, um ritual organizado com a anuência do imperador, que teria um cunho político de criar um culto a um Deus jovem e belo na região do Egito. Adriano acreditava-se que qualquer pessoa que se afogasse no Nilo - exceto os suicidas – se tornaria um deus, pois o rio, que dava vida à terra, o havia levado para um propósito específico e um bem maior. Aplicaremos a metodologia do paradigma indiciário de Modigliani e Ginzburg como práxis investigativa, procurando por sinais, indícios, o que não está explicitado. Uma análise qualitativa e analítica para que o documento nos apresente o "novo", aquilo que é imperceptível aos olhos. Analisaremos a documentação selecionada através da perspectiva de Manganeau (AD).

DAS YANGBAN AS CHEONMIN: A MULHER NA DINASTIA JOSEON (1392-1897)

Juliana Maria de Souza Xavier (UEMASUL)

A dinastia Joseon ou Choson (1392-1897) marcou um período da história da Coréia onde a função da mulher na sociedade encontrou uma mudança que serviria para consolidar o sistema patriarcal. Com grande influência da visão neo-confucionista, a dinastia Joseon então pauta a representatividade feminina e seus impactos na sociedade coreana medieval. Diante disso, a mulher da época teve seu papel reduzido

comparado com a dinastia anterior (Goryeo), por acreditarem que a conduta da mulher de Goryeo levou a desarticulação de tal dinastia os governantes de Joseon criaram restrições para as mulheres. Assim, procuraremos apresentar como se organizava a sociedade coreana do período com enfoque no grupo social aristocrático (yangban) e plebeu (cheonmin), discutindo as implicações da imagem da mulher além de suas funções e relações no sistema social.

MULHERES NO CRISTIANISMO PRIMITIVO: AS CONSIDERAÇÕES PAULINAS ACERCA DA ATUAÇÃO FEMININA NAS COMUNIDADES CRISTÃS DO SÉC I D. C

Wanessa Kewry dos Santos Nascimento (UEMASUL)

No contexto de formação do Cristianismo, durante os primeiros séculos da Era Cristã, mulheres se integraram ao movimento, principalmente por meio das comunidades domésticas. Assim, contribuíram para a difusão do Cristianismo Primitivo e atuaram até mesmo como líderes religiosas. No entanto, sabe-se que ocorreu um processo de silenciamento sobre a atuação de mulheres no movimento de Jesus e também escritos que condenavam e invalidavam a atuação de mulheres como lideranças no âmbito religioso. Paulo de Tarso apresentou considerações ambíguas acerca do papel das mulheres naquele contexto, ora defendendo a sua atuação, ora condenando. Considerando essa ambiguidade paulina, desenvolveremos este trabalho com intuito de analisar e refletir acerca de suas mensagens que perpassam as relações de gênero.

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DAS MULHERES REAIS EM RUI DE PINA

Richardson Herculano Santiago (UNIRIO)

Rui de Pina (1440-1522) foi o cronista português responsável pela elaboração de diversas crônicas régias. Inicia seus serviços à Coroa ainda cedo, no ano de 1456, quando se torna escudeiro da infanta D. Beatriz. Porém, somente iria atuar como cronista por volta de 1490, quando foi contratado por D. João II (1455-1495) para escrever sobre os grandes feitos dos reinados pregressos. Em 1497, dando continuidade ao projeto das crônicas, foi nomeado como cronista-mor e guarda da Torre do Tombo pelo rei D. Manuel I (1469-1521). A Produção dessas crônicas estaria inserida no contexto cultural do engendramento do humanismo em Portugal, este que por vezes era patrocinado e apoiado pelas personagens femininas régias. A participação dessas mulheres era ativa no que tange aos assuntos culturais e políticos

e, por conseguinte, ocupava um lugar comum ao olhar do cronista. A partir de duas personagens femininas citadas nas crônicas (D. Maria de Montpellier e D. Constança) notaremos como Rui de Pina constrói sua visão sobre a agência dessas mulheres reais.

SESSÃO 1 (15/10): RELAÇÕES DE GÊNERO NO PASSADO E NO PRESENTE
Coordenadora: Profª. Drª. Júlia Constança (UEMA)
Link: https://meet.google.com/xht-uzht-oox
DATA: 15/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

ANA DALASSENA: A QUESTÃO DA PRESENÇA DA MULHER NO IMPÉRIO BIZANTINO SÉCULO XI

Daniela Lima Evangelista (UEMASUL)

Ana Dalassena era mãe do Imperador Bizantino Alexius Comneno (1081 – 1118). Nesta comunicação, veremos como foi o estabelecimento da família Comneno em Constantinopla, como Ana Delassena teve papel primordial nas alianças familiares dos Ducas com os Comneno, contribuindo assim para que sua família ascendesse ao poder. A historiadora Anna Comneno, neta de Ana Delassena, relata que sua avó era muito inteligente e experiente, tal experiencia fazia com que Alexius a deixasse como regente no Império enquanto ele saía em campanhas militares, demostrando assim confiança e o respeito por sua mãe.

OS PAPÉIS DE GÊNERO NAS TRAGÉDIAS GREGAS (SÉCULOS V AO VI A.C.)

Airton Lopes Soares (UEMA)

A presente pesquisa busca analisar e mapear os papéis de gênero contidos nas tragédias gregas, feitas durante os séculos V e VI a.C. e apresentadas em Atenas, tais obras foram consagradas pela literatura ocidental como marco do teatro, dessa forma, a tríade dourada de tragediógrafos formada por: Ésquilo, Sófocles e Eurípedes deixaram um enorme legado cultural grego ao mundo. As peças eram exibidas com intuito de propagar diversas mensagens ao público e refletem os anseios e imaginários das sociedades que as conceberam. Deste modo, o estudo busca extrair da documentação, informações acerca do funcionamento de tal comunidade visando entender os padrões

culturais que esta pregava a homens e mulheres, a exemplo de concepções comportamentais, naturais, morais e político-religiosas. Partindo do entendimento que as determinações de gênero são culturais, ou seja, não naturais e feitas, recriadas e empregadas por seres humanos, se desnaturaliza estereótipos criados a séculos sobre os sexos, em comparação, podemos entender os preconceitos de gênero do passado e os atuais, buscando semelhanças e reinterpretando-os, à medida que se entende que, por mais que existentes e poderosos, duvidamos de uma suposta submissão total que os indivíduos tinham para com esses sistemas socioculturais.

"O LIVRO DIDÁTICO E A QUESTÃO DE GÊNERO: IMAGENS, DISCURSOS E CONSTRUÇÃO"

Elisa Gabriela Alves Muniz Costa (IFMA)

Este trabalho diz respeito ao projeto de pesquisa desenvolvido no IFMA, sob apoio do CNPq, e pretende analisar as questões de gênero presentes no livro didático de história. O livro didático é uma das muitas, senão a principal, ferramentas utilizadas no processo educativo de aprendizagem. Assim, sua importância é fundamental para o ensino de História. No entanto, todo livro didático carrega consigo um projeto político, um discurso que pretende propagar, uma história que deve ser contada. Essa escolha sobre o que deve ser narrado e como deve ser feito não é isenta de intenções. Quando o livro didático, muitas vezes o único livro que o aluno tem acesso, seleciona apenas um sujeito histórico em detrimento de outro o historiador tem em mãos um material singular de análise. O que pretendemos aqui é analisar os discursos presentes no livro didático, especialmente em relação aos gêneros: Como esse discurso se apresenta? Por que as mulheres não são percebidas nele? Como o masculino é apresentado? Quais imagens femininas são construídas?

"O LIVRO DIDÁTICO E A QUESTÃO DE GÊNERO: IMAGENS, DISCURSOS E CONSTRUÇÃO"

Neila Matias de Souza (IFMA)

Este trabalho diz respeito ao projeto de pesquisa desenvolvido no IFMA, sob apoio do CNPq, e pretende analisar as questões de gênero presentes no livro didático de história. O livro didático é uma das muitas, senão a principal, ferramentas utilizadas no processo educativo de aprendizagem. Assim, sua importância é fundamental para o ensino de História. No entanto, todo livro didático carrega consigo um projeto

político, um discurso que pretende propagar, uma história que deve ser contada. Essa escolha sobre o que deve ser narrado e como deve ser feito não é isenta de intenções. Quando o livro didático, muitas vezes o único livro que o aluno tem acesso, seleciona apenas um sujeito histórico em detrimento de outro o historiador tem em mãos um material singular de análise. O que pretendemos aqui é analisar os discursos presentes no livro didático, especialmente em relação aos gêneros: Como esse discurso se apresenta? Por que as mulheres não são percebidas nele? Como o masculino é apresentado? Quais imagens femininas são construídas?

A FIGURA FEMININA NA MESOPOTÂMIA

Rafaela Lima de Souza (Universidade de Pernambuco)

A vida feminina na Mesopotâmia era definida de acordo com os costumes com a época e as leis, que pertenciam à região. Entretanto, isso não significa dizer que a única função da mulher naquele período era casar-se e ter filhos, o papel feminino estava muito além de apenas cuidar da família. Mas, a realidade que as cerca em detrimento do período em que vivem, e das leis e costumes que regem sua vivencia, influenciam na sua atuação e nos seus feitos. Contudo, isso nunca foi o bastante para impedir com que a figura feminina também conquistasse seu papel de destaque e de importância na sociedade. Há na mesopotâmia diversas figuras femininas de destaque, sejam elas deusas ou cidadãs de alguma cidade estado da mesopotâmia. Como por exemplo, a deusa Lilith, demônio feminino, que pertenceu à cultura mesopotâmica e depois foi absorvido pelos babilônicos e os judeus. Há também Tapputi uma perfumista babilônica, realizava a mistura de aromas na antiga mesopotâmia. Os perfumes não eram apenas para fins cosméticos, mas também medicinais e relacionados a rituais religiosos, Tapputi também era funcionaria real, ela era responsável por supervisionar a perfumaria no palácio. E por fim a Deusa associada ao sexo, à guerra, a fertilidade e a prostituição, Inanna que também era caracterizada como a grande mãe, tendo em vista que ela era responsável por uma boa colheita. Ademais, Inanna em vários textos ou mitos tem suas características como deusa da guerra, e protetora do monarca exaltadas.

AS MULHERES DA ARISTOCRACIA ROMANA NA PERSPECTIVA AGOSTINIANA

Admara Titonelli Ferreira Gouvêa (UNIRIO)

O período da história compreendido como Antiguidade Tardia tem entre seus destaques a incorporação do rito católico às práticas tradicionais romanas, visto que, apesar de ser uma religião relativamente nova, as estruturas formais de poder do Império já estavam oficialmente ligadas à ela. Entre tais práticas, destacamos o conceito de ascetismo cristão, que se inspirava nos conselhos existentes nos textos das Escrituras e que se desenvolveu e conquistou diversos seguidores, dentre eles, as mulheres da alta sociedade romana, tendo em sua maioria viúvas e virgens. Neste contexto, a forma como a mulher era vista e o lugar concebido a ela dentro da religião católica merecem destaque, sendo possível tal análise através das missivas com discursos doutrinais e morais endereçadas às mulheres da aristocracia romana por Agostinho, bispo da cidade de Hipona e que foi apontado como uma das figuras mais importantes da igreja católica, exercendo grande influência religiosa e política no Cristianismo católico, sendo considerado como um dos Padres da Igreja, além de um dos grandes defensores da auto proclamada ortodoxia católica. Neste sentido, nossa pesquisa busca evidenciar as relações de gênero que foram construídas a partir do discurso criado pelo Bispo de Hipona, sendo o gênero utilizado como argumento para dividir a atuação e o espaço reservado aos homens e às mulheres. Palavras – chave: Mulheres, Missivas, Ascetismo cristão, Agostinho

SESSÃO 2 (13/10): IMAGINÁRIO E RELIGIOSIDADE NA ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA

Coordenadora: Prof.ª Doutoranda Patrícia Marques de Souza (Bolsista OIE-Organização dos Estados Ibero-Americanos)
Link: https://meet.google.com/mvs-zwzc-xux
DATA: 13/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

ALTERIDADE JUDAICO-CRISTÃ NO SÉCULO V: AS PERSPECTIVAS DE PAULO ORÓSIO E SEVERO DE MENORCA

Ana Carolina Picoli Sotocorno (UNESP/ Franca)

Este trabalho objetiva refletir a respeito das temáticas de alteridade presentes no Livro VII da obra Historiae Adversus Paganos e na Epistula Severi, de Paulo Orósio e Severo de Menorca, respectivamente, escritas no início do século V. Durante o

século IV, a religião cristã encontrava-se marcada por diversas heterodoxias e buscava se organizar internamente. A partir da oficialização do cristianismo como religião do Império Romano, o discurso cristão ortodoxo buscará ocupar um espaço hegemônico e acabará montando seu projeto a partir da alteridade com o outro, sendo o projeto cristão sempre superior em relação aos demais. A questão é que se o outro está tão presente no discurso e na crítica, isso indica que essa ortodoxia não era triunfante. Por sua vez, a narrativa orosiana evidencia um agudo senso de alteridade, definindo quem é e quem não é cristão. À vista disso, hipotetiza-se que havia um projeto de cristianização e de consolidação de uma ortodoxia cristã na Península Ibérica durante o século IV, que acabou não se concretizando e judeus e gentios seguiam ameaçando a autonomia e a consolidação do cristianismo. Desta forma, propõe-se explorar os conflitos envolvendo cristãos, judeus e gentios na Hispânia e as noções de alteridade envolvendo o discurso cristão nos séculos IV e V.

SER FILÓSOFO AINDA QUE BISPO: UMA ANÁLISE DA ESCRITA DE SI NAS CARTAS DE SINÉSIO DE CIRENE DESTINADAS À HIPÁTIA DE ALEXANDRIA

Sheila Adriana Von Graffen (Unioeste)

Uma análise da escrita de si nas correspondências de Sinésio de Cirene (370-413) destinadas à Hipátia de Alexandria ao início do século V. Desse modo se constitui o presente trabalho, resultado de uma Iniciação Científica concluída sob a orientação do professor Dr. Moisés Antiqueira, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná e financiada pela Fundação Araucária. Nela procuramos inquerir acerca do modo como o filósofo Sinésio de Cirene concebia a si mesmo em relação à sua correspondente, quer seja Hipátia. Assim sendo, analisamos o papel que as cartas possuíam na projeção de uma identidade sobre si mesmo por parte de Sinésio que mesmo após assumir o bispado de Ptolomaída (uma província local de sua comunidade de nascimento, a Cirenaica) mesmo assim ainda colocava a filosofia como o bem mais inexpressável e ainda assim se importou em remeter cartas à sua mestra mesmo em seu leito de morte se referindo a ela como “mãe, mestra e irmã” e “a mais autêntica mestra dos mistérios e da filosofia”. Cabendo destacar, que Hipátia teve sua morte orquestrada no ano de 415 por um grupo de cristãos na cidade de Alexandria. Para este trabalho serão apresentadas as três epistolas escritas por Sinésio no ano 413.

RELIGIÃO E RELAÇÕES DE PODER NA ALTA IDADE MÉDIA: UMA ANÁLISE DA CORRESPONDÊNCIA DE GREGÓRIO I PARA O MUNDO FRANCO

Prof. Dr. João Paulo Charrone (UFPI)

Este trabalho analisará as estratégias missionárias de Gregório I, a partir da correspondência pontifical, direcionadas a Gália. Cabe destacar que tais ações nesse espaço fez parte da primeira fase das intervenções missionárias deste bispo, cujo auge foi a tentativa de conversão dos saxões. Para isso, esse artigo será norteado pelos referencias teóricos de Gramsci, especialmente: hegemonia, ideologia e Estado. Nesse sentido, será usado como fundamento metodológico a leitura dos fatos sociais a partir das relações de força estabelecidas entre as classes em disputa na sociedade. Portanto, compreendemos que as ações de Gregório I passavam por um projeto papal na luta concreta pela conquista de hegemonia, por meio de um discurso com sólido teor ideológico, entre os grupos antagônicos no corpo social gaulês. Assim, as cartas gregorianas – remetidas as autoridades governamentais e prelatícias, bem como, aos latifundiários – ambicionavam generalizar seus interesses e desejos de classe para o conjunto da sociedade por meio do consenso em torno de suas demandas, no caso: a conversão de infiéis, a reforma na Igreja Franca, bem como, o reconhecimento de sua liderança eclesiástica e política.

ÁFRICA NAS REPRESENTAÇÕES DA CRISTANDADE MEDIEVAL: A MALDIÇÃO DE CAM, CARTOGRAFIA E IMAGINÁRIO MEDIEVAL

Guilherme Aguiar Gomes (UFMA)

A pesquisa investiga como a África e os africanos foram representados pela cristandade medieval europeia e pelos viajantes do período. Nesse sentido, analisamos documentos escritos e cartográficos para verificar como os europeus em seu imaginário, iluminuras, cartografias e literatura descreviam e/ou inventavam a África e os africanos. Partindo do mito bíblico acerca da maldição de Cam e dos testemunhos deixados pelos geógrafos da Antiguidade buscou-se discutir a questão da escravidão e do racismo dos povos africanos. A cosmologia cristã, somada à cartografia da Antiguidade, acabaram por dar acabamento a uma determinada visão na qual o continente africano e seus habitantes relegados às regiões mais inóspitas da Terra por maldição divina. A cartografia do período passaria a representar essa visão, assim as terras conhecidas (Ásia, Europa e África) ficavam distribuídas em formas de "T". Pelo imaginário medieval a África era descrita como Terrae incognitae, limitada

ao calor excessivo e a possível localização do Inferno, e os africanos eram descritos com traços monstruosos, bestas selvagens, seres negros exóticos, estranhos, demoníacos e assustadores. Tem como aporte teórico a perspectiva historiográfica trazida pelos historiadores, Isidoro de Sevilha, Gomes Eanes Azurara, Joseph Ki-Zerbo, Jacques Le Goff, Hilário Franco Jr, Jean-Claude Schmitt, David Goldenberg e Claude Kappler. Dessa forma, buscamos com esse exercício apontar indícios que justificou e naturalizou o negro africano com servil e inferior, passando a personificar a inversão da moralidade cristã medieval. Palavras-chave: África, Idade Média, Representação, Imaginário, Negro.

DO MUITO SOFRIMENTO A MUITA ESPERANÇA: TÚNDALO, DE CAVALEIRO DANADO A CRISTÃO PERDOADO

Filipe Nunes Chaves Campos (UEMA)

Este trabalho tem como objetivo analisar os sofrimentos deste cavaleiro medieval chamado Túndalo para que se entenda como foi que ocorreu esta mudança de vida dele, comparando suas reações as ações divinas no espaço infernal ao analisar a sua conduta antes e depois da viagem imaginária. Para esta tarefa também será analisado o seu comportamento diante do anúncio do primeiro castigo que ele sofre em seu corpo no espaço infernal e também como ele reagiu diante do último castigo no seu corpo para que então seja analisado como ocorreu esta mudança.

ROMANIZAÇÃO, HELENIZAÇÃO E IMPERIALISMO OCIDENTAL EUROPEU: HETEROGENEIDADES SOCIOCULTURAIS CONTRAPOSTAS À NOÇÃO MODERNA DE HOMOGENEIDADE – (DES) CONTINUIDADES IMPERIALISTAS?

Alexandro Almeida Lima Araujo (UFMA)

A presente comunicação pretende fazer uma discussão comparada na qual colocaremos em pauta o imperialismo greco-romano e o imperialismo de potências europeias no século XIX. Iremos confrontar duas perspectivas que se contrastam, a primeira, a teoria homogeneizante, e a segunda, a teoria heterógena. A homogeneizante fora sustentáculo para potências europeias se colocarem como “herdeiras” das práticas de romanização e helenização, usando-as como práticas de conquistas em relação “ao outro”. Entretanto, a perspectiva heterógena é a

desmitificação da aculturação, em que uma cultura "superior" absorvera outras, "inferiores", a ponto de "apagar" as múltiplas coletividades ali existentes. Veremos que determinados autores classicistas utilizaram retóricos latinos antigos de modo acrítico para justificarem ações imperialistas modernas, com base principalmente na visão de uma Roma conquistadora de territórios e dominadora de culturas circunvizinhas. Porém, será possível enxergar que tais conquistas para anexação de territórios demandavam, muitas vezes, negociações, e não propriamente o uso da violência e da força. Logo, a continuidade de culturas diversificadas no interior da cultura romana perdurou, por exemplo, nas sociedades que se aliavam a Roma por interesses próprios. Não só as que eram aliadas, mas os grupos étnicos incorporados à capital do Império pela força não se aculturaram, inclusive mantendo suas religiosidades e línguas, e, portanto, põem em xeque o discurso de que houvera um pleno domínio cultural de potências europeias modernas durante o processo de colonização sobre os "conquistados" em África, Ásia e América.

O HEXAÊMERON DE BASÍLIO DE CESAREIA E SUA RETÓRICA APOLOGÉTICA CONTRA OS GNÓSTICOS

Jonnildo Vilomar Mateus Viana (UFPI)

Com a finalidade de entender as configurações filosófico-teológicas do cristianismo tardo-antigo, nossas investigações terão como objetivo compreender as dissensões entre gnósticos e cristãos a partir do Hexaemeron escrito pelo bispo Basílio de Cesareia (330-379). A literatura do Hexaemeron de Basílio fonte que é objeto chave de nossas investigações provavelmente foi escrita durante o ano 370, em tese, o seu Hexaemeron é um conjunto de nove homilias que posteriormente ganhou a forma de um texto literário teológico por meio do qual o referido bispo capadócio desenvolveu seus estudos de natureza filosóficas, teológicas e cosmológicas no intuito de legitimar a narrativa cosmogônica contida no livro do Gênesis. Isso posto, torna-se justo dizermos que em nossa análise documental, focaremos nos aspectos retóricos utilizados por Basílio de Cesareia para marcar suas objeções a respeito das teses gnósticas da origem de um 'mal inicial', que supostamente existia desde os primórdios da criação. Portanto, analisaremos como Basílio de Cesareia sustentou a sua visão harmônica e simpática acerca do kósmos em contraposição as leituras gnósticas do Gênesis bíblico.

A MORTE E O MORRER NA IDADE MÉDIA: UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO

Patrícia Marques de Souza (Doutoranda em História UGR/Bolsista OEI)

A historiografia sobre a morte e o morrer vem se desenvolvendo nas últimas décadas tanto no cenário internacional quanto nacional. Desde os estudos pioneiros de Johan Huizinga até as publicações atuais de Jean Claude Schmitt passando pelos sucessivos e frutíferos simpósios temáticos apresentados nas edições da ANPUH, o tema vem despertando interesse em novos pesquisadores de vários campos do saber desde a História até a Antropologia passando pela Psicologia e pela Literatura. No contexto pandêmico atual refletir sobre a morte tornou-se uma tarefa inglória, contudo uma situação semelhante foi vivenciada no passado, e em especial, na Baixa Idade Média, recorte temporal que nos interessa especialmente neste trabalho. Sabemos que a preocupação com o bem morrer atravessava a vida de muitos cristões que almejavam a salvação eterna. Deste modo, inúmeros livros, imagens, poemas, canções e objetos de devoções foram produzidos a partir da inquietação do post-mortem. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é realizar um balanço historiográfico sobre as publicações mais relevantes na área dos estudos sobre a morte e o morrer na Idade Média e refletir sobre o impacto delas nas produções atuais.

SESSÃO 2 (14/10): IMAGINÁRIO E RELIGIOSIDADE NA ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA

Coordenadora: Prof.ª Dr.ª Solange Pereira Oliveira (BRATHAIR/IFMA – Campus Barreirinhas)
Link: https://meet.google.com/mvs-zwzc-xux
DATA: 14/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

ASPECTOS DA DEVOÇÃO MEDIEVAL NA 1ª PARTE DO PALMEIRIM DE INGLATERRA: IMAGENS E OBJETOS

Caio Rodrigues Schechner (UFF)

Esta comunicação terá como objetivo demonstrar a presença de certos traços da devoção religiosa medieval na relação do cavaleiro com a dama na 1ª parte do livro de cavalarias português Palmeirim de Inglaterra. Farei isso a partir da análise de dois eixos: imagens e objetos. Minha hipótese é de que, ao perceber a expressiva influência de certas características dessa devoção na escrita da narrativa, é possível

inferir uma série de paralelos entre a dama e o divino. Como conclusão, procuro desenvolver alguns desdobramentos dessa conclusão, tanto apontando sua potencialidade no que se refere ao endorso da tese de Longa Idade Média, de Jacques Le Goff, quanto versando sobre suas possíveis conexões com o conceito de Cultura Intermediária, conforme proposto por Hilário Franco Jr.

A ORDEM DOS FRADES MENORES ENQUANTO UMA COMUNIDADE EMOCIONAL: REFLEXÕES A PARTIR DA HISTÓRIA SOCIAL DAS EMOÇÕES

Douglas de Freitas Almeida Martins (UFMT-*Vivarium*)

Nas últimas décadas do século XX e, sobretudo, do século XXI, os historiadores e historiadoras têm procurado responder ao chamado de Lucien Febvre que em seu artigo intitulado A sensibilidade e a história. Como reconstruir a vida afetiva de outrora? nos instigou a compreender a importância das emoções enquanto uma das possíveis chaves explicativas para os processos históricos. Foi necessário aguardar algumas décadas, mas em 1990, os trabalhos da historiadora estadunidense Barbara Rosenwein contribuíram para a constituição do campo da História Social das Emoções. A partir dessa premissa, a presente comunicação tem por objetivo analisar como que a historiografia buscou compreender a vida religiosa dos frades menores no século XIII, com especial ênfase aos modos e formas de sentir e a construção por meio das hagiografias minoritas de modelos que possuíam a finalidade de normatizar e disciplinar os membros da Ordem dos Frades Menores no que se refere aos sentimentos e os afetos partilhados. As narrativas santorais converteram-se em porta-vozes do status minorita: a partir de emoções como ira, amor, medo e alegria, a Ordem configurou-se enquanto uma comunidade emocional. A religião enquanto dimensão da vida social deve levar em consideração os modos de sentir dos agentes históricos, uma vez que sua prática está permeada de sensações e estímulos que não são apenas biológicos, mas poderosos instrumentos de poder capazes de construírem representações junto ao domínio social. Desse modo, esta comunicação constitui em um exercício de reflexão do papel das emoções como possibilidade de leitura e interpretação de aspectos políticos da comunidade minorita em sua inserção junto ao domínio material e de demais espaços de poder da península itálica.

PARA UMA ANÁLISE DA GUERRA DAS CHAVES ENTRE FREDERICO II E GREGÓRIO IX (1227-1230)

Gustavo da Silva Gonçalves (UFRGS)

A comunicação tem como objetivo analisar a validade dos conceitos de "política dialógica" e "soberania" a partir de um estudo de caso, a saber, o conflito armado que ficou conhecido como "Guerra das Chaves". A documentação consiste em: a Crônica de Ricardo de San Germano; a biografia anônima sobre Gregório IX; e o Historia diplomatica Friderici Secundi, compilação editada no século XIX que conta com registros de chancelaria relacionados ao período analisado. Este trabalho busca responder à seguinte questão: por que o papado mobilizou tropas para combater Frederico II (1194-1250)? Uma hipótese que guia nossa pesquisa é a de que as ações adotadas pela Cúria Papal antes, durante e depois deste conflito fornecem elementos para problematizar a noção de "Reforma Gregoriana" e "Monarquia Papal", termos historiográficos difundidos para apresentar uma Igreja dominante. As conclusões apontam que os embates foram ponto de tensão em vistas a manter a prevalência da soberania papal, que para a Igreja estava sob ameaça devido às ações imperiais. Portanto, as contribuições deste estudo apontam para a necessidade de reflexão de consolidadas categorias historiográficas, o que leva a reconsiderar a difusão do poder da Igreja na Baixa Idade Média.

DIFERENTES ENTENDIMENTOS SOBRE A MAGIA NAS CRÔNICAS DE SÃO DENIS E NO LIBER FLORUM DE JOÃO DE MORIGNY

Odir Fontoura (IFMT)

Esta apresentação tem por objetivo analisar dois relatos, extraídos das Crônicas de São Denis, sobre um monge anônimo de Morigny que, na primeira metade do século XIV, supostamente praticava magia e cultuava demônios. Serão considerados os relatos das continuações da Cronica latina de Guilherme de Nangis e das *Grandes Chroniques de France* sobre este tema. Estas referências serão analisadas de forma comparativa em relação a outro texto, da mesma época, escrito em primeira pessoa por João de Morigny e intitulado *Liber florum celestis doctrine*. Esta apresentação defende a hipótese de que o anônimo das Crônicas de São Denis é João de Morigny. Este estudo comparado torna possível verificar, ainda, que o que era descrito como demoníaco pelos cronistas de São Denis, segundo João, é exemplo de devoção e ortodoxia, o que remete a um espaço de contradição e disputa a respeito do que era entendido como "magia" na Idade Média.

O ETHOS JÔNIO NA EMERGÊNCIA DA POLIS SEGUNDO A NARRATIVA MÍTICA DE TESEU

Rafael Silva dos Santos (UERJ)

No processo político da Emergência da polis em Atenas, o pensamento político e religioso precisou se unificar a fim de que as philai e as phratrias se constituíssem como o modelo político identificado como "polis". É na narrativa mítica do herói fundador Teseu, o qual é de ascendência jônia, que podemos observar a construção do modelo políade ateniense a partir do ethos jônico, o que comportaria costumes, práticas e sobretudo formas de culto e rituais únicos, e diferenciariam Atenas das demais poleis gregas. Contemplamos ainda que tal modelo surge a partir do embate étnico oriundo de dois projetos de poder distintos, a saber jônios e dórios, onde o modelo jônio torna-se o vitorioso graças o processo de sinoicismo cultural implementado pelo herói Teseu.

EM UM PLANO ELEVADO: O BRILHANTE MUNDO DOS DEUSES

Vitória Machado (UFRJ)

Apesar de amplamente difundida e estudada ao longo dos séculos, a documentação homérica pode ser analisada por diversas chaves de leitura. Nossa investigação pretende analisar a relação de cores e emoções. Reconhecemos a relevância dos elementos sensíveis na construção do imaginário social heleno, ao ponto do aspecto brilhante emergir nos épicos quando representa o mundo divino. Para tanto, utilizaremos como documentação a "Ilíada", a "Odisseia" e os "Hinos Homéricos". Nesta comunicação, investigaremos uma possível distinção entre o mundo dos deuses e o mundo dos homens a partir das caracterizações cromáticas.

OS MODELOS DE CRISTÃOS IDEAIS NA TRILOGIA DAS BARCAS, DE GIL VICENTE

Laura Milena Garcez Serra (UEMA-PIBIC/FAPEMA)

O objetivo desta pesquisa é demonstrar que as peças escritas pelo teatrólogo Gil Vicente podem ser usadas como instrumento de ensino para se estudar a História Medieval. Através das suas obras, o autor indicava referenciais educativos aos cristãos na época. Embora tenha vivido no período da chamada Idade Moderna, Gil Vicente tem o olhar voltado para o período medieval e pretendia restabelecer valores medievais que se encontravam, segundo a sua visão, deturpados. O autor tem uma proposta reformista da

sociedade e, neste sentido, apresenta em suas peças os modelos ideais que deveriam ser seguidos pelos portugueses do século XVI. Situamos a importância que essas obras tinham no meio social, a importância do autor, que se tornou conhecido até a atualidade e buscamos identificar como se encontrava essa sociedade durante a produção das obras e retratar o contexto que foram escritas. As peças analisadas como instrumento de ensino são obras consideradas de devoção, elaboradas pelo teatrólogo em um curto período e consideradas por muitos estudiosos como a trilogia das barcas. São elas: Auto da Barca do Inferno (1517); Auto da Barca do Purgatório (1518) e o Auto da Barca da Glória (1519). Estes autos possuem características bastante marcantes, voltadas ao religioso, contendo de forma direta críticas aos vícios e constituindo-se em sátira social. Gil Vicente escreve com o olhar para o medievo querendo resgatar através dos personagens quais elementos serviriam para uma boa conduta cristã.

SESSÃO 2 (15/10): IMAGINÁRIO E RELIGIOSIDADE NA ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA

Coordenadora: Doutoranda Elisângela Coelho Morais (UFMA)
Link: https://meet.google.com/mvs-zwzc-xux
DATA: 15/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

A CAVALARIA E A DEFESA DA FÉ NA CHANSON DE ROLAND E EM FIERABRÁS

Elisângela Coelho Morais (UFMA)

La Chanson de Roland e Fierabrás são duas narrativas que tratam do embate entre francos cristãos e os sarracenos, e buscam reforçar a ideia de lado certo e errado, sendo os cristãos bons e os sarracenos, em sua maioria, maus. Essas características são reforçadas nas imagens descritas por ambas as narrativas. Escritas no período das Cruzadas trazem em si o ideal cruzado de defesa da fé, mas também de legitimação politica e territorial. A Chanson de Roland, obra medieval francesa, escrita entre os séculos XI e XII, trata da Batalha de Roncevaux, embate entre o exército franco e o exército sarraceno pelo território de Saragoça e pela supremacia religiosa da região. Os francos liderados por Carlos Magno trazem em suas fileiras o conde Rolando, exemplo de cavaleiro cristão fiel a Deus e ao rei, orgulhoso por sua posição e por seus companheiros. Os 4004 versos constituintes desse manuscrito, mostram todo um

o imaginário construído acerca da instituição cavalaria, que no período de escritura da Chanson, vinha sofrendo mudanças advindas das transformações econômicas e políticas ocorridas na Gália Carolíngia. O enredo se desenrola no campo de batalha e mostra as estratégias e tramas que ambos os exércitos traçam em busca da vitória, além de revelar motivações individuais e coletivas. A Chanson trata quase exclusivamente da guerra e da rotina no campo de batalha, que implica principalmente na defesa de um território. Tudo nela é grandioso e concentra a ação sobre vários olhares e quando narra, o autor mostra simultaneamente o lado carolíngio e o lado de seus opositores. Os inimigos são caracterizados como pessoas que ferem de alguma forma aos padrões comportamentais definidos como aqueles constituídos pelo modelo da cavalaria. Entre os cristãos, está o famoso conde Roland e seu par Olivier, que assim como Carlos Magno aparecem em outra narrativa, produzida posteriormente chamada: Fierabrás, texto escrito por volta de 1170, que relata a batalha entre o par e futuro cunhado de Rolando, Olivier e o gigante rei de Alexandria Fierabrás (KROEBER & SERVOIS, Preface.ij). A ação se passa três anos antes do fatídico episódio em Roncevaux, onde Rolando e seus pares caem em batalha. De autoria também anônima, a narrativa traz o foco da ação para o campo de vivencia dos payens, no caso os sarracenos, que são liderados pelo Almirante Balan, pai de Fierabrás e da bela Floripas. Nela, percebemos como eram representados os pagãos e como essa visão coaduna com as retratações desses povos na Canção de Rolando. Fierabrás é dividida em duas partes a primeira é marcada pela luta entre Olivier e Fierabrás, um gigante de mais de quatro metros desafia os francos e tem um embate com Olivier, após saquear Roma. A segunda parte tem início quando Olivier é preso e é resgatado por Roland, e outros pares de França sob as ordens de Carlos Magno, e nessa parte temos uma visão mais ampla do acampamento sarraceno, inclusive do castelo de Aigremore, local onde os cativos e a princesa Floripas, traçam sua resistência, liderados por Roland, contra o cerco sarraceno até a chegada de Carlos Magno e seu exército. Aqui elementos como coragem, e honra estão presentes, e a afirmação do cristianismo como fé verdadeira e seus crentes como os escolhidos e livres de todo o mal, demonstrando que aqueles que escolhem o caminho do erro, terão como fim a morte e aqueles que se arrependem e se convertem, no caso Fierabrás e Floripas, em Fierabrás e a Rainha Bramimonde na Chanson alcançam as graças do senhor da Terra e do Senhor do Céu. Um elemento que é importante salientar é a presença mais marcante dos doze pares, apoiam a causa, e que

juntamente com Carlos Magno, defendem a fé cristã e punem os pagãos sem piedade. E que em ambas as narrativas, mostram o arrependimento de personagens não cristãos que se convertem e recebem recompensas, mas também mostram aqueles que preferem virar as costas ao Cristo e ao rei e que tem como prêmio a morte e a danação eternas. Tais narrativas farão eco aos anseios da elite capetíngia, que nos XI e XII, passava em sua sociedade por transformações pontuais no que concerne à nobreza, e desejavam ver em seus monarcas a força, estabilidade e caráter expansionista de Carlos Magno, além da vitória da cristandade sobre os pagãos, tão presentes na vida dessa população devido as Cruzadas. Tais mudanças serão postas em diversos aspectos, como nos campos político e religioso, assim como nas manifestações culturais, entre elas a literatura, que nesse período produzia as últimas gestas , que ainda mantinham o caráter de amor à batalha e à arte da guerra, mas que já perdia espaço para os primeiros roman. Ambas as narrativas, mostram o arrependimento de personagens não cristãos que se convertem e recebem recompensas, mas também mostram aqueles que preferem virar as costas ao Cristo e ao rei e que tem como prêmio a morte e a danação eternas.

O USO DA NARRATIVA FÍLMICA DE O NOME DA ROSA DE JEAN-JACQUES ANNAUD NO ENSINO DE HISTÓRIA DA IDADE MÉDIA: ANÁLISE DO SAGRADO E DO PROFANO

Luana Maia da Silva (UFT- Campos Palmas)

Este trabalho busca identificar os elementos considerados sagrados e profanos na baixa Idade Média por meio da análise da película O Nome da Rosa de Jean-Jacques Annaud (1986), baseada no livro de Umberto Eco ambientada no ano de 1327, como recurso didático a ser utilizado pelo professor no ensino de história da Idade Média para a construção do conhecimento histórico sobre o período mediante a identificação e discursão dos elementos expostos no filme como sagrado e profano por meio de imagens, frases e cenários. Como marco conceitual dessa discussão utilizaremos a ótica abordada pelo pensamento do psicólogo, filósofo e sociólogo Émile Durkheim, em sua análise sobre a religião na obra clássica publicada originalmente em 1912 As Formas Elementares da Vida Religiosa. Em que ele afirma que a distinção entre o que seria considerado sagrado ou profano no seio de uma sociedade estaria relacionada a concepção religiosa do grupo em que o indivíduo estaria inserido, tendo os templos religiosos um papel fundamental na construção desse imaginário

influenciando assim, interesses, conflitos e crenças de um povo a partir dessa visão. Como sagrado destacamos o serviço dos monges copistas, a adoração a virgem Maria, a doação de bens a igreja, o autoflagelo, o Tribunal do Santo Ofício e a figura do Inquisidor Bernardo Gui. Como profano destacamos os objetos científicos da bolsa de William de Baskerville, o riso e a comédia vistos como zombarias, as mortes que ocorreram no mosteiro atribuídas a obra do demônio, a leitura de livros proibidos, a heresia, as práticas homossexuais entre os monges, a figura da camponesa com a galinha e o gato preto associados a bruxaria, a capacidade lógica e dedutiva de Baskerville, o ato sexual entre o noviço franciscano e a camponesa no mosteiro.

Palavras-chave- Ensino de História; Idade Média; O Nome da Rosa; Sagrado; Profano.

AS ADMOESTAÇÕES DE FRANCISCO DE ASSIS SOBRE O IRMÃO MOSCA: TRABALHO MANUAL E OCIOSIDADE NA ORDEM DOS FRADES MENORES NOS SÉCULOS XIII E XIV

Alex Silva Costa (UFMA)

Francisco de Assis em seus escritos e relatos hagiográficos sempre teve aversão à ociosidade e denominava os frades que não se entregam ao trabalho manual e a mendicância de “irmão mosca” justamente por se satisfazerem dos trabalhos dos outros frades e não produzirem nada por seu sedentarismo. O embate vai ao encontro das visões doutrinárias que foram utilizadas como modelo para as ações religiosas dos Conventuais e Espirituais. Assim, debatemos o uso da memória com conservação e legitimação de interesses ideológicos de grupos divergentes que disputam a reivindicação de interesses de seus próprios modos de viver e conduzir a fé.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Francisco de Assis. Representação

A ORTODOXIA E A HERESIA SEGUNDO OS CÂNONES DOS CONCÍLIOS LATERANENSES: CONSIDERAÇÕES INICIAIS DE PESQUISA

Eduardo Jorge Chíxaro Sarraff de Rezende (UNIRIO)

Este trabalho visa apresentar uma proposta de pesquisa sobre o tema da heresia e sua relação com a defesa de uma pretendida Ortodoxia pela Igreja romana durante a Idade Média Central, bem como tal heresia fora forjada nos Concílios Lateranenses dos séculos XII e XIII. Vale destacar que este objeto impõe a abordagem de processos históricos, tais como a Reforma da Igreja como instrumento de adequação

às demandas existentes à época e que teriam modificado pontos fulcrais de sua estrutura institucional e da sua pretensa Ortodoxia, esta entendida enquanto discurso existencial de poder. Como podemos perceber a Igreja, desde a sua institucionalização, serviu-se dos concílios para direcionar muitas das suas ações, incluindo a forja da sua pretendida Ortodoxia enquanto alegava apenas combater a heresia. Em outras palavras, nosso argumento é que os Concílios participavam da criação daquilo que afirmavam apenas combater. O século XII surge como um período destacado para a humanidade ocidental, porquanto vivenciou o desenvolvimento dos centros urbanos, o crescimento demográfico, a criação das universidades etc, e tudo isso acarretou à Igreja a necessidade de reagir às objeções que lhes eram impostas através das armas de que dispunha, dentre as quais podemos evidenciar os cânones decorrentes dos Concílios de Latrão. Analisaremos a questão da heresia em tais Concílios à luz das contribuições teóricas da História das Religiões, dos ensinamentos de Foucault e também em diálogo com a historiografia.

MULHER E CIÊNCIA NO SÉCULO XII: HILDEGARDA VON BINGEN E A DIMENSÃO CÓSMICA DO SER HUMANO NO LIBER DIVINORUM OPERUM

Antonio Victor Ferreira Silva (UFRA)

Hildegarda Von Bingen (1098-1165) foi uma monja beneditina do século XII que alcançou notoriedade por suas profundas experiências místicas, as quais lhe proporcionaram alcançar notório saber científico-teológico, resultando na escrita de importantes obras que ainda despertam o interesse de renomados medievalistas. Foi a única mulher do seu tempo a quem a igreja permitiu pregar em praças e templos ao povo e ao clero em uma época em que as mulheres costumavam ser silenciadas e o catolicismo enfrentava uma séria crise moral. No campo teológico e apologético, Hildegarda foi uma coluna no combate às heresias e à depravação do clero. Já no aspecto cientifico, o pensamento hildegardiano compõem um universo que desafia os limites de seu próprio tempo, onde apresenta características bem peculiares acerca da unidade do cosmos, como sendo reflexo da onipotência, sabedoria e bondade de Deus. Atributos que regem a natureza e a vida dos homens. No Liber Divinorum Operum a monja descreve e relaciona a doutrina católica, a criação, os elementos do universo, a alma, os órgãos e funções do corpo humano, assim como a salvação do homem, tudo isso como parte de um todo harmônico. Esta pesquisa visa contribuir ao

debate sobre o protagonismo feminino no campo intelectual ao apresentar extratos das ideias dessa que foi uma das mulheres mais importantes para a época. Palavras-chave: Hildegarda de Bingen; Liber Divinorum Operum; Idade Média.

CONSTRUINDO A PAISAGEM E OS ANCESTRAIS: AS SEPULTURAS DA IDADE DO BRONZE FINAL E DA PRIMEIRA IDADE DO FERRO NO LANGUEDOC OCIDENTAL

Thaís Rodrigues dos Santos (Doutoranda - UFF)

A região do Languedoc Ocidental é considerada privilegiada em relação à construção de necrópoles de cremação no sul da França na proto-história. No entanto, os mortos também podiam ser enterrados de forma mais isolada, em montículos e a partir da reutilização de monumentos mais antigos, como do Neolítico. Dentre esses diversos locais, encontramos a necrópole de Moulin (Mailhac), com mais de trezentas sepulturas datando do Final da Idade do Broze e da Primeira Idade do Ferro. Da mesma forma, encontramos a necrópole de Agde, que data da Primeira Idade do Ferro, e nos concede mais de duzentas sepulturas para estudo. Essas necrópoles apresentam grande quantidade de dados funerários concentrados em um local de passagem tanto entre a Itália e a Península Ibérica, assim como do Mediterrâneo para o interior da França. Outros casos relevantes de serem mencionados são as necrópoles da região de Castres (Tarn) e as sepulturas de Grands Causses du Gévaudan, que apresentam uma maior variedade de mobiliário e arquitetura funerária. A partir do estudo desses casos, com o auxílio de análises estatísticas e do uso de GIS, podemos comparar e observar como diferentes comunidades ocupavam e apropriavam-se do espaço funerário comum para a construção de personalidades, considerando-se tanto interesses particulares, assim como práticas e crenças compartilhadas. Esse processo também vinculava-se a realização de performances rituais que englobavam ações padronizadas, como a cremação dos mortos, mas também frequentemente inovações, como a construção de monumentos funerários mais dispendiosos.

A ARQUITETURA BIZANTINA: UMA ANÁLISE DA IGREJA DE SANTA SOPHIA SOFIA DURANTE O REINADO DE JUSTINIANO I

Ana Clara Sousa Reis (Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão)

O presente trabalho pretende analisar a igreja de Santa Sofia construída entre os anos de 523 e 537, projetada por Isidoro de Mileto e Antêmio de Tales durante o reinado

de Justiniano I (482-565), imperador do Império Bizantino. Desta maneira, ao analisar a importância desta igreja entende-se a sua relevância para a religião e a política daquele período. Religião esta, que era um aspecto primordial para o Império inserida tanto na esfera pública quanto na privada, a união do Estado com a religião era algo visível. Sendo assim, a religiosidade estava refletidas em vários âmbitos daquela sociedade e na arte não seria de forma diferente. No que se refere a arte, destaca-se na arquitetura bizantina as igrejas e os mosteiros, a igreja, era mais do que apenas um lugar onde se realizava o culto, mas as suas estruturas simbolizam o divino, a sua construção era atribuída ao divino, tudo estava ligado diretamente a Deus e para ele. Transmitindo uma imagem simbólica para os seus fiéis. A igreja de Santa Sofia se encontra erguida até os tempos atuais, considerada a arquitetura mais grandiosa do Império Bizantino, servindo de modelos para as construções de outras igrejas. Portanto, através de pesquisas bibliográficas propõe-se a analisar esta igreja e consequentemente a religião e a política e os seus impactos no Império Bizantino. Analisando como a arquitetura pode ser utilizada para entender uma sociedade. Palavras-chaves: Império Bizantino; Religiosidade; Santa Sofia; Justiniano.

SESSÃO 3 (13/10): LINGUAGENS AUDIOVISUAIS, ARTES GRÁFICAS E SUAS REPRESENTAÇÕES NA ANTIGUIDADE E MEDIEVO

Coordenadora: Prof. ª Dr.ª Dayse Marinho Martins (UFMA)
Link: https://meet.google.com/rgg-ccyz-idv
DATA: 13/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

A CIDADE DOS PORCOS: O MITO DA IDADE MÉDIA EM GAME OF THRONES

Guilherme Oliveira Claudino (Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Campanha)

Desde a criação do cinescópio, por William Dickson, no final do século XIX, a captura de imagens em movimento, seja para recordação ou para o lazer, tornou-se uma grande obsessão da humanidade. Dentre todas as mídias disponíveis ao historiador, escolhi trabalhar com a série de televisão Game of Thrones. E por que tal escolha? Porque o objeto neste estudo é o “mito da Idade Média”. Este “mito” é uma visão construída pelos homens do Renascimento, a qual observa o período sob a ótica de “idade das trevas”. Isto é, como marcada apenas por coisas ruins, como massacres,

cenas de violência, fomes e epidemias. Tomaremos, portanto, a Idade Média como uma "construção, um mito" e como tal, chamaremos o período de "forma". Sempre quando é mencionada, carrega consigo características universais, tais como cavaleiros, reis, guerras, feudo, reinos, cruzadas, fome, peste e sujeira. É como se essa "forma" mitológica da Idade Média existisse mesmo sem a Idade Média estar realmente presente. A série Game of Thrones pode ser vista de tal maneira. Como uma das séries mais famosas dos últimos tempos, podemos afirmar que é uma das grandes responsáveis por apresentar ao público uma imagem mitológica da Idade Média, especialmente no que tange às cidades. Partimos, portanto, do princípio que Idade Média de Game of Thrones é a mesma do "mito", um "período de trevas", e as cidades são uma evidência importante. A ideia de que o mundo rural, das elites, é colorido, rico, em contraposição à escuridão das cidades, a sujeira, enfim, uma cidade de porcos. O meu procedimento metodológico reside no diálogo entre a História e o Audiovisual.

ANTÔNIO E PÁDUA: REPRESENTAÇÕES DOS CONFLITOS CITADINOS NO FILME SANTO ANTÔNIO. UMA VIDA DE DOUTRINA E BONDADE

Antonio Gabriel Guindane da Silva Barbosa (UFRJ)

O cinema é um recurso didático que suscita muitas questões. Proporciona diversas reflexões sobre a reconstrução do passado, permitindo uma ampla abordagem e discussão de temas-chave da história medieval, assim como dos traços da medievalidade, que acaba reforçando. O objetivo deste trabalho é discutir a representação da dinâmica e conflitos dentro de uma cidade medieval, a influência e ação dos mendicantes dentro desse contexto feita no filme Santo Antônio. Uma vida de doutrina e bondade, considerando o próprio gênero cinematográfico em questão, a hagiografia fílmica. Portanto, buscaremos, por meio da análise narrativa, identificar aspectos que o filme traz à tona sobre as disputas e tensões dentro da comuna de Pádua.

Destacamos que os resultados da nossa pesquisa são parciais, visto que o projeto ainda está em construção. Nele, visamos analisar como as memórias medievais sobre os santos constituídas no medievo, foram ressignificadas por meio das expressões artísticas: música, literatura, cinema, pintura, etc. Esse trabalho se insere no âmbito mais amplo da pesquisa coletiva Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade. Esse projeto busca produzir conhecimentos sobre a construção e perpetuação de memórias de santidade. É desenvolvido junto grupo de pesquisa (Programa de Estudos

Medievais) e ao programa de pós-graduação (PPGHC- IH), com financiamento do CNPq e da Faperj.

O MUNDO SOMBRIO DE SABRINA E A REPRODUÇÃO DA BRUXARIA SATÂNICA

Rhayana Antunes Pimentel (Mestranda-UFRRJ)

A presente proposta tem como objetivo propor a análise da série televisiva americana O Mundo Sombrio de Sabrina, identificando como é representada a personagem da bruxa e a prática da bruxaria. A produção lançada em 2018 e finalizada em 2020, conta com 4 temporadas em que o espectador entra em contato com a reprodução da bruxaria satânica, ou seja, aquela que se baseia na relação firmada entre a bruxa e o Diabo. Ainda hoje no século XXI, o público em geral continua consumindo especialmente através das séries televisivas, ideias e estereótipos sobre as bruxas, formulados na Idade Média. O pacto diabólico foi compreendido na Idade Média como o elemento primordial da bruxaria satânica, pois era a partir dele que se firmava a relação entre a bruxa e o Diabo. Observamos a reprodução do pacto diabólico, na cena do batismo de Sabrina, que depois disso é obrigada a se submeter aos desígnios de Satã. O Malleus Maleficarum, obra publicada em 1486 já abordava a natureza do pacto diabólico."[…] é necessário, para tal, que se faça um pacto com ele, pelo qual a bruxa, de fato e verdadeiramente, se torna sua serva e a ele se devota – o que não é feito em estado onírico ou ilusório, mas sim concretamente: a bruxa passa a cooperar com o Diabo e a ele se une". (KRAMER e SPRENGER, 2015, p. 63). A Idade Média considerou a sexualidade das bruxas como uma característica nociva e descontrolada. A série demonstra como as bruxas lidavam de forma livre com sua sexualidade, chegando a extrapolar o limite das relações carnais humanas, uma vez que insere em cena a presença dos demônios sexuais, os íncubus e súcubus, que historicamente passaram a ser considerados a partir do século XIII. Sabrina também foi retratada ameaçando se jogar de um telhado e voar numa vassoura. O utensílio doméstico foi associado a personagem da bruxa por representar a fuga feminina do ambiente doméstico e da tutela do marido. O Diabo é outro personagem fortemente explorado na série. Foi representado tanto na forma humana e bela, quanto na forma animal e assustadora, estabelecendo ligação com traços do deus Pã, como os cascos e chifres. O princípio de hierarquia infernal, em que podemos observar paralelos com o poder civil, foi uma noção desenvolvida acerca do Diabo principalmente a partir

do século XV. O inferno é retratado aos moldes de uma monarquia, em que o trono é ocupado por Lúcifer e sua corte infernal, com figuras como Belzebu e Astaroth caracterizados como príncipes de legiões de demônios. Tanto a hierarquização do inferno quanto a quantificação de membros das ordens e legiões foram abordados por Carlos Roberto Nogueira, que explicitou as discussões desenvolvidas sobre a temática.“Essa quantificação tem origem na elaboração feita pelo Pseudo-Dionísio, por volta de 500 da era cristã, constituindo-se num sistema de nove ordens angélicas, divididas em três hierarquias, as nove ordens correspondendo às nove esferas celestiais. A primeira hierarquia consistia nos Serafins, Querubins e Tronos, a segunda nos Domínios, Virtudes e Poderes e a terceira, nos Principados, Arcanjos e Anjos. A "demonologia" classificou os anjos caídos da mesma maneira. Sebastian Michaelis, o inquisidor de Avignon que foi chamado como consultor em um caso de possessão em Aix-en-Provence, escrevia que todos os líderes das nove ordens haviam seguido Lúcifer, o qual estava agora acorrentado ao Inferno, de onde comandava suas forças malignas. Beelzebub e Leviathan, os demônios do orgulho e da heresia, enfileiravam-se junto a Lúcifer, entre os Serafins, e o quarto dentre eles era Michael, o anjo da hierarquia mais elevada, a resistir a Lúcifer. Asmodeus, o demônio da luxúria, era também um serafim. Baalberith, o inspirador de assassinato e da blasfêmia, era o líder dos Querubins. Astaroth, o senhor da preguiça, era o primeiro dos Tronos, e Belias, o demônio da arrogância e da loucura, o principal das Virtudes” (NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo, 2000, p 73) Por fim, é interessante ressaltar que a ênfase que identificamos na série de elementos demoníacos e a reprodução de concepções construídas ainda no medievo acerca da bruxa e da bruxaria, também possuem relação com o fato da produção ser de origem norte-americana e contar com a influência puritana, elementos responsáveis por transformarem a América do Norte no berço do sobrenatural.

O USO DO RECURSO GOOGLE Arts & Culture PARA UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA : A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MEDIEVAL COMO EDUCADORA E MÃE

Silvia Carla Sérgio (UNESPAR- Paranavaí- PR)

O estudo proposto caracteriza-se pela análise de algumas pinturas disponíveis gratuitamente na plataforma Google Arts & Culture para buscar algumas características que evidenciem como a sociedade medieval entre os século XII e XIII compreendia a

mulher como a representação da educadora primeira dos filhos. A representação do amor da Virgem Maria com seus filhos no intuito de educa-los para uma vida virtuosa. Tal trabalho se justifica, pois a arte expressa como as pessoas viviam e pensavam, oferecendo a possibilidade de compreensão das ações humanas e da organização social em diferentes períodos históricos. Por meio da análise e observação das pinturas disponíveis na Google Arts & Culture e nos embasando no suporte teórico e metodológico da Historia Social, procuramos observar como alguns pintores expressavam a concepção de pecado, representado nos vícios humanos, que pairava na mentalidade do homem da Baixa Idade Média. Além da expressão da figura feminina como aquela que objetivava a formação dos filhos para uma vida virtuosa. Para a melhor observar e compreender o conceito do pecado nesse período, fundamentamo-nos em textos de Tomás de Aquino (1395– 1455). Por meio de uma analogia entre as obras, buscamos observar que o homem do final da Idade Média tinha seu modo de viver e pensar influenciado pelo caráter moralizador dos pecados. Diante disso, podemos identificar em algumas obras disponíveis na plataforma, um caráter educativo fundado na razão, a qual é fundamental para a formação do homem como sujeito social, independente do período histórico em que ele viva.

Palavras-chave: História da Educação; Arte; Medievo; Pecado

MIRAGEM DO MEDIEVAL: UM ESTUDO SOBRE OS ELEMENTOS MEDIEVALISTAS NO JOGO *LEAGUE OF LEGENDS* E SEUS REFLEXOS

Carla Aparecida Nunes (Universidade Federal de Ouro Preto)

O ensino, de maneira geral, tem passado por uma reestruturação nas formas, ferramentas e abordagens, visto a necessidade de incorporar recursos tecnológicos. Esse processo passa por diversas telas, do celular, do notebook e afins. O uso desses equipamentos tem acumulado funcionalidades, do entretenimento ao ensino, tornando-se espaços de múltiplas possibilidades. Nesse movimento, acentuado pela pandemia, nota-se o crescimento do consumo de jogos. Dentro desse recorte, desponta como tendência o *League of Legends* (LOL), firmado no mercado com versão para computador. No ambiente do jogo, temos um conjunto de campeões que acumulam referências medievalistas e neo-medievalistas que podem ser utilizadas para finalidades educativas. Considerando a aula, neste espaço fazer o uso das referências, disponíveis no cotidiano e que formam o conhecimento popular, permite construir os saberes de maneira sólida a partir dos interesses dos e das estudantes. Devido a essas

considerações, a investigação tem o interesse de fazer uma discussão sobre as diferentes maneiras de representatividade de gênero no LOL, sabendo que é um jogo comercial. As inquietações centrais são quais as noções que o jogo pode apresentar sobre as relações de gênero do período? Qual reflexo na sala de aula?

O REI, O LADRÃO E O DESTINO DA INGLATERRA: REPRESENTAÇÕES DO ENCONTRO ENTRE RICARDO I E ROBIN HOOD NAS ARTES E LITERATURA INSULAR DO OITOCENTOS

Mauricio da Cunha Albuquerque (Doutorando PPGH-UFPel)

Esta comunicação versa sobre algumas representações do encontro fictício de Ricardo I (mais conhecido como Coração de Leão) com Robin Hood e suas possíveis conotações no contexto sociocultural da Inglaterra oitocentista. Utilizando das noções de medievalismo, imaginário e das discussões feitas em torno da construção e dinâmica dos ícones culturais, propomos um estudo comparativa de fontes imagéticas e literárias, focando na dialogia entre esses dois tipos de fontes. Coração de Leão e Robin Hood são dois personagens consideravelmente populares, presentes em filmes, séries, HQs, romances históricas, e demais produções ambientadas no período medieval. Mesmo que um seja um personagem histórico bem documentado e o outro uma quimera do imaginário inglês, isto não impediu com que estes personagens cruzassem seus "caminhos" diversas vezes ao longo dos séculos. Inicialmente, nas primeiras baladas do medievo tardio e início da era moderna, as histórias de Robin Hood eram ambientadas no reinado de um dos reis Eduardos (I, II ou III), não havendo uma precisão cronológica neste sentido. Somente em 1521, com a Historia Majoris Britanniae, de John Major, os anos finais do século XII (precisamente, os anos do reinado de Ricardo I) se tornam o palco das aventuras do famoso fora-da-lei. Mas é no XIX em que esta relação se solidificará no imaginário popular, adquirindo não apenas uma fórmula "padrão" mas, também, conotações de cunho político-ideológico condizentes com a situação insular oitocentista.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS: UM INSTRUMENTO POSSÍVEL E NECESSÁRIO NO ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA

Amanda Cristina Amorim Silva Neves (Doutoranda-PPGHIST/UEMA)

As Histórias em Quadrinhos sempre estiveram presente no cotidiano dos alunos, professores e sociedade em geral como um mecanismo de entretenimento e ferramenta de contato com a leitura na primeira infância. O caráter divertido dos desenhos em

quadrinhos traçou um caminho que as manteve afastada das paredes da escola por muito tempo. Todavia, as as reformas da BNCC e a possibilidade de inserção de novas ferramentas no ambiente pedagógico trouxeram as HQ´s para dentro dos livros didáticos através das tirinhas e geralmente trabalhada na disciplina de Português. Nesse artigo, discutimos a contribuição desse instrumento nas aulas de História, com foco nas aulas de antiguidade romana e como essa seria um contributo para compreensão de um conteúdo que muitas vezes é visto como distante da realidade do alunado.

Palavras-chave: Ensino, História, Antiguidade, Quadrinhos, Roma.

SESSÃO 3 (14/10): LINGUAGENS AUDIOVISUAIS, ARTES GRÁFICAS E SUAS REPRESENTAÇÕES NA ANTIGUIDADE E MEDIEVO

Coordenadora: Prof. ª Dr.ª Dayse Marinho Martins (UFMA)
Link: https://meet.google.com/rgg-ccyz-idv
DATA: 14/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

A ERA VIKING NO HEAVY METAL: UMA LEITURA DA BANDA AMON AMARTH

Glaycy Kelly Souza Aranha (UFMA)

A música está presente no cotidiano mesmo que indiretamente com suas diversas variações, e a cena do Heavy Metal está inserida no mundo em diferentes contextos socioculturais, e nesta pesquisa nos concentramos no cenário escandinavo do Heavy Metal. A pergunta a ser respondida é “Por que a Era Viking é um tema tão presente no Heavy Metal e por que a recepção da temática diz muito mais sobre o tempo presente do que sobre o passado no qual se inspira? A proposta deste trabalho é a análise do álbum Twilight of The Thunder God da banda sueca Amon Amarth.

ENFERMIDADES INFANTIS E OS MEDICAMENTOS: ANÁLISE DO TRATADO DE LOS NIÑOS (SÉCULO XIV)

Larissa Lacé Sousa (PPGH-UFG)

Na Idade Média as enfermidades atingiam com frequência os infantes que muitas vezes eram levados a morte precoce. Assim alguns físicos preocuparam-se com a saúde dos bebês frágeis e faziam indicações terapêuticas e os medicamentos ajudariam curar ou amenizar as dores. Assim, a proposta desta comunicação é analisar as indicações medicamentosas direcionadas as crianças na Idade Média a

partir do Tratado de Los Niños, composto no início do século XIV pelo físico e mestre da Universidade de Montpellier, Bernardo de Gordônio (1258-1318). Esse escrito possui 28 pequenos capítulos, onde o autor aborda esse universo desde quando as crianças ainda estão no ventre, as precauções que as mulheres deviam ter para não gerar o aborto, os primeiros cuidados com os recém-nascidos, a primeira alimentação, escolha da ama de leite, e lista as enfermidades e o que fazer para tratá-las. O Tratado é uma obra de prática médica que integra o Livro sobre a Conservação da vida humana desde o nascimento até a hora da morte, conhecido também como Regimento de Saúde, contém quatro partes práticas da medicina e é na terceira dedicada à dietética que se encontram os preceitos direcionados a saúde infantil. Nosso objetivo é identificar nessa obra, fruto da medicina universitária medieval, como as crianças eram protegidas por meio das indicações dos tratados e de que forma os remédios feitos à base de elementos naturais agiam trazendo benefícios.

O USO DA NARRATIVA FÍLMICA DE O NOME DA ROSA DE JEAN-JACQUES ANNAUD NO ENSINO DE HISTÓRIA DA IDADE MÉDIA: ANÁLISE DO SAGRADO E DO PROFANO

Luana Maia da Silva (UFT- Campos Araguaína)

Este trabalho busca identificar os elementos considerados sagrados e profanos na baixa Idade Média por meio da análise da película O Nome da Rosa de Jean-Jacques Annaud (1986), baseada no livro de Umberto Eco ambientada no ano de 1327, como recurso didático a ser utilizado pelo professor no ensino de história da Idade Média para a construção do conhecimento histórico sobre o período mediante a identificação e discursão dos elementos expostos no filme como sagrado e profano por meio de imagens, frases e cenários. Como marco conceitual dessa discussão utilizaremos a ótica abordada pelo pensamento do psicólogo, filósofo e sociólogo Émile Durkheim, em sua análise sobre a religião na obra clássica publicada originalmente em 1912 As Formas Elementares da Vida Religiosa. Em que ele afirma que a distinção entre o que seria considerado sagrado ou profano no seio de uma sociedade estaria relacionada a concepção religiosa do grupo em que o indivíduo estaria inserido, tendo os templos religiosos um papel fundamental na construção desse imaginário influenciando assim, interesses, conflitos e crenças de um povo a partir dessa visão. Como sagrado destacamos o serviço dos monges copistas, a adoração a virgem Maria, a doação de bens a igreja, o autoflagelo, o Tribunal do Santo Ofício e a figura

do Inquisidor Bernardo Gui. Como profano destacamos os objetos científicos da bolsa de William de Baskerville, o riso e a comédia vistos como zombarias, as mortes que ocorreram no mosteiro atribuídas a obra do demônio, a leitura de livros proibidos, a heresia, as práticas homossexuais entre os monges, a figura da camponesa com a galinha e o gato preto associados a bruxaria, a capacidade lógica e dedutiva de Baskerville, o ato sexual entre o noviço franciscano e a camponesa no mosteiro. Palavras-chave- Ensino de História; Idade Média; O Nome da Rosa; Sagrado; Profano.

ROBIN HOOD: UM ESTUDO ACERCA DA LENDA, DO CINEMA E DA HISTÓRIA

Bianca Camargo Avanço Satim (Universidade Estadual de Maringá)

O mito de Robin Hood, o herói que roubava dos ricos para dar aos pobres, reside no imaginário coletivo, tornando-o vivo e exemplo de um ideal de justiça social no século XII e na Inglaterra medieval. Ao longo dos séculos, a lenda do herói foi sendo reconstruída pela imaginação popular, transmitida primeiro de forma oral e depois por meio da literatura e do cinema. Desse modo, a pesquisa analisa o filme Robin Hood de Ridley Scott de 2010, a fim de refletir a relação entre cinema e história. O filme, é uma das adaptações da lenda do herói, o qual o fora da lei assume o seu papel na virada do século XII, em tempos de tirania e injustiça na Inglaterra. É uma pesquisa bibliográfica, que permite conhecer e analisar referenciais teóricos já elaborados, é teórica com base para o desenvolvimento do estudo, o Movimento de Annales que se opunha a postura metódica positivista, visando: problematizar a história, verificar a interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento e ampliar as fontes históricas. Os pressupostos teóricos são oriundos da História Social e fundamentada em Marc Bloch para compreender que '[...] os homens no tempo se constituem como o objeto de estudo do historiador' e Fernand Braudel que analisa o processo de longa duração. Desse modo, entende-se que o filme é um recurso importante para conhecer a nossa História enquanto seres humanos, esclarecendo as questões políticas, sociais e educacionais do período.

MITO ARTURIANO: O CINEMA E SUAS REPRESENTAÇÕES

Israel Rodrigues Moreira (BIC-UEMA-FAPEMA)

O mito ou ciclo arturiano, faz parte do que chamamos de Matéria da Bretanha, que é um conjunto de contos e narrativas que envolvem como figura central, Artur ou Arthur. Para compreender a sua importância nesses elementos, devemos observar de modo igual no campo do imaginário, em especial quando se trata do contexto medieval. Arthur passou por transformações derivadas dos interesses e da época em que cada sociedade se encontrava. Artur tem sua primeira aparição escrita na obra do galês Nennius, História dos Bretões, o mítico personagem é descrito nesta narrativa como um dux bellorum. Arthur e as narrativas e os contos estão vivos no imaginário não só bretão como mundial, pois existindo ou não, o mesmo foi formador de diversos ideais e modos de conduta, que podemos observar até mesmo no mundo contemporâneo. Nesse sentido podemos destacar as produções cinematográficas e o modo como elas reescrevem e reinterpretam Arthur, por vezes mais atreladas às narrativas mais tradicionais que envolvem Arthur, em outros filmes constroem uma nova visão sobre o mito arturiano, ou o atrelam a aspectos de carga mais histórica, irá depender da mensagem que o filme pretende repassar. Tocante a isto neste trabalho iremos destacar três filmes em específico, com algumas ressalvas; A Espada Era a Lei (1963) do gênero animação; Rei Arthur (2004) que se encaixa no gênero aventura e Rei Arthur: A Lenda da Espada (2017) que faz parte da categoria fantasia.

O ENSINO DO ANTIGO EGITO A PARTIR DAS FERRAMENTAS LÚDICAS

Theíla Soares Arruda da Silva (Universidade de Pernambuco – UPE)

Os jogos são uma das linguagens sociais da atualidade, principalmente no âmbito digital, por isso é necessário compreender que existe uma nova realidade na relação dos jovens estudantes com os jogos. A portabilidade deles por meio dos smartphones, permite sua entrada em qualquer ambiente, inclusive dentro das salas de aula. A intensa interação em chats e formação de equipes, faz com que os discentes se voluntariem a passar horas utilizando esses mecanismos. Sendo assim, por que não integrar essa linguagem social à rotina escolar de maneira que os estudantes desenvolvam interesse e habilidade com os conteúdos programáticos? A BNCC aponta nas competências gerais da educação básica que ao utilizar tecnologias digitais, sua introdução deve ser “de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais”. Por isso é fundamental que no desenvolvimento do jogo, o

mesmo seja direcionado a transmitir os conhecimentos necessários para o aprendizado da disciplina. Desse modo foi desenvolvido um jogo de tabuleiro que apresenta aos estudantes do sexto ano do ensino fundamental a temática do Antigo Egito, o objetivo central do jogo é estimular a interação entre o estudante e o conteúdo, por isso o tabuleiro e as cartas que o compõem apresentam a geografia, história, cultura e o cotidiano da sociedade egípcia.

SESSÃO 4 (14/10): RESSIGNIFICAÇÃO DA ANTIGUIDADE E MEDIEVO POR MOVIMENTOS POLÍTICOS NA CONTEMPORANEIDADE
Coordenadora: Doutoranda Nathany Belmaia (UFPR)
Link: http://meet.google.com/gsf-ziwu-jne
DATA: 14/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

O ESPELHO CONSERVADOR MEDIEVAL: REACIONARISMO E A EXTREMA-DIREITA FRANCESA

Edilson Alves de Menezes Junior (Bolsista de Doutorado CNPq–PPGH-UFF)

O passado está longe de ser um pretérito estático, colhido por historiadores neutros valendo-se se suas ferramentas conceituais e metodológicas. O humano, essencialmente dialético, é atravessado das mais diversas reificações e contradições que o constituem como ser social: uma posição social específica, uma alocação sócio-histórica, ideologias, estranhamentos etc. O ser social, não possuindo nenhuma atribuição mágica transcendente, a rigor, insere-se no conjunto de determinações que compõem a realidade social; e, ao analisar o passado, não se despe de sua carga essencial, ao contrário, a transfere à análise do tempo histórico. O passo está em disputa, aquiesce perspectivas de presente, posicionamentos políticos, mas de forma alguma é ingênuo ou neutro. No atual cenário internacional de acirramento das contradições do capital, especificamente falando do cenário europeu, requenta tensões políticas, projetos. As ondas migratórias, aliadas ao cenário de austeridade imposto pelo capital reaquece as velhas sanas da extrema-direita, xenófoba e racista por essência, agitam-se. O passado medieval aparece como uma arma retórico-política fundamental na legitimação de seu discurso fascizante. Explorar a mobilização do passado medieval, seus usos políticos e sua instrumentalização na França contemporânea em vistas de legitimar posições preconceituosas é fundamental na disputa não apenas historiográfica, mas dos projetos de presente e futuro.

EL PARE CAROLINGI: CARLOS MAGNO E IDENTIDADE NACIONAL EM ANDORRA

Enzzo Sato Inada (LABORA/USP)

Nacionalismos são fenômenos políticos extremamente persuasivos na contemporaneidade, cuja finalidade última é a obtenção de poder de Estado e, a partir dele, auto replicar suas células de viabilidade técnica, educacional e cultural. Para tanto, todo nacionalismo que queira se projetar como possível cria uma extensa rede de aparatos retóricos e discursivos, legitimando sua existência enquanto movimento, e o ônus desta narrativa recai frequentemente sobre a Idade Média. Neste quesito, Carlos Magno é um dos personagens mais famosos da mitologia medieval; sendo ele frequentemente retratado como o defensor do cristianismo contra o islã, e, em última instância, como fundador da Europa, evocar sua imagem é algo sempre muito atrativo para propósitos nacionalistas. Contudo, como é possível que um personagem que é sempre visto como o congregador de uma Identidade Europeia (e, portanto, supranacional) poderia ser também um ícone de algo tão excludente quanto o nacionalismo? Esta presente comunicação se propõe a realizar um estudo de caso sobre a adoção de Carlos Magno como o patrono de facto do co-principado de Andorra, e seus propósitos políticos nacionalistas que embasam esta exaltação do imperador. Objetiva-se também analisar documentos e historiografia para pensarmos como este mito carolíngio se criou, e como a imagem de Carlos Magno consegue até hoje ecoar de forma conveniente aos propósitos nacionalistas do presente no país dos Pirineus.

Palavras-chave: Idade Média, Nacionalismo, Andorra, Carlos Magno

DIRETRIZES MEDIEVAIS NA CONSTRUÇÃO DOS NACIONALISMOS: O CASO IRLANDÊS ENTRE OS SÉCULOS XIX-XX

Luan Lucas Araújo Morais (Doutorando-PPGH-UFF)

Situada no campo das “periferias” históricas dentro da medievalística brasileira, a Irlanda é comumente inserida no debate historiográfico devido ao seu processo de cristianização, ocorrido no século V E.C, cuja ênfase e importância na construção de uma determinada “religiosidade medieval” caracterizou toda uma escola de pensamento e fazer historiográfico nos séculos XIX e XX, que observara e analisara história irlandesa a partir das lentes de sua conversão. A Ilha Esmeralda, atravessada por conflitos políticos e religiosos durante os séculos XIX e XX, foi palco das mais diversas

manifestações públicas acerca de sua particularidade histórica, bem como do reconhecimento de uma "herança" nacional cujas raízes podiam ser localizadas entre os séculos pertencentes à fatia temporal comumente denominada de medieval. Desse modo, os manuscritos medievais hiberno-latinos seriam os responsáveis pela manutenção e valorização de toda a cultura, língua e história irlandesas, sendo assim interpretados e reivindicados pelos diversos grupos políticos que buscaram ou independência irlandesa frente ao julgo colonialista-imperial britânico ou a conciliação entre estes. O objetivo desta comunicação é apontar os suportes e diretrizes supostamente "medievais" na construção do nacionalismo irlandês, apontando seus limites e suas instrumentalizações culturais, intelectuais e políticas sobre esse "passado medieval" como farol e guia de uma história nacional e de seus elementos tipicamente irlandeses.

A UTILIZAÇÃO DA BÍBLIA EM SALA DE AULA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

William Braga Nascimento (Doutorando-UEMA-PPGHIST)

Pretende-se com esta comunicação, debater sobre as possibilidade e desafios presentes na utilização da Bíblia como instrumento de pesquisa e conhecimento histórico em sala de aula. Destarte sua leitura ser hegemonicamente ancorada em perspectivas que dialogam com a fé de milhares de pessoas, esta comunicação expressa uma pesquisa em andamento que busca meios para que este material possa ser compreendido dentro de contextos próprios de sua longa formação, bem como, sua apresentação junto à audiência escolar.

SOBERANIA E SEUS LIMITES: UM DIÁLOGO ENTRE JEAN BODIN E BARTOLOMÉ DE LAS CASAS (FRANÇA E AMÉRICA ESPANHOLA, SÉCULO XVI)

Meriam da Silva Barros Saraiva (UFMA- PPGHIS)

Analisaremos o pensamento político de dois grandes teóricos que efetivaram estudos acerca das relações de poder: Jean Bodin (França, 1530-1596) e Bartolomé de Las Casas (Espanha, 1474-1566). Tal reflexão sobre as relações de poder abordadas em Bodin e Las Casas trazem importantes reflexões sobre a construção do conceito de soberania e, também, sobre os limites para o exercício do poder da realeza que têm raízes que remontam de discussões desde a Antiguidade clássica. Pretende-se mostrar como esses dois pensadores do pensamento político moderno trouxeram uma noção

de soberania vinculada ao chamado “bem comum” e como tal discussão pode ser importante no contexto contemporâneo em que se vive uma verdadeira crise relacionada ao exercício do poder e o estabelecimento da soberania na realidade brasileira. Como metodologia serão utilizados o contextualismo linguístico atribuído ao historiador inglês Quentin Skinner e a história conectada de Sanjay Subrahmanyam.

HISTÓRIA GLOBAL: UM CAMINHO PARA A DESCONSTRUÇÃO EUROCÊNTRICA?

Amanda Cristina Amorim Silva Neves (Doutoranda-PPGHIST-UEMA)

Na década de 1990, houve um crescimento significativo na preocupação dos historiadores para com os discursos eurocêntricos dentro da narrativa da História Geral, a História Global traz uma urgência concreta pautada em propor e estabelecer a leitura dos fenômenos históricos através de uma noção mais integrada de relações, experiências e o próprio tempo e como este vem sendo discutido dentro das periodizações tradicionais da História. Viabilizando então a elaboração de uma “nova história” ou melhor, um novo método de entender as histórias já cristalizadas ou até mesmo sacralizadas. Ver a História de uma forma mais ampla está atrelado a entender as complexidades das relações ao longo dos séculos, é compreender que a história humana é pautada em diversos padrões de funcionamento e principalmente compreender que esses padrões se misturam e atuam de modo a coexistir. E o caminho para isso é pensar a integração das comunidades ao redor do globo, nesse sentido, esse trabalho visa entender a História Global como um mecanismo de rompimento com a perspectiva do eurocentrismo. Palavras-chave: História, Global, Europa, Conexões, Integrações

SESSÃO 5 (14/10): CULTURA POPULAR NA ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA E SUAS REMINISCÊNCIAS NA LITERATURA DE CORDEL / SESSÃO 08 (14/10) : REMINISCÊNCIAS NA CULTURA MARANHENSE DA ANTIGUIDADE E MEDIEVO

Coordenadora: Prof.ª Dr.ª Júlia Constança Pereira Camêlo (UEMA)
Link: https://meet.google.com/smr-ypti-cyf
DATA: 14/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

REMINISCÊNCIAS MEDIEVAIS NO MARANHÃO OITOCENTISTA: ASSISTÊNCIA CARITATIVA DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DO MARANHÃO AOS DESVALIDOS (1850-1880)

Denilson Costa Pinheiro (PPGHIST - UEMA)

A Santa Casa de Misericórdia foi uma instituição de caridade cristã, surgida desde o fim do século XV, na Baixa Idade Média, em Lisboa - Portugal, por ação da Rainha Leonor (1498 – 1525), em um período de crise socioeconômica. No desencadeamento do processo de colonização portuguesa sobre os continentes da África, América e Ásia, esse tipo de estabelecimento foi estendido às novas fronteiras de dominação da Coroa Portuguesa, como uma das formas de dar concretização na dominação dos territórios. A Santa Casa de Misericórdia tinha como objetivo dar assistência aos desvalidos, pobres, doentes, presos, crianças abandonadas e mulheres. A primeira Irmandade estabelecida no Brasil foi a da Capitania de São Vicente (1543). No Maranhão as fontes são escassas para a comprovação de sua fundação, mas alguns historiadores acreditam que foi no inicio do século XVII, no ano de 1623. Entretanto, este trabalho tem como objetivo, analisar a reminiscências medievais da Santa Casa de Misericórdia do Maranhão no período oitocentista, visto que foi uma época de grande atuação da Instituição na sociedade maranhense, por meio dos seus estabelecimentos, que consistiam na Igreja de São Pantaleão, o Cemitério, o Hospital da Caridade, o Asilo dos Lázaros e a Casa dos Expostos. Como metodologia este trabalho terá os jornais do século XIX como fonte, nos possibilitando a análise da atuação da Santa Casa de Misericórdia do Maranhão na assistência aos desvalidos.

O PARADIDÁTICO "O MEDIEVO PORTUGUÊS E A REVOLUÇÃO DE AVIS", E AS PERMANÊNCIAS MEDIEVAIS NO MARANHÃO E NO BRASIL

Ms. Antonio Marcos Lemos Santos (UEMA)

Esta comunicação objetiva analisar o Produto Pedagógico "O medievo português e a revolução de Avis", confeccionado por nós, no Mestrado em História do (PPGHIST/ UEMA). O mesmo aborda o tema Medieval, temática que julgamos necessária para a compreensão de nossas heranças culturais, este produto educacional nos convida a refletir quais aspectos guardamos desse período histórico, que a, um dia, metrópole viveu e transportou para solo brasileiro junto com os homens e mulheres que vieram para nosso país no período colonial. O produto propõe-se a possibilitar aos alunos (as) do Ensino Médio outro olhar sobre a Idade Média, fazendo com que percebam as características residuais do medievo presentes em nossa cultura e no cotidiano em que vivemos, sejam aspectos culturais, religiosos ou arquitetônicos.

Palavras-chave: Paradidático. Idade Média. Permanências. Brasil.

SESSÃO 6 (13/10): ENSINO REMOTO: ABORDAGENS E PRÁTICAS
Coordenador: Doutorando Mário Augusto Carvalho Bezerra (UFMA)
Link: https://meet.google.com/urm-irag-sag
DATA: 13/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

COMUNICAÇÃO, TRABALHO E EDUCAÇÃO VIRTUAL NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS ON-LINE

Mário Augusto Carvalho Bezerra (Doutorando/PPGHIS-UFMA)

De acordo com Maria Elizabeth Bianconini de Almeida (2003, p. 118-119), ambientes virtuais de aprendizagem são sistemas computacionais acessados via internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas TICs e por um professor-orientador. Permitem integrar múltiplas mídias e recursos, apresentar informações de maneira organizada , desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e sociabilizar produções. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo discutir o uso dos ambientes virtuais utilizados na prática pedagógica da Escola Municipal Dr. José Silva (São José de Ribamar-MA), as formações cursadas pelos professores e o uso do espaço virtual na comunidade escolar. Dessa forma, destacando as facilidades e dificuldades da gestão, corpo docente, adaptação dos alunos e familiares no processo de realização das atividades educacionais no crítico momento de saúde mundial.

CAMINHO PARA O DUAT - O DESENVOLVIMENTO DE UM JOGO ON-LINE PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO ANTIGO EGITO

Flavia Lima Corpas (ITECNE)

Durante a pandemia de COVID-19, uma alternativa ao ensino presencial fez-se necessária. As aulas on-line tornaram-se forte aliadas da educação em todos os níveis de escolaridade e alunos desde a pré-escola até o pós-doutorado, viram-se inseridos no ambiente virtual de aprendizagem. Graças ao estímulo gerado pela necessidade de criar uma ferramenta de ensino à distância que fosse ao mesmo tempo eficiente e interessante para o público-alvo (crianças matriculadas no sexto ano do ensino fundamental), foi desenvolvida a proposta o Caminho para o Duat. O projeto em questão, trata-se de um jogo on-line que pode ser executado no navegador de qualquer notebook ou desktop, sem necessidade de instalação (apenas com o uso da internet) e tem como intuito transportar o usuário para uma viagem rumo ao Egito Antigo. No jogo, é apresentada Amunet, uma personagem fictícia que precisará da ajuda do jogador para atravessar

diversos obstáculos até chegar em segurança, ao Duat, o mundo dos mortos dos egípcios antigos. Desenvolvida por duas amantes da cultura egípcia, a ferramenta conta com valiosas informações a respeito daquela sociedade, utilizando-se de simbolismos, itens gráficos e sons que deixarão mais rica a experiência do usuário. Após a finalização do game, que conta com três fases, o aluno terá aprendido sobre o processo da "viagem" de um falecido até o além, conforme a crença egípcia. Desta forma, o tabu muitas vezes atrelado ao conceito de morte na sociedade contemporânea, poderá ser visualizado sob uma nova ótica. O Caminho para o Duat mostra-se uma excelente ferramenta para auxiliar o professor no ensino da História da civilização egípcia, além de ter sido desenvolvido em uma plataforma que permite atualizações, possuindo a capacidade de atender as possíveis demandas de futuros usuários, como por exemplo a inserção de novas fases e conteúdos.

CAMINHO PARA O DUAT - O DESENVOLVIMENTO DE UM JOGO ON-LINE PARA O ENSINO DA HISTÓRIA DO ANTIGO EGITO

Cristina Benati Perez (ITECNE)

Durante a pandemia de COVID-19, uma alternativa ao ensino presencial fez-se necessária. As aulas on-line tornaram-se forte aliadas da educação em todos os níveis de escolaridade e alunos desde a pré-escola até o pós-doutorado, viram-se inseridos no ambiente virtual de aprendizagem. Graças ao estímulo gerado pela necessidade de criar uma ferramenta de ensino à distância que fosse ao mesmo tempo eficiente e interessante para o público-alvo (crianças matriculadas no sexto ano do ensino fundamental), foi desenvolvida a proposta o Caminho para o Duat. O projeto em questão, trata-se de um jogo on-line que pode ser executado no navegador de qualquer notebook ou desktop, sem necessidade de instalação (apenas com o uso da internet) e tem como intuito transportar o usuário para uma viagem rumo ao Egito Antigo. No jogo, é apresentada Amunet, uma personagem fictícia que precisará da ajuda do jogador para atravessar diversos obstáculos até chegar em segurança, ao Duat, o mundo dos mortos dos egípcios antigos. Desenvolvida por duas amantes da cultura egípcia, a ferramenta conta com valiosas informações a respeito daquela sociedade, utilizando-se de simbolismos, itens gráficos e sons que deixarão mais rica a experiência do usuário. Após a finalização do game, que conta com três fases, o aluno terá aprendido sobre o processo da "viagem" de um falecido até o além, conforme a crença egípcia. Desta forma, o tabu muitas vezes atrelado ao conceito de

morte na sociedade contemporânea, poderá ser visualizado sob uma nova ótica. O Caminho para o Duat mostra-se uma excelente ferramenta para auxiliar o professor no ensino da História da civilização egípcia, além de ter sido desenvolvido em uma plataforma que permite atualizações, possuindo a capacidade de atender as possíveis demandas de futuros usuários, como por exemplo a inserção de novas fases e conteúdos.

TRAVESSIAS NO ENSINO DE HISTORIA NO CONTEXTO DE PANDEMIA

Rosiane Silveria Rodrigues Velôso Amorim (Rede de Ensino de Educação Básica)

O Ensino de História na educação brasileira passou por significativas transformações no que tange à concepções, currículos e práticas pedagógicas. Essas reconfigurações tinham como um dos desafios a superação do estigma da disciplina/componente curricular como “decoreba”, isto implicava em romper com uma abordagem cujos fundamentos historiográficos baseavam-se na história tradicional/positivista. Nesta perspectiva, novas propostas de ensino surgiram, possibilitando a construção de diferentes metodologias para facilitar o aprendizado do conhecimento histórico, com ênfase na importância de compreender a História enquanto ciência preocupada com as experiências humanas no passado e presente (FONSECA, 2009). Neste movimento de renovação, metodologias, materiais didáticos e linguagens contribuíram para novos olhares sobre como ensinar e aprender história, sobretudo, inserindo o diálogo entre passado e presente numa concepção de que somos todos sujeitos que fazemos história, tendo a compreensão da realidade a partir da identificação das contradições existentes entre os grupos sociais como: classe social, gênero, religião, partidos políticos, dentre outros (PINSKY, 2010). Considerando esse percurso recente (séc. XX), o ensino de História conseguiu avanços importantes, como o diálogo com a interdisciplinaridade, com temas sociais, com a regionalidade e com o enfoque no desenvolvimento de competências e habilidades. Entretanto, a partir do ano de 2020, com as mudanças sofridas no campo educacional em virtude da Pandemia de Covid-19 um cenário de incertezas e indagações foi se construindo com a suspensão das aulas presenciais, o que promoveu adaptações abruptas no processo de ensino e aprendizagem. De forma repentina professores, professoras, alunos e alunas, tiveram que se ajustar a um novo formato de ensinar e aprender, denominado ensino remoto. Na rede Pública esse formato de ensino foi atravessado por diferentes fatores tais como: o não acesso dos e das estudantes às aulas remotas nos meios digitais por

questões socioeconômicas; o não conhecimento e dificuldades em utilizar os recursos tecnológicos por parte dos professores e professoras; o descaso e não investimentos pelo poder executivo para contornar e/ou superar esses problemas. Neste contexto, várias indagações foram produzidas, a partir da própria experiência docente em ensinar história num ambiente tão adverso. Assim, surge o interesse em conhecer a realidade de diferentes professores e professoras de História no exercício da docência. Quais os desafios enfrentados? Que possibilidades de práticas pedagógicas foram criadas? Como identificar a efetiva aprendizagem dos alunos e alunas quanto ao conhecimento histórico ensinado? Quais as expectativas para o retorno presencial? Estas foram algumas inquietações que geraram a produção desta pesquisa. Autoras como Pinsky (2010) e Fonseca (2009), compõem parte do referencial teórico consultado. É uma pesquisa desenvolvida por meio da metodologia qualitativa e teve como instrumento de coleta de dados o formulário produzido via Google Forms, cuja etapa se encontra em andamento. Os sujeitos envolvidos, são professores e professoras da educação básica das diferentes redes de ensino que lecionam no Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), Ensino Médio e na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Para análise das fontes produzidas nesse contexto - os relatos de professores/as a partir das perguntas levantadas, adotaremos a análise de conteúdo (Bardin, 2011). Pretendemos refletir e dialogar cientificamente todo esse processo vivenciado desde de 2020 pelos professores e professoras de História, que certamente com suas narrativas, marcarão um momento histórico de limites e possibilidades para do ensino de História, apresentando desdobramentos ímpares para o futuro.

O USO DA NARRATIVA FÍLMICA DE O NOME DA ROSA DE JEAN-JACQUES ANNAUD NO ENSINO DE HISTÓRIA DA IDADE MÉDIA: ANÁLISE DO SAGRADO E DO PROFANO

Luana Maia da Silva (UFT- Campos Palmas)

Este trabalho busca identificar os elementos considerados sagrados e profanos na baixa Idade Média por meio da análise da película O Nome da Rosa de Jean-Jacques Annaud (1986), baseada no livro de Umberto Eco ambientada no ano de 1327, como recurso didático a ser utilizado pelo professor no ensino de história da Idade Média para a construção do conhecimento histórico sobre o período mediante a identificação e discursão dos elementos expostos no filme como sagrado e profano por meio de

imagens, frases e cenários. Como marco conceitual dessa discussão utilizaremos a ótica abordada pelo pensamento do psicólogo, filósofo e sociólogo Émile Durkheim, em sua análise sobre a religião na obra clássica publicada originalmente em 1912 As Formas Elementares da Vida Religiosa. Em que ele afirma que a distinção entre o que seria considerado sagrado ou profano no seio de uma sociedade estaria relacionada a concepção religiosa do grupo em que o indivíduo estaria inserido, tendo os templos religiosos um papel fundamental na construção desse imaginário influenciando assim, interesses, conflitos e crenças de um povo a partir dessa visão. Como sagrado destacamos o serviço dos monges copistas, a adoração a virgem Maria, a doação de bens a igreja, o autoflagelo, o Tribunal do Santo Ofício e a figura do Inquisidor Bernardo Gui. Como profano destacamos os objetos científicos da bolsa de William de Baskerville, o riso e a comédia vistos como zombarias, as mortes que ocorreram no mosteiro atribuídas a obra do demônio, a leitura de livros proibidos, a heresia, as práticas homossexuais entre os monges, a figura da camponesa com a galinha e o gato preto associados a bruxaria, a capacidade lógica e dedutiva de Baskerville, o ato sexual entre o noviço franciscano e a camponesa no mosteiro. Palavras-chave- Ensino de História; Idade Média; O Nome da Rosa; Sagrado; Profano.

ENSINO DE HISTÓRIA E A ESCANDINÁVIA MEDIEVAL: UMA ABORDAGEM DECOLONIAL A PARTIR DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER VIKING NOS LIVROS DIDÁTICOS

Yasmim Prata Villar Marcelino (Universidade Federal de Rondônia)

Nos últimos anos, cresceram as pesquisas sobre Escandinávia medieval e o Ensino de História, a proposta desta comunicação surgiu a partir da construção do Projeto do TCC e tem como premissa trazer novas leituras historiográficas ainda pouco estudada no Brasil. É importante ressaltar que contemporaneamente os vikings são abordados em jogos, séries e filmes. Em relação as mulheres, ainda há muitos estereótipos e preconceitos, necessita-se refletir sobre a questão a partir das fontes existentes e do material didático. Lembramos que há uma visão clichê das mulheres Vikings na contemporaneidade colocando-as em um papel social de submissas aos seus maridos ou de “mandona”, além disso, também ressaltamos que os livros didáticos mostram imagens estereotipadas sobre as mulheres. Para realizar a nossa análise partiremos do conceito de representação social da mulher Viking nos livros didáticos em

comparação com outras mídias dentro de uma proposta decolonial. A pesquisa teve como premissa compreender os múltiplos papeis das mulheres vikings e quais eram as funções sociais delas na sociedade nórdica, suas abordagens ou ausências nos livros didáticos. Diante disso, a nossa comunicação tem como objetivo problematizar as nossas fontes em relação ao conteúdo do medievo. Enfim, foi durante o período de pandemia do Corona vírus que a escolha deste tema foi pensada, em parte por causa do Estágio realizado em período remoto. Palavras-chave: Idade Média; material didático; estágio; decolonial.

SESSÃO 6 (14/10): ENSINO REMOTO: ABORDAGENS E PRÁTICAS
Coordenador: Doutorando Mário Augusto Carvalho Bezerra (UFMA)
Link: https://meet.google.com/urm-irag-sag
DATA: 14/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

O ENSINO REMOTO E A PRÁTICA EDUCATIVA INTERDISCIPLINAR A PARTIR DE PROJETOS DE ENSINO: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM E DESCOBERTAS

Silvana Araújo Maciel (IFMA)

Desde março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto causado pelo novo coronovírus (SARS-COV-2) como pandemia, o mundo mudou. Diante da nova e adversa realidade, que não coadunamos com a ideia de "novo normal", um dos segmentos que mais sentiu essa ruptura foi o sistema educacional. Como construir o processo de ensino num contexto em que uma condição crucial para estabelecer a relação de aprendizagem não está posta? A educação também se pauta na sociabilidade, no contato físico, na presença e proximidade. Sujeitadas a partir dessa conjuntura, unimos nossas disciplinas em torno de um Projeto Integrador, desenvolvido com alunos do segundo ano dos cursos de Análises Químicas e Biocombustíveis do IFMA Campus Zé Doca, cuja tema central foi as Olímpiadas, analisadas ao longo de suas edições por meio de conteúdos que envolviam História, com sua origem grega, Geografia, abordando os movimentos migratórios internacionais, Língua Espanhola, com os países hispanohablantes, Biologia, tratando da descoberta das vacinas e o impacto nos jogos olímpicos e Educação Física, com toda a questão esportiva. Assim, este trabalho pretende

apresentar a concepção e desenvolvimento desta prática educativa junto aos alunos e sua importância para uma aprendizagem interdisciplinar.

O ENSINO REMOTO E A PRÁTICA EDUCATIVA INTERDISCIPLINAR A PARTIR DE PROJETOS DE ENSINO: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM E DESCOBERTAS

Prof. Dra. Neila Matias de Souza (IFMA)

Desde março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto causado pelo novo coronovírus (SARS-COV-2) como pandemia, o mundo mudou. Diante da nova e adversa realidade, que não coadunamos com a ideia de "novo normal", um dos segmentos que mais sentiu essa ruptura foi o sistema educacional. Como construir o processo de ensino num contexto em que uma condição crucial para estabelecer a relação de aprendizagem não está posta? A educação também se pauta na sociabilidade, no contato físico, na presença e proximidade. Sujeitadas a partir dessa conjuntura, unimos nossas disciplinas em torno de um Projeto Integrador, desenvolvido com alunos do segundo ano dos cursos de Análises Químicas e Biocombustíveis do IFMA Campus Zé Doca, cuja tema central foi as Olímpiadas, analisadas ao longo de suas edições por meio de conteúdos que envolviam História, com sua origem grega, Geografia, abordando os movimentos migratórios internacionais, Língua Espanhola, com os países hispanohablantes, Biologia, tratando da descoberta das vacinas e o impacto nos jogos olímpicos e Educação Física, com toda a questão esportiva. Assim, este trabalho pretende apresentar a concepção e desenvolvimento desta prática educativa junto aos alunos e sua importância para uma aprendizagem interdisciplinar.

O ENSINO REMOTO E A PRÁTICA EDUCATIVA INTERDISCIPLINAR A PARTIR DE PROJETOS DE ENSINO: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM E DESCOBERTAS

Daiane Leite Chaves Bezerra (IFMA)

Desde março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto causado pelo novo coronovírus (SARS-COV-2) como pandemia, o mundo mudou. Diante da nova e adversa realidade, que não coadunamos com a ideia de "novo normal", um dos segmentos que mais sentiu essa ruptura foi o sistema educacional. Como construir o processo de ensino num contexto em que uma

condição crucial para estabelecer a relação de aprendizagem não está posta? A educação também se pauta na sociabilidade, no contato físico, na presença e proximidade. Sujeitadas a partir dessa conjuntura, unimos nossas disciplinas em torno de um Projeto Integrador, desenvolvido com alunos do segundo ano dos cursos de Análises Químicas e Biocombustíveis do IFMA Campus Zé Doca, cuja tema central foi as Olímpiadas, analisadas ao longo de suas edições por meio de conteúdos que envolviam História, com sua origem grega, Geografia, abordando os movimentos migratórios internacionais, Língua Espanhola, com os países hispanohablantes, Biologia, tratando da descoberta das vacinas e o impacto nos jogos olímpicos e Educação Física, com toda a questão esportiva. Assim, este trabalho pretende apresentar a concepção e desenvolvimento desta prática educativa junto aos alunos e sua importância para uma aprendizagem interdisciplinar.

ENSINO REMOTO: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Marineide Silva Mendes (IESF)

Um estudo da problemática no processo de ensino aprendizado em meio à pandemia da COVID 19, este trabalho discutir o contexto educacional atual ao aborda as contrariedades existentes na modalidade de ensino remoto, analisando as diretrizes educacionais propostas e o que efetivamente tem ocorrido na pratica da vivencia acadêmica de muitos estudantes.

EGITO ANTIGO, ADAPTAÇÃO DE FONTE E A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO REMOTO

Gabriela Maria Teodósio (Universidade de Pernambuco - Campus Mata Norte)

Em meio a pandemia precisamos repensar a forma de ensino e nos adaptarmos ao Ensino Remoto Emergencial, as aulas passaram a ocorrer em plataformas digitais como: Google Meet, Zoom, videochamadas e várias outras estratégias foram adotadas pelas escolas. A História que muitas vezes é vista como uma disciplina que estuda o passado, onde os discentes precisam decorar os fatos, precisou se reinventar mais uma vez pra chamar a atenção do alunado durante o ensino remoto, pensando nisso usamos a tradução realizada por Bakos (2012) das inscrições presentes no obelisco de Hatshepsut em Karnak, utilizamos a metodologia de Wineburg e Martin (2009) e adaptamos os inscritos do obelisco para utilizar essa fonte em sala de aula. A fonte escolhida para a adaptação relata alguns dos feitos de Hatshepsut enquanto

faraó, seu vínculo com os deuses e sua preocupação em deixar para posteridade o registro do que fez, o que possibilita um rico debate. Ao apresentar a foto do obelisco para os estudantes, questionei se era possível trabalhar com aquela fonte em sala de aula, a resposta das turmas foi que não pois eles não sabiam ler hieróglifos e foi então que projetei a adaptação, o que rendeu a oportunidade de abordar Egito Antigo através de aspectos do governo de Hatshepsut. Diante dessa experiência percebemos como a adaptação de fontes históricas pode chamar a atenção do alunado e tornar o tema abordado em sala algo curioso para a turma, gerando assim um debate enriquecedor entre discente-docente.

ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS E APRENDIZAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA NA REDE PÚBLICA DO MARANHÃO

Susy Nathia Ferreira Gomes (UFMA)

O ensino de história já apresenta seus desafios próprios e em tempos de pandemia o ensino remoto esses desafios se agigantaram. Mesmo que nossos alunos sejam nativos digitais, em sua maioria não sabiam utilizar ferramentas como Word, PDF, PowerPoint, dentre outros. Pois o uso de computadores ou smartphones eram em sua maioria para acessar redes sociais ou jogos. No máximo para realizarem pesquisas por meio do Google. Também o professor precisou se reinventar e aprender a utilizar ferramentas como o Google Sala de Aula ou o Meeting. Além de tais questões, também se levanta a desigualdades tecnológicas e que afetou estudantes mais carentes. Haviam aqueles que tinham celular, mas não possuíam internet; famílias com mais de um filho estudando, mas somente com um aparelho na residência; também relatos de que só poderia fazer as atividades quando um pai chegasse do trabalho para entregar um celular; e casos dos que não estavam em nenhuma dessas situações, pois não tinham de forma nenhum acesso, o que foi desafiante para as escolas atingirem esse público. O presente trabalho tem por objetivo demostrar tais desafios e apresentar as experiências como professora de história na rede pública do estado.

DESAFIOS NO ENSINO REMOTO: A DISCIPLINA HISTÓRIA NO CONTEXTO DE ISOLAMENTO SOCIAL EM RAZÃO DA PANDEMIA

Flávio Pereira Costa Júnior (Doutorando - UFPA)

O ensino remoto foi uma realidade na educação básica brasileira em tempos de pandemia. Os professores tiveram que se reinventar na forma como ministravam suas aulas. A história, disciplina que abrange o ser humano no tempo, trazia seus desafios metodológicos, porém mais que necessários no contexto em que vivemos. Por isso os usos das ferramentas tecnológicas foram essenciais para uma melhor compreensão da referida disciplina, além de evidentemente manter o distanciamento social. As apresentações de vídeos da internet foram uma das maneiras que encontrei para melhor estabelecer a relação ensino-aprendizagem. Assim os alunos puderam conhecer outras pandemias no decorrer do tempo, como a Peste Bubônica (Idade Média) e a Gripe Espanhola (início do século XX). Desse modo eles poderiam comparar com o momento em que vivem no contexto da Covid-19. O objetivo desse trabalho é apresentar tais experiências de ensino em tempos pandêmicos e de ensino remoto.

SESSÃO 7 (13/10): ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Coordenador: Doutorando Yuri Alhadef Sampaio (UFMA)
Link: https://meet.google.com/bnv-ngix-kwt
DATA: 13/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS DO BISPO ISIDORO DE SEVILHA NAS SENTENÇAS A LUZ DAS TEMÁTICAS DOS VÍCIOS, VIRTUDES E DA LECTIO DIVINA

Prof. Dra. Pâmela Torres Michelette (UFPI)

Esta comunicação visa compreender algumas das ideias doutrinais e educacionais no reino visigodo pós conversão ao catolicismo niceísta, sob a perspectiva do bispo Isidoro de Sevilha . Tal prelado viveu na passagem do sexto para o sétimo século, na Hispânia, um período de mudanças, no qual se buscava a unidade religiosa, política, legal, entre outros. Assim, analisamos as perspectivas educacionais desse bispo, especialmente na obra Sentenças, a luz das temáticas dos vícios, virtudes e da *lectio* divina. Os episcopos foram o grupo central de destino dessa obra, pois eram os encarregados de propagar a doutrina cristã. Neste texto temos uma síntese das questões doutrinais e morais que

nortearam a formação do clero católico visigodo. Assim Isidoro, por meio de seus trabalhos elaborou uma proposta educacional direcionada para o reino visigodo, desenvolvendo uma concepção de educação voltada, principalmente, para o fortalecimento da Igreja e de seus membros.

ENTRE ARMAS E RAZZIAS. UM ESTUDO SOBRE A CULTURA GUERREIRA DOS ANTIGOS LUSITANOS

Ricardo Luiz Ricardo Souza (UNIFAL/MG)

As novas diretrizes tecnológicas dentro do campo da Educação têm trazido à tona uma profusão de novos desafios para o Ensino de História da Antiga Península Ibérica. Nisso, desenvolvemos um Objeto de Aprendizagem para o Ensino Médio a partir da plataforma educacional Xerte, com o objetivo de apresentar para alunos os discentes as Guerras Lusitanas (155-139 a.C) e a. estreita relação que os lusitanos possuíam com as atividades guerreiras, já que era um fator significativo para a construção das relações socioeconômicas no seio da sociedade lusitana. Assim, sob o comando do caudilho Viriato (? – 139 a.C), os guerreiros lusitanos utilizaram-se de diversas estratégias militares, tais como o ataque em guerrilhas, os ataques rápidos e fugas premeditadas, o que, frente a um inimigo mais armado, numeroso e preparado, tornaram-se bem-sucedidas do ponto de vista estratégico-militar. Desde a Antiguidade, a Península Ibérica sempre foi uma área muito almejada, pois contava com grandes recursos minerais e um grande potencial para a agricultura e pecuária. Nisso, muitos povos buscaram o seu controle ao longo da História, tais como os fenícios, os gregos, os cartagineses e, por último, os romanos. Todavia, desde os primeiros relatos sobre a região, o espírito belicoso de algumas povoações da região foi amplamente relatado nas antigas fontes clássicas. Desta forma, a guerra e contato com os romanos originou uma significativa produção literária sobre alguns aspectos culturais, econômicos, sociais e, sobretudo, do ponto de vista do vigor e afinidade dos lusitanos com as atividades bélicas. Por fim, a partir do emprego de fontes greco-latinas, tais como Apiano, Tito Lívio, Estrabão e Diodoro de Siculo e, não obstante, com o uso de aportes teóricos como o Banditismo Social e o da Confraria de Guerreiros (männerbünde), objetivar-se-á relacionar como a atividade guerreira pode ser enviesada como um dos elos culturais mais importantes para o estudo dos lusitanos.

Palavras-Chave: Guerra. Educação. Península Ibérica. Viriato. Cultura Guerreira. Objetos de Aprendizagem.

PASSIVAS OU ATIVAS? AS MULHERES MEDIEVAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO PARADIDÁTICO "CURIOSAS X RECATADAS EM GIL VICENTE..."

Ms. Renata de Jesus Aragão Mendes (UEMA/BRATHAIR)

Esta comunicação busca apresentar algumas contribuições do paradidático "Curiosas X Recatadas em Gil Vicente..." para a discussão sobre as mulheres medievais no ensino de História, considerando a perspectiva do gênero. Este paradidático foi elaborado como produto final da dissertação no mestrado profissional e teve como principal objetivo apresentar uma releitura sobre as mulheres medievais a partir de peças do teatrólogo português Gil Vicente. Este poeta de corte do rei D. Manuel I, D. João III e da rainha D. Leonor foi um homem bastante crítico de sua época, sobretudo dos tipos femininos, por meio dos quais evidenciou seu discurso fortemente conservador e alinhado à doutrina cristã. Na análise de algumas personagens femininas em farsas (*Farsa de Inês Pereira*, *Quem tem farelos*? e *Auto da Lusitânia*) e comédias (*Comédia do Viúvo* e *Comédia de Rubena*) vemos o autor se posicionando ora elaborando modelos de conduta, tomando as virtudes que compuseram o modelo mariano; ora elaborando contramodelos mais próximos da realidade de sua época, ao apresentá-las enquanto audaciosas, curiosas e astutas. Por isso, no paradidático questionamos a suposta passividade feminina durante a Idade Média, destacando que muito das concepções misóginas foram construídas pelos clérigos, que sustentaram por séculos a oposição entre Eva e a Virgem Maria, como modelos opostos. Nesse caso, focamos não apenas no padrão ideal cristão de feminilidade construído nesta época. Mas, principalmente, apresentamos de que forma as mulheres, dentro de suas possibilidades e do contexto no qual se encontravam, conseguiram subverter e transgredir este discurso, fossem no campo das letras, da política, religião, ou mesmo subvertendo o ideal de casamento cristão.

AS MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Jayza Monteiro Almeida (IFPA)

O presente trabalho analisa as mudanças e permanências trazidas pela BNCC para o ensino de História Antiga no ensino fundamental e a forma com que essas alterações dialogam com os PCNs. Na área de história, a primeira versão da BNCC impactava de maneira negativa áreas como a História Antiga e o Medievo. Além disso, o tempo e o espaço, dois conceitos basais das aulas de história, foram exiguamente abordados. Como referência, analisou-se o conteúdo da Antiguidade de uma turma de 6º ano do

ensino fundamental II, relacionando os objetivos históricos com temas transversais em diversos períodos da Antiguidade, buscando demonstrar que as competências e objetivos traçados para os discentes, não podem ser alcançados se limitando apenas a temáticas relacionadas à história do Brasil.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ARQUEOLOGIA NO ENSINO DA HISTÓRIA ANTIGA DE UPAON AÇÚ (SÃO LUÍS – MA)

Marcos Tadeu Nascimento da Silva (UEMA)

Este trabalho é destinado a professores de história e aborda a educação patrimonial sob a perspectiva do patrimônio arqueológico no ensino da História Antiga de Upaon-Açú (São Luís/MA) e da floresta tropical Amazônica. Destaca a educação patrimonial como uma importante ferramenta para dos professores de história na organização do ensino partindo do contexto local, desenvolvendo habilidades cognitivas. Descreve determinados aspectos dos estudos sobre a etnohistória e arqueologia dos povos indígenas originários da América e sua longa duração no Maranhão. Aponta a arqueografia como mecanismo pedagógico que viabiliza conhecer a etnohistória antiga de São Luís-MA, visto que possibilitou identificar distintos horizontes culturais que ocuparam a Ilha de São Luís, desde 6.700 anos antes do presente até o período de contato com os europeus e africanos, no início do século XVII. Apresenta o produto educacional em forma de vídeo oficina intitulada “Ritmos da História Antiga do Povo do Fundo da ilha Upaon Açu”, proposta de ensino de história decolonial em relação ao etnocentrismo, a construção das desigualdades e a ausência de protagonismo de agentes que geralmente são excluídos/as das narrativas históricas (indígenas, quilombolas, quebradeiras de coco, pescadores, donas de casa, ribeirinhos) ou inseridos/as na concepção preconceituosa de “pré-história” e portanto “pré-humanidades”. Conclui que a socialização de um conhecimento histórico amplo e inclusivo pode contribuir de forma interseccional para a luta humanista contra as desigualdades sociais, o racismo, o machismo e o etnocentrismo no contexto educacional brasileiro.

A RECEPÇÃO DA ANTIGUIDADE NA ARTE MODERNA PERNAMBUCANA: O CASO DA OFICINA FRANCISCO BRENNAND

Otávio Vicente Ferreira Neto (Universidade de Pernambuco-UPE)

No Brasil nos deparamos frequentemente com o questionamento sobre o porquê de se estudar História Antiga. Diferentemente dos países do velho mundo, aqui não há

monumentos ou, na maior parte das cidades, coleções museológicas que permitam a apreciação da Antiguidade. Baseado neste déficit juntamente ao desejo de estudar o Egito antigo que esta proposta de estudo se inicia. O conhecimento das sociedades antigas reflete situações atualmente vividas, permitem a compreensão dessas situações e sua análise. Este trabalho explora um ethos privilegiado para o estudo da Antiguidade: a presença de elementos egípcios e clássicos na contemporaneidade. Nesse sentido (BAKOS, 2004) destaca a importância dos estudos que se atentam para a presença do antigo no presente, mas especificamente, os elementos do Egito antigo. Desta feita, este trabalho se propõe a historicizar as reinterpretações de elementos culturais egípcios nas obras esfinge e obelisco de um dos mais importantes artistas brasileiros: Francisco Brennand (11/07/1927 – 19/12/2019). Para tanto se faz necessária a compreensão do termo egiptomania, teorizado pela egiptóloga brasileira Margaret Bakos (2004, p.10) como "a reinterpretação e o re-uso de traços cultura do antigo Egito, de uma formar que lhe atribua novos significados" Atentando para as releituras de Francisco Brennand, a partir da concepção de Renata Garrafoni (2018) de que estão não são simplesmente copias dos originais, mas sim, nova versões atualizadas.

SESSÃO 7 (14/10): ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Coordenador: Doutorando Yuri Alhadef Sampaio (UFMA)
Link: https://meet.google.com/bnv-ngix-kwt
DATA: 14/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

A ADAPTAÇÃO DO JOGO "GOD OF WAR " PARA AS AULAS DE HISTÓRIA

José Victor Ferreira Rocha dos Santos (UPE)

O espaço escolar da atualidade bem como suas práticas pedagógicas tem recebido bastante críticas. Conteúdos estáticos, ferramentas didáticas simplistas, apego ao tradicional, deixando de lado as novas tecnologias. Isso atormenta o processo de ensino e aprendizagem, impede a dinamização da aula, impossibilitando a atratividade do aluno mediante aos variados assuntos ministrados pelo profissional da educação. Nesse sentido, o professor tem papel fundamental na mudança e renovação da sala de aula. Falando particularmente do Ensino de História, em especial o eixo temático referente ao conteúdo de História Antiga, percebemos uma série de entraves, entre eles o distanciamento temporal e espacial. Portanto, se faz necessário pensar a ''renovação

do ensino de História Antiga'', expressão utilizada por Pedro Paulo Funari (2003). Nesse sentido, a utilização dos jogos como ferramenta de ensino e aprendizagem surge como uma possibilidade educativa, pois de acordo com Funari (2013), os caminhos lúdicos de reflexão revelam-se uma estratégia excelente e uma possível aposta de renovação e preenchimento de lacunas na sala de aula (p.101). Pensando assim, o presente trabalho almeja a partir do game *God of War I*, franquia de sucesso mundial, desenvolver uma proposta didática, considerando a cultura histórica desempenhada pelo jogo, como base para formação da consciência dos estudantes. Desse modo, através da ótica de "GOW", visamos discutir os aspectos do enredo do jogo, o qual tem como destaque plano de fundo da Grécia Antiga.

CRIANDO UM PARADIDÁTICO DE HISTÓRIA MEDIEVAL: RELATOS DA CRIAÇÃO DE "DAMAS E DONAS"

Ms. Polyana de Fátima Magalhães Muniz (BRATHAIR)

Esse trabalho se propõe a detalhar o processo de produção e reflexão do material didático "Damas e Donas: as mulheres sobrenaturais na Idade Média", desenvolvido junto ao programa de Mestrado Profissional em História do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST-UEMA) na Universidade Estadual do Maranhão. Voltado para os (as) estudantes do ensino básico, Ensino Médio, o paradidático apresenta o tema dos contos melusinianos e as narrativas de linhagens portuguesas com a intenção de inserir um pouco da História das Mulheres e de Portugal Medieval as escolas maranhenses. O objetivo com o produto foi proporcionar a diversificação nas aulas de Idade Média, tornando-as mais próximas do cotidiano dos alunos, principalmente com o uso de narrativas literárias e de imagens, nas quais as mulheres aparecem realizando diversos papéis sociais. Além disso, a análise das representações femininas em fontes medievais portuguesas contribui para a reflexão sobre as relações de gênero e a presença das mulheres na História.

DAS POTÊNCIAS INTELECTIVAS: UMA ANÁLISE DA QUESTÃO 79 DA SUMA TEOLÓGICA DE TOMÁS DE AQUINO

Isabella Carolina de França Martins (UEM)

O objetivo da pesquisa é analisar o conceito de intelecto presente na Questão 79 da Suma Teológica com a contribuição do opúsculo A unidade do intelecto contra os Averróistas, a fim de entendê-lo como um conceito perene que pode contribuir para a

compreensão do homem contemporâneo, suas possibilidades de reflexão e aprendizagem. Além disso, é preciso ressaltar que para São Tomás era imprescindível que os futuros mestres compreendessem a concepção de intelecto de forma que os auxiliassem no processo de ensino. A fonte para esse estudo foi o teólogo dominicano Tomás de Aquino que consideramos um intelectual com base no conceito de Le Goff (2006). Nosso estudo teve como fio condutor a História Social (BLOCH, 2001; BRAUDEL, 1992; LE GOFF, 1990), que considera que os acontecimentos sociais são sempre oriundos das constantes mudanças econômicas, sociais e políticas. Este estudo nos possibilitou observar que a concepção de intelecto de Tomás de Aquino possui princípios relevantes e essenciais para entendermos o homem como um ser dotado de possibilidades e potencialidades.

OS CONCEITOS DE JUSTIÇA E LEI NA IDADE MÉDIA CENTRAL: APROXIMAÇÕES ENTRE ANSELMO DE BEC E TOMÁS DE AQUINO

Paula Mayara Gonçalves Rocha (UEM)

Essa comunicação, tem como intuito dar continuidade a pesquisa realizada anteriormente, intitulada Anselmo de Cantuária: algumas reflexões sobre a concepção de justiça no século XI. Nela, buscaremos analisar a concepção de justiça, pautada no tratado Sobre a Verdade (1988), de Anselmo de Cantuária (1033-1109), e na concepção de lei humana, presente nas Questões 95 e 96, da I seção da II parte da Suma Teológica, de Tomás de Aquino (1224-5/1274). Percebe-se que a ausência de vontade humana em promover a justiça nas relações sociais, exige que a lei torne o amparo para que essa virtude se concretize nos indivíduos. Os dois intelectuais que elegemos para a fonte do estudo, desempenharam papéis importantes para o desenvolvimento do pensamento filosófico escolástico, possibilitando um novo olhar para a vida, instigando os indivíduos da época, a buscarem o conhecimento. Deste modo, procuraremos compreender por meio da pesquisa bibliográfica, pautada nas formulações de Bloch (2001), Braudel (1990) e Febvre (1989), a justiça na forma de lei como condição de vida moral e social, na Idade Média, e o ensino como condutor dessa qualidade. Palavras-chave: Intelectuais; História da educação; Escolástica; Justiça; Lei.

O ENVOLVIMENTO POLÍTICO-RELIGIOSO DE AMBRÓSIO DE MILÃO NA CONCEPÇÃO DO CRISTIANISMO NO SÉCULO IV

Ester Emerick Nascimento (UEM)

Esta apresentação tem como objetivo discutir a continuidade de um Projeto de Iniciação Científica anterior, desenvolvido no período de fevereiro/2020 a janeiro/2021: Uma reflexão acerca da concepção de homem nos sermões de Ambrósio de Milão. Nesta nova discussão analisaremos o sermão Sobre a Penitência escrito por Ambrósio de Milão (339 – 397). Relacionaremos o sermão com o massacre ocorrido em Tessalônica em 388, ordenado pelo imperador Teodósio I (379-395), com a penitência imposta ao mesmo pelo Bispo de Milão. Aventamos a hipótese de que para instruir os governantes e a comunidade eclesiástica Ambrósio de Milão pode ter cooperado para delimitar, por meio de sua figura enigmática, as fronteiras entre Estado e Igreja. Portanto, nosso objetivo geral seria: identificar no sermão as possíveis relações políticas e religiosas do bispo de Milão e os objetivos específicos seriam: analisar a relação do Bispo com sua comunidade eclesiástica por meio de seu sermão e elucidar como a penitência cumprida por Teodósio I se relaciona com a formação do homem cristão no século IV. Para tanto, utilizaremos o critério de pesquisa exploratória e coleta de dados por meio de levantamento bibliográfico. Nossa concepção teórica baseia-se na história social e de longa duração com a temática volta para: Intelectuais, Memória, História e Educação.

Palavras-chave: Ambrósio de Milão; Penitência; Formação.

GALAAZ EM PORTUGAL: A INFLUÊNCIA LITERÁRIA NA NOBREZA MEDIEVAL LUSA

Gabriel Crispim de Barros (UEMA/BRATHAIR)

O presente trabalho possui o intuito de demonstrar a importância do estudo da literatura medieval para o ensino de História e seus efeitos na realidade. Dessa forma, é examinado a presença da Matéria da Bretanha, o ciclo de histórias do rei Artur, em Portugal para construção de um modelo de comportamento a ser almejado pela nobreza medieval lusa. Com isso, analisando a novela de cavalaria francesa A Demanda do Santo Graal do século XIII que possuiu ampla repercussão em Portugal. A narrativa segue o cavaleiro Galaaz e sua busca pelo Santo Graal, uma representação de abundância divina. Somente os cavaleiros mais virtuosos são sucedidos para alcançar o objeto milagroso, dentre eles Galaaz é o principal. Ele

possuía aspectos religiosos e castos que correspondem aos ideais cristãos defendidos pela Igreja, e por isso era abençoado por Deus e imbatível em combate. O personagem era mais ligado ao religioso que ao carnal, fazendo um juramento de virgindade eterna. Apesar de suas características difíceis de serem replicadas, Galaaz tornou-se um modelo ideal a ser almejado na realidade, como pode ser percebido em Portugal no final do medievo. O cavaleiro luso Nuno Álvares Pereira, segundo a obra A Crónica do Condestável de Portugal do século XV, buscou possuir os aspectos do cavaleiro fictício, como sua castidade e dedicação religiosa. Assim, evidenciando a existência de um modelo ideal literário em Portugal que influenciou a realidade, com Nuno Álvares Pereira sendo canonizado em 2009.

SESSÃO 7 (15/10): ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Coordenador: Doutoranda Bianca Trindade Messias (UEMA)
Link: https://meet.google.com/bnv-ngix-kwt
DATA: 15/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

O CONCEITO DE INTELECÇÃO EM PEDRO ABELARDO: APROXIMAÇÕES ENTRE A LÓGICA PARA PRINCIPIANTES E O TRATADO DAS INTELECÇÕES

Anna Paula de Jesus Almeida (UEM)

O objetivo desta exposição é apresentar o conceito de intelecção descrito por Pedro Abelardo (1079-1142) em duas de suas obras: a Lógica para Principiantes e o Tratado das Intelecções. A partir do estudo que temos realizado durante nossa pesquisa de mestrado, é possível perceber que, Abelardo desenvolveu o conceito de intelecção ao escrever essas duas obras. Dessa forma, na Lógica para Principiantes, Abelardo afirma que a intelecção é "[...] uma certa ação da alma, pela qual é chamada de inteligente, e a forma para qual se dirige é uma certa coisa imaginária e fictícia, que o espírito elabora para si quando e como quer [...]" (PEDRO ABELARDO, 1994, p. 62-63). No Tratado das Intelecções por sua vez, há a ampliação do que pode ser entendido como a descrição dos processos psicológicos de aprendizagem, estando as intelecções relacionadas a esses processos. A tradução que empregamos da Lógica para Principiantes, foi realizada pelo professor Cléber Eduardo dos Santos Dias, em 1994, quanto ao Tratado das Intelecções, empregamos a tradução realizada por

Patrick Morin, em 1994 (Le Traité des Intellections), cotejando-a com a tradução de Cléber Eduardo dos Santos Dias, em sua tese de 2007 (Tratado sobre as Intelecções). O Tratado teria sido escrito no ano de 1125 (DIEBE, 2015). Essa pesquisa desenvolve-se em consonância com as demais pesquisas realizadas no Grupo Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade (GTSEAM).

A INFLUÊNCIA DOS INTELECTUAIS ESCOLÁSTICOS NO TRATADO DE PRÍNCIPE DE ÁLVARO PAIS (1333-1350)

Silvana Malavasi (UEM)

Este trabalho visa analisar na obra Speculum Regun (1341-1344) a influência dos intelectuais escolásticos nos escritos do tratado de príncipe de Álvaro Pais, especificamente os homens da Península Ibérica em meados do século XIV. O autor foi bispo de Silves (1334-1352) e se tornou um dos maiores intelectuais neste período. Viveu em um período de conflitos entre os poderes monarquia e eclesiástico. Homem da Igreja, desempenhou importantes funções na Cúria Romana, sempre atuando como defensor do Papado. Baseando-se em interpretações das Sagradas Escrituras, dos Padres da Igreja, das Leis Canônicas e do Direito Canônico. Assim, ao analisar sua obra, pretendemos explicitar a importância desse intelectual junto ao governante e, particularmente, a sua obra como um exemplo de espelho de príncipe, no qual o fio principal é instruir o governante a bem gerir as coisas do reino e de seus súditos. Destacamos, ainda, que para desenvolver nossas reflexões pretendemos seguir os caminhos da história social, especialmente a partir dos conceitos de ‘longa duração’ e ‘totalidade histórica’ apresentadas por Bloch (2001) e Braudel (2007). Palavras-chave: Intelectuais escolásticos. Formação humana. Governante.

UM ESTUDO ACERCA DA PERMANÊNCIA DE TOMÁS DE AQUINO N’O LIVRO DA VIRTUOSA BENFEITORIA: CONHECIMENTO E TRADIÇÃO ESCOLÁSTICA NO SÉCULO XV PORTUGUÊS

Giovana Rodrigues Gomes (UEM)

Esse trabalho, resultado de um projeto de iniciação científica (PIBIC/CNPQ-FA), tem por objetivo refletir acerca da permanência da tradição escolástica, especialmente dos escritos de Tomás de Aquino, no Livro da Virtuosa Benfeitoria, do Infante Dom Pedro. Sua obra teve como intuito aconselhar seu irmão, Dom Duarte, herdeiro da coroa portuguesa. Para isso, Dom Pedro fundamentou sua proposta nos conhecimentos que possuía de autores da antiguidade e do medievo, entre esses

destaca-se Tomás de Aquino. Sob esse aspecto, intentamos analisar a influência do mestre escolástico para elaboração do conceito de benfeitoria proposto por Dom Pedro em sua obra. Compreendemos que Dom Pedro ao se deparar com questões de seu tempo recorreu a autores de outros tempos para saná-las, embasando-se em seus estudos para construir um projeto de governante. Revela-se, assim, a importância da tradição do conhecimento para elaboração de novos projetos. Salientamos, também, que esse trabalho foi respaldado nos princípios teóricos da História Social, particularmente os de Marc Bloch e Fernand Braudel.

ISLÃ E O MARTÍRIO

Tiago Nunes Pinheiro (UEM)

O objetivo dessa comunicação é analisar a concepção de martírio narrados no Hadith (1999), especificamente de Imam Hussein (626-680) neto do profeta Maomé e seus companheiros no deserto de Karbala, pois acredita-se que este estudo oportunizará a compreensão de como a religião islã, que se difundiu no mundo Árabe no século VII, se tornou um modelo educativo que buscava restaurar e unificar os Árabes que não tinham a mesma religião e muito menos política, separados como clãs, os árabes, facilmente guerreavam entre si. Através da nova religião, do profeta Maomé (571-632), muitos Árabes se unem ao mesmo propósito de fé e política, dado estas informações surge o tema dessa comunicação: 'Pedagogia do Islã por meio do martírio'. É fundamental observarmos que seguimos os trilhos da História Social que se baseiam principalmente nas contribuições da Escola dos Annales para a história e a historiografia. Como base teórica desta pesquisa, utilizaremos, principalmente, a obra História da Civilização na Europa, de François Guizot, e o livro A evolução pedagógica, de Émile Durkheim. Assim, teremos a seguinte estrutura: em primeiro lugar, analisar brevemente a religião Islã, enfatizando a concepção do martírio; em segundo lugar, a educação islã por meio do martírio.

O TEMPO CRISTÃO NA *VISÃO DE TÚNDALO* UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL

Bianca Trindade Messias (UEMA-PPGHIST)

O tempo é uma categoria conceitual que faz parte do currículo escolar da Educação Básica, por meio dele os discentes entendem o tempo histórico e seus significados. Pretende-se analisar o tempo cristão na medievaliedade, esse que era ordenado pelo

Cristianismo e ditava o ritmo da sociedade e projetavam o tempo futuro da preocupação com o pós-morte, e os seus reflexos na construção da geografia do Além Medieval. Utiliza-se como fonte de análise a narrativa *Visão de Túndalo* (séc. XII) um relato de viagem imaginária ao Além-túmulo que revela os destinos finais das almas no pós-morte que são Inferno, Purgatório e Paraíso. A partir desse relato visionário identificamos os anúncios do tempo futuro do pós-morte e as relações temporais entre o passado, presente e o futuro presentes no documento. Assim, a finalidade consiste em refletir sobre o tempo cristão do Além Medieval e as possibilidades de aplicação no Ensino de História Medieval para entender as práticas religiosas salvacionistas e de como ser um bom cristão na Idade Média.

SESSÃO 9 (13/10): IMAGEM NA ANTIGUIDADE E MEDIEVO
Coordenadora: Doutoranda Natasha Nickolly Alhadef Sampaio (UFMA)
Link: https://meet.google.com/vpb-gwnp-apf
DATA: 13/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

"IDE POR TODO O MUNDO, PREGAI O EVANGELHO A TODA CRIATURA": RAMON LLULL (1232-1311)

Natasha Nickolly Alhadef Sampaio Mateus (Bolsista FAPEMA/Doutoranda PPGHIS-UFMA/BRATHAIR)

Esta comunicação tem a finalidade de mostrar o projeto do filósofo Ramon Llull de captação de novos membros para a fé cristã. Utilizam-se como fundamentação teórica trabalhos que versam sobre a História do Imaginário, como Le Goff (1994) e Análise do discurso, Foucault (2000). Para isso, apresenta-se a proposta de conversão, pois o filósofo acreditava que havia de cumprir uma missão de transformar os ditos "infiéis", mulçumanos e judeus, em cristãos, isto é, buscou o fortalecimento da Cristandade por meio de um "Projeto Cristão Imperialista", por isso, traçou estratégias. Por meio de seus escritos, tomou a educação como ferramenta de evangelização para convencer os seus contemporâneos de que anunciava a "verdade", e poderia "salvar as suas almas". A metodologia usada foi um estudo bibliográfico e documental. A pesquisa objetiva analisar o discurso do maiorquino Ramon Llull, em relação às questões educacionais de sua época, e a sua forte preocupação com a evangelização e unificação do cristianismo, em um contexto de expansão de religiões, como o islamismo, o que levou muitos

cristãos a traçar estratégias de conquistas e “regates as almas” dos que professavam outros credos.

Palavras-chave: Ramon Llull. Conversão. Educação.

O HOMEM E A NATUREZA: UMA ANÁLISE DAS CENAS DE COMBATE ENTRE CAVALEIROS E CARACÓIS EM MANUSCRITOS DO SÉCULO XIV

Láisson Menezes Luiz (Doutorando/PPGH-UFG)

O intuito deste trabalho é tecer algumas reflexões sobre certas imagens presentes nas margens de manuscritos medievais produzidos no século XIV, mais especificamente, buscaremos compreender e refletir sobre as cenas em que aparecem cavaleiros medievais lutando contra caracóis. Estas cenas tem despertado a curiosidade de pesquisadores à um bom tempo, muitas teorias e hipóteses foram formuladas na tentativa de explicá-las, mas até o momento, não se tem um consenso sobre os significados dessas imagens em tais manuscritos. O nosso intuito não é resolver este dilema, mas sim, a partir dessas imagens, propor uma reflexão sobre as relações entre as pessoas e a natureza no medievo.

AS IMAGENS DE LÚCIFER NO MANUSCRITO VISÃO DE TÚNDALO E POEMA DIVINA COMÉDIA ATRAVÉS DAS PINTURAS DOS IRMÃOS LIMBOURG (1385-1416) E GUSTAVE DORÉ (1832-1883)

Ricardo Marques de Jesus (UEMA)

O principal exercício proposto é comparar as imagens de Lúcifer, presentes no manuscrito Visão de Túndalo e Divina Comédia, através de pintores como os irmãos Limbourg e Gustave Doré. A ideia consiste em fazer uma relação com as imagens, literárias e imagéticas, procurando suas similaridades e diferenças. Segundo Russel (1984) a figura do Lúcifer dantesco foi inspirada na representação feita pela viagem imaginária Visão de Túndalo, a nossa proposta se limita em analisar tal imagem no texto e nas pinturas dos Limboug e Doré. Os irmãos Limbourg: Paul, Hermann e Johan foram pintores conhecidos do medievo e criaram a popular iluminura “Les Très Riches Heures du duc de Berry” a pedido de Jean de Valois (1340-1416). Na mesma iluminura os Limbourg representaram Lúcifer com características que sugerem uma clara influência do manuscrito do século XII (ZIERER, 2016), preso e torturando almas. Gustave Doré foi um pintor e ilustrador francês do século XIX, teve uma carreira representando as mais diversas obras literárias, dentre as quais

podemos citar; Dom Quixote de La Mancha, Gargântua e Pantagruel, O Paraíso Perdido e a própria Divina Comédia, de Dante Alighieri. Dentre as várias ilustrações que fez do poema de Dante, Doré representou Lúcifer no nono círculo infernal, preso e comendo pecadores. Apesar das diferenças espaciais e temporais, analisaremos como a figura de Lúcifer nas obras Visão de Túndalo e Divina Comédia foram apropriadas e recriadas pelos já citados pintores.

UM DEUS, UMA LEI: AS PERSPECTIVAS POLÍTICAS DO IMPERADOR JUSTINIANO A PARTIR DO CORPUS IURIS CIVILIS

Kelly Cristina da Costa Bezerra de Menezes Mamedes (UFMT/UNIFACC)

Do ponto de vista histórico, o Direito Romano pode ser considerado uma das mais notáveis e duradouras contribuições dos romanos para a civilização ocidental. A maioria das normas básicas e instituições concernentes à organização e regulação da vida socioeconômica que são consideradas essenciais para garantir o que se denomina ‘estado de direito’ na concepção ocidental é fruto do pensamento jurídico romano. Por isso o conhecimento derivado de tal estudo contribui para a compreensão da evolução e o funcionamento dos sistemas e instituições jurídicas contemporâneas enraizadas na lei romana. Aliado a isso, o estudo da história jurídica romana pode fornecer informações valiosas sobre as origens e progresso do direito como fenômeno social e cultural. Dentro dessa longa perspectiva histórica temos como foco central um livro sobre o qual o Ocidente nunca deixou de lançar perguntas e reflexões, uma obra densa em conceitos e história, que se propôs a recompilar mais de mil anos de herança jurídica, e que durante o Renascimento passou a chamar-se Corpus Iuris Civilis. O projeto jurídico de compilação das leis romanas que foi promovido pelo imperador Justiniano no século VI, tinha como proposição uma “majestosa” totalização da experiência jurídica romana, sem lacunas e sem contradições, que aspirava apresentar-se como a plenitude de toda a história do Direito Romano. Associado a isso, o corpus jurídico fazia parte do ambicioso projeto político imperial que visava reconquistar a glória do passado romano, deixando seu nome marcado na posteridade. O objetivo da nossa apresentação é analisar como o Direito Romano se constituiu em um campo se saber e como ele foi apropriado pela política imperial, em especial, o caso de Justiniano no século VI.

FLORES, PRESENÇA E PODER: A REPRESENTAÇÃO DA ROSA NA CONSTRUÇÃO DO PODERIO RÓDIO

Mateus Mateus Mello Araujo da Silva (UFF)

As flores são capazes de evocar um conjunto de associações através da sua experiência multissensorial (com suas variadas formas, cores, texturas e aromas). Essas potencialidades foram extensamente trabalhadas na poesia, desde a Antiguidade, e ressaltam seu poder sedutor. Todavia, como uma flor poderia representar o poder político de uma pólis? Nessa comunicação, analisaremos como a iconografia da rosa (ῥόδον) foi mobilizada para a representação do enraizamento do poderio hegemônico de Rodes (Ῥόδος) na região continental da Cária durante o período helenístico. Partindo da iconografia numismática e passando por timbres anfóricos e pela epigrafia, apresentaremos como os ródios mobilizaram esse signo para representarem sua presença.

SESSÃO 9 (14/10): IMAGEM NA ANTIGUIDADE E MEDIEVO
Coordenadora: Debora Santos Martins (PPGH-UFF)
Link: https://meet.google.com/vpb-gwnp-apf
DATA: 14/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

MEDICINA E ANATOMIA OCULAR: AS ILUSTRAÇÕES E A REPRESENTAÇÃO DO CORPO NA IDADE MÉDIA

Mauricio Ribeiro Damaceno (Doutorando/UFMT-PPG/*Vivarium*)

A análise dos tratados médicos e das ilustrações anatômicas medievais podem proporcionar ao pesquisador, uma experiência única. No final do século XIII e no início do XIV, personagens como Henri de Mondeville e Guy de Chauliac são encontrados não só escrevendo, mas também praticando e lecionando disciplinas como a Anatomia em Estudos como de Montpellier e Paris. Em suas aulas, nem sempre era possível dissecar corpos humanos, em função das dificuldades em consegui-los, sendo necessário o uso de diagramas anatômicos ilustrados e descrições baseadas em observações feitas por autoridades de tempos e lugares diversificados. As contribuições de Hipócrates, Aristóteles, Celsus e Galeno, foram muito frequentes nas abordagens do período, sobretudo, na descrição de partes como os olhos e no trato das doenças oculares. Por se tratarem de órgãos muito complexos com nervos, túnicas e muitas veias, as descrições muitas vezes se divergiam ou permaneceram por séculos. As

permanências podiam revelar a precisão das informações, mas também a insistência em erros. Assim, a proposta desta pesquisa é a de evidenciar através de diagramas ilustrados e de descrições presentes na literatura médica antiga e medieval, as diversas concepções a respeito de partes do corpo humano, tais como os olhos. Essas representações e descrições são vistas aqui, como convites para uma Idade Média livre de amarras, vista a partir da história da medicina, do corpo, da saúde e das doenças.

DO GELO AO FOGO: MUNDO NATURAL E A SUA REPRESENTAÇÃONA MITOLOGIA NÓRDICA

Patrick Zanon Guzzo (Bolsista CNPq/Doutorando/PPGH - UFF)

O estudo dos mitos majoritariamente tem por ênfase os protagonistas destas narrativas. Porém, ao redor destes seres há uma gama de elementos que integram estas narrativas, tendo, pois, que serem também considerados, tal como muitos pesquisadores já perceberam nos últimos tempos. Esta comunicação segue esta tradição ao procurar debruçar-se sobre a geografia sobrenatural dos mitos nórdicos, tendo por recorte analítico alguns dos locais mencionados no poema eddico Völuspá. Busca-se com demonstrar que tais paisagens cumprem um papel importante na constrição do discurso ideológico que este texto encerra e com isso demonstrar a relevância dos objetos de estudo desta natureza, bem como a riqueza de dados e impressões que sua análise podem proporcionar.

A FIGURA DO MESTRE COMO MÉTODO DE ENSINO NA FORMAÇÃO DO CAVALEIRO MEDIEVAL DO SÉCULO XII

Tatiane Graciele Caetano Campos e Conceição Solange Bution Perin (UNESPAR)

O estudo inspirado na Obra Perceval ou o Conto do Graal de Chrétien de Troyes (1135-1185?), está fundamentado na História Social e propõe a compreender o ensino utilizado para a formação do cavaleiro ideal da sociedade francesa do século XII. Nesse contexto, a França do final do século XII, passava por transformações econômicas, políticas e sociais que exigiam um novo modelo de homem para conviver em sociedade e qual seria esse modelo? Para Troyes, o cavaleiro medieval exaltado por seus feitos heroicos, deveria se constituir como um modelo de educação para os homens de seu tempo, mas para isso era preciso formar moralmente esse cavaleiro, com princípios cristãos e valores que contribuíssem para a reorganização da sociedade. Troyes tratou sobre a importância de iniciar a formação na infância, com valores e virtudes

apresentados por meio dos exemplos parentais e posteriormente pelo mestre. O mestre, nesse processo, se constituía como o próprio exemplo a ser seguido pelo pupilo, partindo dos seus conselhos e modelo de como agir e se comportar, ou seja, ele era o exercício de aprendizagem do futuro cavaleiro. Desse modo, a formação do cavaleiro consistia nos ensinamentos teóricos (conselhos orais respaldados nos princípios cristãos), práticos e na obediência disciplinar para seguir esses ensinamentos que culminariam no modelo de homem para o bom convívio social.

Palavras-chave: Formação Moral. Mestre. Cavaleiro. Sociedade.

REFLEXÕES SOBRE JERÔNIMO OSÓRIO SEGUNDO O OLHAR DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Camila Gomes de Oliveira (UEM)

Neste estudo temos como objetivo analisar a concepção de governante e a formação do homem apresentado pelo intelectual português Jerônimo Osório (1506-1580) do século XVI. A pesquisa tem como fonte a obra Tratados da Nobreza Civil e Cristã (1542) e um conjunto de cinco cartas do mesmo autor compiladas sob o título de Cartas Portuguesas (1819). Observamos, de início, que este estudo insere-se na Linha de História e Historiografia da Educação. Para análise das fontes, a pesquisa se pautará em três intelectuais que escreveram conselhos aos governantes: João Quidort (1255-1306), Egídio Romano (1247-1316) e Marsílio de Pádua (1275-1342). Destaca-se, também, que a pesquisa se pautará nos escritos teóricos de François Guizot, Marc Bloch, Fernand Braudel, que formam uma base para compreendermos a importância da história e da historiografia no âmbito da educação. Palavras-chave: Jerônimo Osório; Humanista; Intelectual; História da Educação Medieval.

O VERBO SE FEZ CARNE: INFLUÊNCIAS GRECO-ROMANAS NA FORMAÇÃO IMAGÉTICA DE CRISTO (SÉC. III-V EC)

Carla Vieira Siqueira (Universidade Federal de Alfenas)

O presente estudo, com caráter inicial, tenciona uma análise acerca da formação iconográfica de Cristo, entre os séculos III a V EC, momento conhecido como Arte Paleocristã. Tendo em vista que a imagética religiosa dispõe de diferentes reproduções para o tema, fruto da inexistência de um modelo único durante a Antiguidade, nossa atenção centrar-se-á nas imagens que possuem aspectos de apropriação da cultura

greco-romana em sua elaboração, encontradas no ambiente funerário das catacumbas cristãs de Roma, Itália.

SESSÃO 9 (15/10): IMAGEM NA ANTIGUIDADE E MEDIEVO
Coordenadora: André Pelegrinelli (Doutorando em História Social pela USP em co-tutela com a Sapienza di Roma, Bolsista FAPESP)
Link: https://meet.google.com/vpb-gwnp-apf
DATA: 15/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

O ACERVO DA RESERVA TÉCNICA ARQUEOLÓGICA DA UNIR: O USO DAS IMAGENS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Glenda Maria Bastos Félix (Universidade Federal de Rondônia)

Este trabalho tem por objetivo propor um diálogo entre o ensino de história e a arqueologia, de forma a colaborar com novas perspectivas de abordagem do protagonismo das sociedades antigas da Amazônia. O passado indígena é considerado algo distante pela maior parte da população, que não se reconhece como descendente dessa história e, que muitas vezes, nega qualquer tipo de relação com esse passado. Na arqueologia chamamos de Reserva Técnica o espaço de guarda dos acervos arqueológicos que estão acondicionados em ambiente com controle de temperatura, umidade e luminosidade, para melhor conservação deste acervo. Muito se tem discutido nos dias de hoje em se apropriar do espaço da reserva técnica como um espaço para extroversão do patrimônio arqueológico. De maneira generalista, os objetos selecionados para uma exposição geralmente são os artefatos que mais chamam atenção aos olhos, ao passo que fragmentos e demais objetos que são categorizados como menos interessantes, ficam guardados nas reservas técnicas, sem ao menos ter a oportunidade de mostrar sua relevância e importância, que vai muito além do que os olhos podem ver. Devemos observar as coleções arqueológicas com uma ótica ampliada, contemplando de maneira integral seus acervos por meio da interdisciplinaridade, de forma que a Amazônia seja melhor representada e mostrada, não somente no contexto geral, mas dando protagonismo as especificidades que cada região Amazônica possui, neste caso, analisaremos uma parte do Acervo da Reserva Técnica da UNIR. Palavras-chave: Rondônia; Amazônia; artefatos arqueológicos.

A MORTE EM IMAGENS: UMA ANÁLISE DOS RITUAIS DE PSYCHAGŌGÓS NA ICONOGRAFIA ÁTICA

Lennyse Teixeira Bandeira (Doutoranda/PPGHC-UFRJ)

O estudo sobre a morte analisa a ocasião na qual os grupos sociais produzem a sua reprodução, tanto nos aspectos simbólicos, ideológicos e culturais, como também nas estruturas sociais e econômicas. A maneira como as sociedades lidam com a morte e o luto, revela as suas crenças em um mundo post-mortem. Na sociedade grega, a adivinhação era a resposta de muitas perguntas para aqueles que ficaram. Os gregos recorriam às práticas mágicas porque acreditavam que os deuses estavam dispostos a se comunicar com os mortais, e essa comunicação era organizada através de práticas ritualísticas. Neste trabalho, buscamos destacar a rica contribuição da imagem e da cultura material para os estudos da antiguidade grega e analisar através da iconografia ática, os rituais de psychagōgós na Grécia Antiga, que trata-se de práticas de consulta aos mortos cujo objetivo é obter informações sobre o futuro. Nessa perspectiva, Pauline Schmitt Pantel (2013, p. 9) destaca que o historiador por ter muito mais familiaridade com documentos escritos, ao se deparar com os testemunhos formados pela imagética de um vaso cerâmico grego, encontra diversas dificuldades e ressalta que a mesma exigência crítica ao analisar uma documentação literária, deve ser aplicada à documentação imagética, fazendo o historiador questionar-se sobre o que a imagem quer ensinar e compreender as formas de comunicação no seio da cultura que produziu o vaso e a sua pintura. Palavras-Chave: Grécia Antiga; Morte; Psychagōgós; Imagem.

O CORPO SANTIFICADO – ENSAIO SOBRE A DISCIPLINA CORPORAL EM SANTA CLARA DE ASSIS

Arilla Nicolle da Costa (Universidade Federal do Pará)

Ao longo do tempo parte da historiografia buscou apresentar o período medieval como um tempo de escuridão e de estagnação do conhecimento, visão que acabou se perpetuando em alguns livros didáticos no Brasil. No entanto, com desenvolver da própria história como ciência, surgiram estudos que nos apresentam a Idade Média como produtora do conhecimento. Em A Idade Média e o nascimento do Ocidente, Hilário Franco Júnior (2006), nos dá uma noção sobre essa ideia a posteriori de como os séculos são chamados. Segundo o medievalista, a Idade Antiga ou Média, apresenta uma necessidade em se colocar nome ao passado, foi no século XVI que se elaborou tal conceito.Partindo da ideia defendida por Franco Júnior, podemos compreender que

alguns estudos sobre o período medieval se devem por conta de um pensamento positivista e “incompleto” da História. A compreensão dos fatos, objetos e processos históricos passa pelo discurso da historiografia, ou seja, pela reconstrução e interpretação dos fatos. Através destes discursos compreendem-se as várias perspectivas, possibilidades, que devem ser concebidas a respeito da Idade Média. Nesta mesma perspectiva, em A civilização feudal, Jérôme Baschet (2006), apresenta uma análise sobre a Idade Média, mostrando que há uma falsa ideia sobre a mesma, tratando-a como período de trevas e obscurantismo. A visão estabelecida é de um julgamento feito no presente, em que pode ser exaltado destacando suas especificidades, e/ ou deslustra, associando as ideias de barbárie, intolerância, desorganização política e retrocesso econômico. A Idade Média está no centro de duas idades: antiga e moderna, deste modo no meio destes dois espaços históricos é colocada ou mencionada de forma grotesca e sem sua real interpretação historiográfica. Por mais que sejam as menções feitas errôneas sobre este período, cabe aos estudiosos averiguar sobre sua importância. Assim, deve-se estudar de forma coerente, para aos poucos extinguir a ideia de que foi um período de estagnação ou de trevas, mas que teve/tem grande importância para a construção da historiografia. E uma das áreas que precisam do nosso olhar é a história das mulheres neste período, pois muitos dos nossos costumes vieram deste espaço historiográfico, o modo como rezamos, os gestos que articulamos, posturas e afins. É importante ressaltamos dentro da historiografia que as mulheres tiveram papéis ativos durante a Idade Média, mesmo numa sociedade predominantemente patriarcal, com valores definidos sobre o papel da mulher neste espaço de tempo. Na década de 1960, teve início o movimento feminista, que despertou interesse em se estudar sobre a história das mulheres. Em 1970, Michelle Perrot, começa seus estudos sobre as mulheres, desenvolvendo os debates sobre a ausência e resistências das mesmas. Segundo André Candido da Silva (2014), a representação do feminino no contexto medieval, refere-se a mulher como inferior e submissa ao homem, a Igreja católica oficializou essas teorias como forma de estabelecer seu poder e controle das mulheres, com isto elas tenderam a estar a margem da sociedade e sendo apontadas como indivíduo que deveria gerar filhos. A vida religiosa feminina na Idade Média tem peculiaridades que nos chamam atenção, principalmente pelas suas práticas e do quanto as mulheres estavam dispostas a abdicar de tantas coisa, para levar uma vida sem luxo algum, mas com o único desejo de estar em comunhão com o sagrado, seguindo a vida monástica de acordo com que lhe era ordenado. O que nos fez perceber o modo como

tais mulheres se comportavam naquele período (século XIII), e de que maneira a sociedade estava passando por esse processo. Deste modo destacamos a vida monástica e/ou regrada feminina, pois durante o século XIII, houve uma entrada considerável de mulheres nos mosteiros espalhados pela Europa. Mesmo elas sendo vistas como inferiores aos homens naquele contexto, elas continuavam participando deste processo histórico de maior abertura do campo espiritual e religioso cristão, porém ainda carregado de discursos misóginos. O movimento feminino em direção à vida eclesial foi contundente e contribuiu para alterar a espiritualidade do ocidente medieval (VAUCHEZ, 1995). No âmbito deste tema mais amplo e no contexto do século XIII, nos chamou atenção a vida de Clara de Assis, que foi uma das primeiras a ingressar no movimento franciscano. Pois foi uma mulher que teve um papel de destaque neste período, a mesma iniciou com a Segunda Ordem Franciscana, escreveu uma Regra monástica, há relatos de milagres em vida e após sua morte, e após dois anos de seu falecimento foi canonizada pela Igreja romana. Tais aspectos da vida e da morte de Clara foram registrados em textos e documentos daquele período histórico, sendo explorados e analisados na historiografia até os dias atuais. A história cultural abriu espaço para a pluralidade e a diversidade nas abordagens historiográficas, abrangendo dimensões da sociedade e objetos de pesquisa que anteriormente não eram tão explorados pelos historiadores. No presente trabalho a história cultural está diretamente relacionada com a abordagem sobre a vida da Santa Clara de Assis e com a análise das práticas e das representações do corpo na Idade Média, mais especificamente do século XIII. Como objetivos, procurei entender como Clara de Assis comportava-se diante dos exercícios corporais perante a Ordem no seu cotidiano; problematizar a história de Clara de Assis no período Medieval, através da História Cultural; perceber através da análise documental as formas de exercício corporal; compreender a relação que Clara de Assis tinha com seu próprio corpo, buscando entender a forma pela qual se mortificava. A fonte primária desta pesquisa é a Regra monástica de Clara de Assis, que está transcrita na publicação intitulada Fontes Franciscanas II, uma coletânea de fontes contendo escritos, biografias e documentos vinculados aos primeiros franciscanos, todos traduzidos para a língua portuguesa. Em nossa pesquisa foi utilizada a 2ª edição do livro, publicado pela editora Franciscana Braga em 1996. Tal edição foi enriquecida com a inclusão de documentos importantes para explorar o primeiro século de formação da Ordem Franciscana e a atuação de Clara naquele contexto: Processo de Canonização, Legenda Versificada, Regra de Hugolino, Regra de Inocêncio IV, Regra de Urbano IV e

Regra de São Bento. Para a análise da Regra monástica de Clara utilizamos o método histórico de identificar o individual, partindo do coletivo, pois sua Regra configura um discurso para toda comunidade eclesial de São Damião das irmãs menores. Tomando como base as reflexões de Júlio Arostégui partimos primeiramente para identificar o coletivo, para que depois pudéssemos chegar ao indivíduo: Clara de Assis. Deste modo analisamos o corpo de Clara de Assis na sua própria regra, ressaltando a importância de se estudar o corpo da mulher como representação social. As mulheres deveriam seguir com rigidez o que lhe impusessem, "as religiosas (...) tinham que se submeter a uma vida na qual gestos, palavras e roupas eram minuciosamente controlados" (SILVA, 2006, p.2-3). Partindo deste pressuposto temos a exemplificação de como as mulheres deveriam se comportar, sendo obedientes. Sobre esta análise (SILVA, 2006) conclui que o corpo feminino, no caso de Santa Clara de Assis é diferente dos homens, pois a Igreja faz esta diferença partindo do sexo, ou seja, do fator biológico, como denota na fala de Tânia Navarro Swaim: "diga-me o teu sexo e te direi quem és e, sobretudo, o que vales" (SWAIN, 2000, p. 58 apud, SILVA, 2006, p. 3). É importante observamos, como o sexo do indivíduo o representa na sociedade, principalmente durante o período medieval, onde as mulheres estavam em silêncio, e seus corpos sendo disciplinados, Valéria Fernandes discorre: (...) a prática discursiva dos Papas irá agir sobre o corpo do religioso, primeiro definindo-a como feminino e atribuindo lhe uma série de sentidos a partir disso, a primeira constatação. O discurso permeado por questões de gênero irá moldar os corpos, limitando, pelo fato de serem feminino (SILVA, 2006, p. 6). Após identificar os sujeitos na fonte primária, foi preciso utilizar outras fontes para ampliar a análise: a Legenda e o Processo de Canonização. A análise paralela dessas fontes deu maior suporte para verificar sobre a questão do corpo e das penitências que foram atribuídas a Clara de Assis, usando o mesmo método de análise que foi empregado para a Regra monástica. As fontes nos deram à luz para analisarmos de forma interna sobre as penitências corporais de Clara. Para que isso fosse possível, foram estudadas as formas de mortificação do corpo, como a sociedade medieval a enxergava, de modo que pudéssemos entender a mentalidade e a cultura a respeito do corpo, principalmente o da mulher. Ao longo deste trabalho apresentando, buscou-se analisar as formas com as quais Santa Clara fazia uso do seu corpo para estar mais próxima de Cristo e daquilo o que lhe era propício que fizesse. Ou seja, as fontes nos deram à luz para analisarmos de forma interna sobre as penitências corporais de Clara. Para que isso fosse possível, foram estudadas as formas de mortificação do corpo, como a sociedade medieval a

enxergava, de modo que pudéssemos entender a mentalidade e a cultura a respeito do corpo, principalmente o da mulher. Portanto, as práticas corporais no período analisado, nos revelam que era algo comum nos mosteiros, pois desta forma estariam limpos dos pecados. Este comportamento, não era feito somente por Clara, outras mulheres como Santa Catarina de Sena, Marie d' Oignies, Margarida de Cortona e Ângela Foligno, também o faziam. Assim como frades da Ordem dos Pregadores. Essas práticas, tinham um papel de fazer expiação dos pecados na vida de Clara de Assis, estando vinculado com a espiritualidade cristã, no século XIII, pois desde a Antiguidade tardia, a purgação dos pecados era um modo de controle no meio clerical ou secular. Clara, ao colocar as formas de penitência na sua Regra, buscava contribuir para que os ideais franciscanos fossem contínuos, ou seja, a manutenção de uma forma vivendi.

A IMAGEM DO TEMPO, DE ROMA E DA IGREJA: A PARTIR DO PONTO DE VISTA DE GIL VICENTE NO AUTO DA FEIRA E NO AUTO DA ALMA (SÉC. XV-XVI)

Andreia Karine Duarte (PPGHIS - UFMA)

Gil Vicente foi um prestigiado dramaturgo que exerceu diversas funções nas cortes de D. Manuel e D. João III, entre o final do século XV e início do XVI. Apesar das incertezas em relação à biografia do poeta, toda a sua obra reflete seus principais apontamentos sobre a sociedade portuguesa e o seu tempo de descobrimentos e renascimentos. O Auto da Alma é uma peça de teor moralizante que faz uma exaltação à imagem da Igreja. A peça é recheada de referências e personalidades cristãs e conta a trajetória no Além da alegoria Alma que se despede de uma vida errante em direção à santa estalajadeira (a Igreja) Já no Auto da Feira toda a cena se passa em um espaço onde se ocorriam vendas. Nessa peça verificaremos nas alegorias, Roma (o papado) e o Tempo quais eram as percepções de Gil Vicente para essas representações. O teatro vicentino apesar de sua intenção ligada ao entretenimento buscava fomentar a reflexão levando ensinamentos moralizantes aos seus espectadores. Como um católico convicto, Gil Vicente refletia em suas peças não apenas seus desejos conservadores sobre os comportamentos como também suas peças revelam certa simpatia do dramaturgo em defesa de uma imagem social desconexa com as aspirações reais dos indivíduos daquele tempo em Portugal.

KÊTOS E SUAS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS

Dra. Camila Alves Jourdan (UFF)

A monstruosidade marinha kêtos é referenciado, na documentação textual, desde a obra homérica "Ilíada". Com pouquíssimas indicações sobre sua forma física, os pintores de vasos de cerâmica helênica dos períodos arcaico e clássico investiram em diferentes formas de representá-lo. Neste sentido, nossa comunicação pretende analisar os distintos signos que indicam a presença de um kêtos em cena, considerando sobretudo sua relação com o aspecto marinho. Para tanto, faremos uso de comparação entre diferentes suportes de informações (imagético, textual e epigramático).

SESSÃO 10 (15/10): ECONOMIA, FINANÇAS E TRABALHO NA ROMA ANTIGA

Coordenação: Prof. Dr. Deivid Valério Gaia - LHIA/UFRJ
Link: https://meet.google.com/vpc-ojvu-krp
DATA: 15/10/2021
Horário: 8:00H – 10:00H
Local: Google Meet

O QUE SE CONSTRÓI NO SILÊNCIO: HIPÓTESES ECONÔMICAS PARA O LAPSO DE TROCAS EPISTOLARES DE JERÔNIMO ENTRE 386 E 392

Amanda Reis dos Santos

Monge do deserto, asceta, eremita, presbítero, epistológrafo, satirista, biógrafo, tradutor, exegeta e até *Doutor da Igreja*, os epítetos que qualificam Jerônimo de Estridão são bastante plurais – tanto na documentação a ele contemporânea quanto na posterior, e também na historiografia. Apesar de sua popularidade, historiadores como Andrew Cain (2009, 2017) têm argumentado que, em seu próprio tempo, é provável que esta fama fosse apenas relativa e, sobretudo, usada nos próprios escritos do estridonense como um *topos* literário para atrair atenção para si mesmo. Exposto isso, a presente comunicação tem por objetivo explicitar a hipótese de que Jerônimo de Estridão utilizava seu epistolário para fins propagandísticos – em especial, entre as mulheres do Círculo do Aventino. Com isso, procurar-se-á apresentar possíveis causas que expliquem o lapso de trocas epistolares entre 386 – ano em que partira de Roma após um imbróglio com a elite local – e 392 – quando este contato foi retomado a partir de Belém. Dar-se-á peso a hipóteses econômicas, lançando mão de um catálogo e da *História Cruzada* como aportes metodológicos de pesquisa".

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TROCAS COMERCIAIS NA VILLA A PARTIR DA LEITURA DOS TRATADOS DE CATÃO, VARRÃO E COLUMELLA

Doutoranda Fabiana Martins Nascimento (PPGHC - LHIA/UFRJ)

A agricultura sempre ocupou lugar central na economia romana. A chamada *uilla* constitui elemento fundamental para compreensão dessa centralidade. Caracterizada como um tipo de propriedade agrícola pertencente à elite romana com produção orientada para o mercado, esta se tornou cada vez mais comum a partir do século II a.C., mantendo-se como importante unidade de exploração da terra até o século II d.C. Os tratados de Catão, Varrão e Columella se referem aos meandros da administração da *uilla* e parte de suas orientações se direcionam a tratar a respeito de suas trocas comerciais. A presente comunicação tem por objetivo, portanto, analisar essas orientações de modo a discutir como as ideias apresentadas pelos autores em seus tratados se afastam da pretensa ideia de autossuficiência que caracterizaria *a priori* a produção agrícola romana, tal como argumentaram alguns estudiosos que se debruçaram na análise das características da economia da referida sociedade.

ECONOMIA E FINANÇAS NOS SÉCULOS IV E V: UMA ANÁLISE A PARTIR DA DOCUMENTAÇÃO JURÍDICA

Mestrando Ian Ferreira Bonze (PPGHC - LHIA/UFRJ)

Durante muito tempo, a produção historiográfica no campo da História Econômica considerou os séculos posteriores à crise monetária e inflacionária do século III como um período de regressão à uma economia desmonetizada, voltada para a prática de trocas de produtos agrícolas. Contudo, as pesquisas das últimas décadas, sejam historiográficas, arqueológicas, filológicas, epigráficas, numismáticas, entre outras, têm demonstrado uma ruptura com esse modelo histórico, não só indicando a existência de uma economia ainda mais monetizada, como também repensando a própria noção de "crise do século III". Tomando como ponto de partida a intensa monetização da economia dos séculos IV e V – que impactou a vida financeira privada – e o papel desempenhado pelos poderes públicos na tentativa de remediar as crises por meio de leis regionais e decretos imperiais, analisaremos a documentação jurídica compilada no *Código Teodosiano*. Dessa forma, a presente comunicação tem por objetivo discutir não só a continuidade das relações financeiras no início da Antiguidade Tardia, mas também sua intensificação, tendo como base o Direito Romano.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE TRABALHO E DISCIPLINA NA REGRA DA COMUNIDADE (1QS) DOS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

Graduando Victor Lisbôa da Fonseca Santos (LHIA/UFRJ)

Resumo: O Corpus documental conhecido como Manuscritos do Mar Morto tem sua autoria atribuída a um grupo judeu essênio que, entre os séculos II a.C. e I d.C., viveu em uma comunidade na região de Qumran, próximo ao Mar Morto. Desvinculados do culto em Jerusalém, esse grupo opta por uma vida religiosa cenobítica, que consistia em orações, refeições, estudos, deliberações e trabalho. Para tal, os essênios do Mar Morto possuíam uma regra rígida de vida, que pode ser encontrada em um pergaminho específico, intitulado *A Regra da Comunidade (1QS)*. Ao entrar no grupo, os neófitos eram analisados quanto à sua aptidão para a disciplina, isto é, em seguir a regra em todos os seus preceitos, bem como a renúncia à sua vida privada, o que envolvia as suas propriedades e bens, em prol da vida em comum nas orações, no trabalho e nas refeições. Portanto, o objetivo desta comunicação é apresentar considerações iniciais acerca do conceito de trabalho e de disciplina a partir da análise da *Regra da Comunidade (1QS)*, uma vez que essas categorias possuem um lugar de destaque na vida comunitária dos essênios.

AMIZADE E FINANÇAS NAS CARTAS DE CÍCERO

Mestranda Mayan Rodrigues Melo Braga (PPGHC - LHIA/UFRJ)

A comunicação tem como objetivo traçar uma discussão acerca da importância da *amicitia* para o desenvolvimento da vida financeira romana no último século republicano, a partir da análise das *Epistulae ad Atticum* e das *Epistulae ad Familiares*, de Cícero. Para isso, abordaremos os conceitos de amizade e finanças e suas correlações, resgatando os estudos de autores como Peter Brunt, David Konstan, Konraad Verboven e Jean Andreau, entre outros. Daremos atenção, em especial, à forma pela qual as finanças fazem parte de uma economia moral que extrapola o nível das relações diáticas, analisando, como estudo de caso, as conexões sociais e financeiras entre Cícero, Pompeu e Públio Lêntulo.

EMPRESTADORAS DE DINHEIRO EM ROMA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PALAVRA FAENERATRIX

Prof. Dr. Deivid Valério Gaia (LHIA/UFRJ)

As atividades ligadas ao empréstimo de dinheiro eram tão comuns em Roma que encontramos alguns casos importantes de mulheres que emprestavam dinheiro a juros. Elas eram conhecidas como *faeneratrices*. A palavra latina *faeneratrix*, formada por *faenus* (juros) e *atrix*, designa uma mulher especializada no empréstimo de dinheiro a juros. Essa emprestadora de dinheiro era, assim como o *faenerator*, uma profissional. O termo também era utilizado de modo pejorativo, haja vista que, em Roma, emprestar dinheiro a juros não era uma honraria. No mundo romano, sobretudo na região de Roma, as mulheres tinham um espaço relevante no mundo dos negócios e das finanças que, infelizmente, é pouco explorado pela historiografia contemporânea. Na própria Antiguidade, como esse tema não gozava de prestígio dentro da sociedade, os autores pouco escreveram sobre essas mulheres, e somente temos acesso a essas atividades econômicas e financeiras femininas por meio de passagens indiretas, metafóricas e pejorativas. Nesse sentido, diante dessa lacuna na historiografia, o objetivo dessa comunicação é apresentar uma discussão sobre o termo e a atividade financeira da *faeneratrix* a partir da documentação republicana e imperial romanas.

MONITORES

NOMES	
1	Ariane Rodrigues Reis - UEMA
2	Brenda Regina Mota - UEMA
3	Brenno Carlos Silva Cidreira - UEMA
4	Carlos Augusto Lima Barros - UEMA
5	Cleonilson Ribeiro - UEMA
6	Felipe Martins Pereira - UEMA
7	Filipe Nunes Chaves Campos- UEMA
8	Laura Milena Garcez Serra - UEMA
9	Larissa Batista - UEMA
10	Lucas Antonio Meireles Nascimento - UEMA
11	Luís Carlos Cantanhede Santos Junior - UEMA
12	Mayara Vanessa da Silva Ferreira - UEMA
13	Paulo Henrique Silva Bezerra- UFMA
14	Ricardo Marques de Jesus - UEMA

UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

INTERNACIONAIS

Universidade do Porto

Universidade Nova de Lisboa

Universidade de Santiago de Compostela

NACIONAIS

IFMA - Instituto Federal do Maranhão

IFPA- Instituto Federal do Pará

UNITOLEDO- Centro Universitário Toledo

IESF- Instituto de Ensino de Superior Franciscano

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF – Universidade Federal Fluminense

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UNIFAL-MG- Universidade Federal de Alfenas

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UFRPE- Universidade Federal Rural de Pernambuco

UNB – Universidade de Brasília

UNIOESTE- Universidade Estadual do Oeste do Paraná

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

USP – Universidade de São Paulo

UPE - Universidade de Pernambuco